

**JAYME DE FIGUEIREDO**

**Distinguido pela Comissão Censitária Nacional com  
o "Premio Bayer" do Recenseamento de 1940,**

*reuniu :*

**COISAS QUE ACONTECEM  
NUM  
RECENSEAMENTO**

(2.<sup>a</sup> Edição)

**RIO DE JANEIRO**

**1959**

## ÍNDICE

CAP.	Título	Pág.
I	Apresentação:	
	a) Prefácio .....	9
	b) Nota prévia da 1. <sup>a</sup> edição .....	11
II	Canção do Ibgeano .....	15
III	Para que serve o Recenseamento .....	19
IV	O fanatismo e a ignorância lutaram contra os Censos	35
V	E os violeiros do sertão cooperaram .....	51
VI	Honremos a quem lutou pelos Censos .....	65
VII	Poesias que o Censo motivou .....	77
VIII	O Recenseamento na música popular .....	95
IX	Sessenta anedotas Censitárias .....	105
X	Legendas de propaganda .....	147

**I**

## **Apresentação**

- a) **Prefácio**
- b) **Nota prévia da 1.ª edição**

## PREFÁCIO

*Giorgio Mortara*



**S**OLICITANDO-ME algumas palavras de apresentação para a segunda edição do seu livro, intitulado "Poesias, Músicas e Histórias do Recenseamento de 1940", agora divulgado sob o título de "Coisas que acontecem num Recenseamento", o amigo Jayme de Figueiredo pôs-me em sério embaraço, pois êle, nas páginas da primeira edição, aprecia com tamanha generosidade minhas modestas contribuições para a Estatística brasileira, que tôda minha expressão de louvor para a sua obra poderia parecer apenas uma retribuição de cumprimentos ou uma homenagem convencional.

Todavia, cumpre-me vencer essa hesitação, sendo um dever para os apóstolos da mesma fé encorajar-se reciprocamente na luta contra a incredulidade. Com efeito, a simpatia que nos liga, a mim e ao Jayme, é apenas um reflexo da comunhão de sentimentos, que surgiu e se consolidou durante nossa colaboração nos trabalhos do Recenseamento de 1940.

Pela intuição, primeiro, e pela experiência, depois, Jayme de Figueiredo compreendeu que a participação esclarecida de todo o povo é condição indispensável para o êxito dêsses colossais inventários nacionais de pessoas e de coisas, de forças e de fraquezas, de riquezas e de misérias, que são os modernos Recenseamentos. E compreendeu, ainda, que essa participação constitui um dever cívico de primeira importância.

Êle faz todo o possível para que o leitor se torne participe dessa sua compreensão e possa, por sua vez, converter-se em propagador eficaz.

A exposição das dificuldades e das oposições, que foram enfrentadas, e em grande parte superadas, na realização dos últimos Recenseamentos, visa sobretudo divulgar o conhecimento dos verdadeiros objetivos da operação censitária, dissi-

*pando preconceitos, que — embora pareça incrível sua sobrevivência em pleno século XX — se mantêm fortemente enraizados nos intelectos menos cultos.*

*De outro lado, tendo o próprio autor participado não somente nos trabalhos de levantamento dos censos, como também nos de apuração e nos de análise dos resultados, está habilitado a pôr em relêvo a importância das pesquisas que podem ser efetuadas com o auxílio desses resultados: pesquisas úteis, e muitas vêzes indispensáveis, para a orientação da administração pública, dos homens de estudos e dos homens de negócios.*

*O livro de Jayme de Figueiredo, coletânea de fatos, impressões e comentários, não tem pretensões científicas nem literárias; apresenta-se modesto e sorridente, quase uma imagem do próprio autor. Mas, das suas páginas, poderá tirar algum ensinamento o cientista, alguma inspiração o literato; e o político e o moralista, também, poderão aprender alguma coisa. "Castigat ridendo mores". Eu ousaria dizer que o caráter dominante da obra é o pedagógico; mas ela se torna interessante, do ponto de vista social, para o sociólogo, o demógrafo e o folclorista.*

*Julgo oportuna a divulgação dessa segunda edição na véspera de novo recenseamento, pois ela poderá trazer uma contribuição não desprezível para o esclarecimento dos objetivos visados e contribuir sobremodo para o êxito desse grande empreendimento, a que de novo se lança o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.*

*Expressão, ao mesmo tempo, de um intelecto maduro e de um coração entusiasta, a palavra de Jayme de Figueiredo será ouvida, e entendida pelo povo do Brasil.*

## NOTA PRÉVIA DA 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO



*O publicarmos esta resenha de poesias e de histórias, surgidas no decorrer da campanha censitária de 1940, não visamos a outro objetivo senão o de demonstrar o quanto a idéia da necessidade dos Recenseamentos já está integrada na índole e no espírito popular brasileiro.*

*Pretendemos, com esta publicação, mostrar o caráter e a missão verdadeiramente desbravadora da propaganda censitária, à qual se deve a criação desse ambiente favorável aos futuros Recenseamentos do país.*

*Na fase mais intensa dessa propaganda, surgiram de toda parte cartazes, alegorias, "shorts" cinematográficos, e, com maior incidência no interior, apareceram trovas, sonetos, versos de toda espécie, ligeiros atos dramáticos, "sketches", marchas, sambas e hinos alegóricos cuja perda seria de lastimar.*

*Este patrimônio literário pode ser focalizado, porque, inteiramente alheio aos dados censitários, protegidos pelo sigilo inviolável determinado por lei, não prejudicará nem molestará quem quer que seja.*

*Certos incidentes de caráter mais sério que nêles aparecem, não têm absolutamente nenhuma ligação com os questionários, dos quais não constam direta ou indiretamente, e cuja identificação, apesar disso, foi nessas ocasiões, propositadamente impossibilitada.*

*Em certas passagens, narrando determinados fatos, conscientemente nos sujeitamos aos apodos e às críticas de certos elementos jacobinos, que, tementes dos juízos estrangeiros, preferem ocultar as lacunas nacionais a expô-las sincera e lealmente a quem possa, deva ou queira estudá-las para corrigi-las.*

*O enaltecimento da função dos Agentes Recenseadores e demais funcionários do Serviço Nacional de Recenseamento, foi outra tarefa a que nos propusemos quando ideamos esta*

*publicação. Qualquer bem que seja promovido em consequência dela, nos pagará de sobra os trabalhos, os aborrecimentos e as incompreensões que tivemos de enfrentar, para compilar e publicar esta obra. O pouco que êste apanhado de fatos censitários facilite ao desenrolar dos próximos Recenseamentos, será para nós motivo de orgulhoso regosijo.*

*O autor.*

**II**

**Canção do Ibgeano**

**Letra e musica  
de  
Jayme de Figueiredo**

Ibgeano, alerta!  
De pé pelo Brasil  
Com a mente bem desperta  
Com flama varonil

} Estribilho  
(bis)

I) — Ibgeanos nós somos unidos  
Cultuamos a sã Fraternidade!  
Desde o mar aos rincões mais perdidos  
Nos congrega uma estreita amizade.  
Temos fibra de bons pioneiros  
Ante nós tôda a Pátria se descerra,  
Sempre fomos leais companheiros,  
No trabalho e no amor a nossa Terra!

II) — Brasileiros nós somos fiéis,  
Nós formamos um exército civil,  
Nossos órgãos são como quartéis,  
Vigiando o porvir do Brasil!  
Não há mata, cidade ou sertão  
Onde nós não tenhamos nossa gente,  
Onde impera o auriverde pendão  
Um dos nossos é certo estar presente!

III) — Repelimos o Erro e a Mentira,  
O Brasil nos compete retratar,  
Não importa a verdade a quem fira,  
Indicamos o rumo a trilhar.  
Auscultamos a marcha da História,  
Pesquisando sem tréguas a Verdade;  
Nosso anseio maior, nossa Glória,  
É trazer ao Brasil Felicidade!

# CANÇÃO DO IBGEANO

AUTORIA DE JAYME DE FIGUEIREDO

The first system of the musical score consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a 4/4 time signature. It begins with a treble clef, a key signature change to one flat, and a 4/4 time signature. The lower staff is in bass clef with a key signature of one flat and a 4/4 time signature. It begins with a bass clef, a key signature change to one flat, and a 4/4 time signature. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. A section marked 'A' is indicated at the beginning of the upper staff. The word 'canto' is written above the lower staff in two locations.

The second system of the musical score consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one flat and a 4/4 time signature. It begins with a treble clef, a key signature change to one flat, and a 4/4 time signature. The lower staff is in bass clef with a key signature of one flat and a 4/4 time signature. It begins with a bass clef, a key signature change to one flat, and a 4/4 time signature. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. A section marked 'A' is indicated at the beginning of the upper staff. The word 'canto' is written above the lower staff in two locations.

# III

## Para que serve o Recenseamento

Propaganda elaborada pela equipe de publicidade do Serviço Nacional de Recenseamento para livre divulgação intensiva por ocasião das Campanhas Censitárias

## 1. O CENSO ATRAVÉS DOS TEMPOS



RECENSEAMENTO é uma operação que vem das mais distantes eras. Na China, 2 238 A.C., o imperador Yao já determinava o levantamento da população. No Egito, o mesmo era feito, 1 400 A.C., pelo Faraó Ramsés II. Medida idêntica era tomada por Licurgo, na Grécia antiga, para contagem dos lacedemônios e espartanos. Não é, portanto, coisa nova proceder-se ao recenseamento de um país. E foi mesmo para estarem presentes na terra natal, a fim de aí serem recenseados, de acôrdo com as leis do tempo, que José e Maria fizeram a viagem a Belém, onde nasceria Jesus.

Com o correr dos dias, acompanhando a evolução social, foram os censos perdendo as características primitivas, bem outras sendo hoje as suas finalidades. Originariamente, eram êles promovidos para contagem dos homens com aptidões para a guerra, instituição de leis que aumentassem o tributo dos súditos e determinação das condições políticas dos habitantes do país. Esse caráter o tiveram pelo menos os censos dos hebreus, gregos e romanos e os chamados censos medievais. Modernamente, os recenseamentos são promovidos com fins bem diversos, pois visam, na coleta de informações, à obtenção de dados que, interpretados mediante os recursos do método estatístico, permitem o conhecimento da regularidade dos fenômenos investigados, suas leis de tendência e, destarte, oferecem indicações seguras, capazes de bem orientar os governos e os particulares em suas iniciativas e empreendimentos. Têm um caráter social, econômico e científico, afastadas, fundamentalmente, quaisquer finalidades militares, fiscais ou políticas.

Apesar disso, ficou na memória dos povos um resíduo dos recuados tempos. A hora dos censos, ainda há quem fale em aumento de impostos e em recrutamento. Vale ressaltar, neste passo, que os resultados das operações censitárias não os guardam os governos para uso próprio. Êles as promovem

em benefício da comunidade. Além disso, não há notícias de que em nosso país, impostos hajam sido lançados ou recrutamentos tenham sido feitos em função de dados recolhidos pelos censos.

Os recenseamentos atuais, portanto, diferem dos antigos tanto nas finalidades como na técnica. As operações censitárias não se realizam hoje com as finalidades de antigamente. Nem são efetuadas como o eram nos velhos tempos. Mudaram no fundo e na forma.

Nas Américas, já no século XVIII realizavam os Estados Unidos o primeiro recenseamento, exemplo que, no século seguinte, seria seguido pelas demais nações do Novo Mundo, com exceção do Panamá, Nicarágua, República Dominicana, Haiti e Equador. No século XX, só este último país continuaria sem realizar um recenseamento.

Já agora provome-se o Censo das Américas, o que permite mais perfeito interconhecimento dos países do hemisfério para ainda melhor compreensão dos seus povos. E, se não falhar a esperança dos estatísticos, teremos, um dia, o Censo do Mundo, quando tôdas as nações através de números exatos, evidenciarão o que valem, o que possuem e o de que carecem.

## 2. OS CENSOS NO BRASIL

Criada a Diretoria-Geral de Estatística em setembro de 1870, em dezembro de 1871 ordenava um decreto que se realizasse em todo o Império o primeiro recenseamento da população. Da operação deveria incumbir-se o Conselheiro MANOEL FRANCISCO CORREIA, nomeado diretor daquela repartição. Chamado, entretanto, a servir como Ministro e Secretário dos Negócios Estrangeiros, teve a substituí-lo JOAQUIM JOSÉ DE CAMPOS DA COSTA DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE, a quem coube, assim, planejar e dirigir o I Recenseamento Geral do Brasil.

Dessa operação censitária, afirmava o chefe de Estatística Geral, em Montevideu, que havia sido levantado em nosso País, com o I Recenseamento, “um verdadeiro monumento digno de figurar entre os melhores do seu gênero”. E acrescentava: “Pela minha parte o tomarei por modêlo para guiarme com acêrto quando o Govêrno me encarregue de levantar um recenseamento geral, cuja falta cada vez mais se faz sentir”.

Sete anos após êsse empreendimento que, levadas em conta as dificuldades da época, estêve, em todos os passos, à altura da inteligência de JOAQUIM MEDEIROS E ALBUQUERQUE, passava a Diretoria-Geral de Estatística a constituir simples secção da Secretaria do Ministério do Império. Não se havia bem compreendido ainda que, se os números não governam o mundo, mostram, entretanto, os caminhos por que deve êle ser governado. . .

Com a proclamação da República, foi a Diretoria-Geral de Estatística restaurada, logo em janeiro de 1890. E recebia a incumbência de promover o II Recenseamento da população do Brasil, tomando como referência o dia 31 de dezembro de 1890. Em 1894, quando RAUL POMPÉIA se achava à frente da Diretoria-Geral de Estatística, chegava a têrmo a apuração dos dados censitários, sendo iniciado o trabalho de coordenação dos resultados obtidos, sua revisão e o preparo dos quadros para impressão.

De acôrdo com princípios firmados no Congresso de Estatística de São Petersburgo, foi, em 1900, promovido o III Recenseamento Geral do Brasil. O IV Recenseamento Geral foi realizado em 1920 e constituiu, de verdade, o primeiro que se levou a têrmo em nosso País, com bases científicas, orientado no sentido de pesquisas sociais e econômicas. Os volumes que contêm os dados obtidos nessa operação demonstram o que representou, em inteligência e esforços, a atuação de BULHÕES CARVALHO, de saudosa memória, lutando contra obstáculos de tôda ordem e enfrentando dificuldades de tôda espécie.

O V Recenseamento foi promovido em 1940, sob a direção técnica do Professor CARNEIRO FELIPE, que imprimiu aos trabalhos uma orientação segura, com bases rigorosamente científicas e uma técnica de execução verdadeiramente notável. De há muito vem o Brasil colhendo os melhores resultados dessa grande operação estatística. Basta citar, entre outras publicações, as centenas de minuciosas análises levadas a efeito pelo Gabinete Técnico do Recenseamento sob a direção de GIORGIO MORTARA, que colocaram, ao alcance do poder público e da iniciativa particular, elementos dos nossos problemas demográficos, econômicos e sociais.

A partir do VI Recenseamento Geral a tarefa censitária se encontra a cargo de um órgão oficial permanente.

De sua realização está incumbido o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística através do Conselho Nacional de Estatística, por intermédio do Serviço Nacional de Recensea-

mento. Dentro em breve, mais uma vez a operação censitária se desenrolará utilizando a rêde de Inspetorias Regionais e Agências Municipais mantida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para os serviços de estatística permanente.

### 3. PARA QUE RECENSEAR?

Para responder-se a essa pergunta é preciso que, primeiro, se compreenda o valor das estatísticas. Estas possuem uma finalidade: a apresentação numérica dos fatos sociais, políticos, econômicos e científicos. Deram-lhes os novos métodos um plano de realce em todos os terrenos de pesquisas. Sem estatística, a genética talvez não existisse. Com estatísticas, já se pôde tentar a revelação da autoria das *Cartas Chilenas*. Sem elas, não seria possível, na observação de fenômenos presentes, avaliar fenômenos futuros, para o traçado de um plano racional de trabalho.

Já se disse ter a estatística, para o administrador, “a mesma importância que o conhecimento da resistência dos materiais tem para construtor”. Melhor será, entretanto, compará-la aos faróis de um automóvel. Sem estes, com a estrada às escuras, como seria possível ao chofer conduzir o carro? Não poderia, em tempo, sentir as curvas, para diminuir a velocidade, nem sentir as retas para correr um bocadinho mais. Não veria as flechas indicadoras de destino e teria de seguir por palpite, com dispêndio inútil de gasolina e sob o risco de constantes perigos. As estatísticas, para os que dirigem uma companhia ou um Município, uma empresa ou um Estado, uma fazenda ou um país, são como os faróis para quem dirige um automóvel à noite. Iluminam os caminhos, deixando ver o que é preciso aproveitar, o que é preciso evitar, o que é preciso corrigir. Mostram, enfim, o que se deve fazer.

O ponto de partida das estatísticas está, de modo geral, nas informações colhidas nas fontes. Sobre essas bases é que se fazem cálculos para atualização permanente dos dados, em estimativas fundamentadas em inquéritos, indicações numéricas que refletem os fatos sociais ou econômicos na hora que está passando. Mas é de ver que, ao fim de algum tempo, se faz necessária uma revisão dos números-bases, em indagações de larga cobertura, para prosseguimento seguro dos cálculos. E é para isso que se promovem recen-

seamentos. Nêles, consultados todos os habitantes do país, são recolhidas informações que, transformadas em algarismos, vão constituir os alicerces do edifício das estatísticas permanentes.

Voltemos à nossa comparação. De tempos em tempos, é necessário renovar as baterias que alimentam os faróis do automóvel, por isso que, com o correr dos dias, elas se vão enfraquecendo e não entregam àqueles a força precisa para boa iluminação. Assim também as estatísticas, periodicamente, exigem uma renovação dos dados que as alimentam para a iluminação do caminho dos que trabalham, seja qual fôr a forma de atividade desenvolvida. E essa renovação se faz com a coleta de novos dados, através dos recenseamentos.

#### 4. OS CENSOS E OS GOVERNOS

Os recenseamentos, mostrando em números exatos a situação social e econômica do país, dão aos governos o conhecimento das possibilidades e das carências do povo. Sem esse conhecimento não existe caminho para uma administração racional. Administrar sem conhecer o que se administra seria andar às escuras, arriscando-se a tropeções fatais. Como seria viável a um homem dirigir uma fábrica sem saber o número dos operários, a capacidade produtora das máquinas, o volume da matéria-prima disponível? O mesmo acontece com quem dirige um país. É fácil, por isso, de ver a grande utilidade que os Censos têm para os Governos.

Como poderiam êles pensar na criação de escolas, sem que antes soubessem onde se encontram os grupos de crianças precisadas de instrução?

Como poderiam cuidar de crédito agrícola sem que antes entrassem em conhecimento da situação real das propriedades e recursos dos campos?

Como entrariam a tomar medidas que visassem a impedir o falado abandono da zona rural, sem que previamente ficassem sabendo em que proporções se processa tal fenômeno e em que regiões se apresenta êle de modo mais acentuado?

Como seria possível aos Governos tomarem providências em assunto de higiene domiciliar, sem que antes lhes fôsse dado a conhecer o estado sanitário das nossas habitações?

Como lhes seria dado cuidar da nacionalização de escolas, sem conhecimento prévio da localização dos núcleos estrangeiros?

Como racionalizar os trabalhos da lavoura, sem ter notícia das zonas onde não se empregam métodos mecânicos no cultivo da terra?

Como incrementar o plantio desta ou daquela semente, ignorando a distribuição da cultura nas diferentes regiões do país?

Como lhes seria praticável organizar programas de proteção à lavoura, sem desta possuir um conhecimento preciso das necessidades para a produção, das dificuldades na circulação e colocação dos produtos, das possibilidades em referência aos mercados consumidores?

Todos êsses dados, essenciais aos Governos para a administração, é o Recenseamento que os fornece. Segue-se daí que é sôbre as informações do povo, através dos censos, que os governos traçam seus programas de trabalho. Logo, informes falsos ou incompletos prejudicarão a comunidade e os planos de ação governamental. Quando o informante que sabe ler e escrever — é um exemplo — declara ser analfabeto, está perturbando a orientação administrativa na distribuição de escolas, mas está ainda prejudicando a comunidade: poderá conduzir o Govêrno a criar uma escola onde não é ela tão necessária, deixando de o fazer onde existem pessoas que dela de fato mais precisam.

O Censo serve ao Govêrno. Mas é preciso considerar que, numa democracia, o Govêrno é o próprio povo representado na direção do país. Servindo àquele, portanto, é ao povo que verdadeiramente serve o Recenseamento.

## 5. OS CENSOS E OS PARTICULARES

Os censos não servem apenas aos governos. Beneficiam a todos. A tôdas as classes e a tôdas as profissões. Diretamente, nos dados que fornecem para orientação de cada um dentro de seu setor de trabalho. Indiretamente, nas iniciativas e medidas tomadas pelos Governos em favor da coletividade, em face dos números que apresentam.

Imaginemos o caso de um fabricante de calçados que resolvesse lançar no mercado um tipo especial de sapatos para môças entre 15 e 20 anos de idade e tomasse a iniciativa de produzi-los, desde logo, em alta escala. Como poderia fazê-lo, sem arriscar-se a prejuízos por excesso ou carência na produção, sem antes entrar em conhecimento do número de jovens

daquela idade? E isto — é evidente — só lhe seria possível alcançar através de dados fornecidos pelo recenseamento.

Admitamos que um fabricante de produtos químicos e farmacêuticos entendesse de entregar ao consumo uma espécie de sabão de uso apenas em salões de barbeiro. Como lhe seria viável calcular a produção sem antes saber quantas barbearias existem no país? Os dados fornecidos pelo recenseamento é que resolveriam o problema, pois, nêles, encontraria não só o número de barbearias como o seu movimento anual. Se um cidadão entendesse de se dedicar a uma indústria extrativa, como poderia fazê-lo com segurança sem que antes, através de dados fornecidos pelo Censo, se pusesse a par das zonas onde a produção se apresentasse mais lucrativa?

Se um cidadão resolvesse montar uma fábrica, é certo que não poderia tomar essa iniciativa sem primeiro verificar as possibilidades potenciais da região a que a fábrica devesse suprir, as disponibilidades de mão-de-obra especializada, os níveis médios de consumo, o número de estabelecimentos similares na região, a renda da população ou das camadas consumidoras, a localização dos principais fornecedores dos produtos necessários à indústria. E êsses informes, nas estatísticas e nos censos periódicos é que êle os iria encontrar.

Aqui está um môço recém-formado em medicina. Pensa em iniciar a clínica em uma cidade do interior. Não quer arriscar-se a uma aventura que poderá levá-lo a um fracasso, com sacrifício de tempo e perda, muitas vêzes, de todo o entusiasmo trazido dos bancos da Faculdade. Só tem um caminho: a escolha do local através de informes do censo. Êstes lhe dirão, das cidades, as que têm médicos e em que número, a situação social e econômica dos habitantes, seu grau de instrução.

Veja-se, agora, êste professor que planeja instalar um colégio, em que haja cursos primário e ginásial. Quer trabalhar. Não lhe importa a cidade. Onde, porém, fazê-lo, sem primeiro saber, de uma cidade, quantas crianças aí existem em idade escolar, quantos adolescentes terminaram o curso primário, quantos educandários aí existem em funcionamento e, ainda, quais as possibilidades econômicas por ela apresentadas? Os números registrados pelo censo é que lhe poderão apontar a região que deverá preferir para o empreendimento projetado.

Sem conhecimento objetivo de uma cidade — do número de seus habitantes, das suas riquezas, das suas carências, das suas possibilidades — ninguém poderá, racionalmente, aí

montar uma fábrica ou abrir uma casa de comércio, lançar um produto farmacêutico ou iniciar a vida profissional su-gerir uma iniciativa de caráter literário ou aventar uma idéia de finalidade científica. Tal conhecimento o censo fornece a todos, em números exatos, a trôco das informações que recolhe de cada um. Serve êle, portanto, ao comerciante e ao industrial, ao operário e ao estudante, ao lavrador e ao jornalista, ao sábio e ao filósofo. Não só os Governos se valem dos seus informes, para benefício da coletividade. Todos dêles se podem valer para benefício próprio.

## 6. A BASE DA OPERAÇÃO: O SIGILO

A base da operação censitária é o seu caráter sigiloso. O que o informante transmite ao recenseador é passado para o boletim e aí, praticamente, já deixa de ser palavra para transformar-se em parcela de uma grande soma. Das declarações de um recenseado não poderá o recenseador valer-se nem mesmo para modelo ou exemplo junto a outro informante, sendo vedado também a qualquer funcionário do Censo transmiti-las a quem quer que seja, sob qualquer pretexto. Assim, as informações dadas pelo recenseado continuarão, em verdade, sendo conhecidas apenas dêle e não poderão servir a outros fins que não os de estatística, onde aparecem transmutados em unidades diluídas em grandes totais.

Quando uma pessoa declara que é casada, ao recenseador, ninguém irá ficar sabendo do estado civil que ela confessou, e a sua declaração passará a ser unidade inidentificável no total de milhões de pessoas casadas existentes no país. Se uma môça declara ter 18, 20 ou 25 anos, ninguém ficará sabendo da sua idade, pois que a sua declaração irá fazer-se parcela do total de milhões de criaturas da mesma idade que há no Brasil.

Mas alguém poderá perguntar: — Onde está a garantia dêsse sigilo? Dois fatos o asseguram plenamente: o dispositivo da Lei e o exemplo dos censos passados. A Lei diz claramente: “As declarações prestadas para a execução do recenseamento, ressalvadas as que se destinam a fins de cadastro, terão caráter confidencial, não podendo ser objeto de divulgação, que as individualize ou identifique, nem fazer prova contra o declarante”. (Decreto-lei n.º 969, de 21 de dezembro de 1938). E pune severamente qualquer funcionário do Censo, não importando sua categoria, que quebrar êsse sigilo: “O ser-

vidor responsável pela violação ou tentativa de violação do sigilo das informações será punido com demissão sumária e ficará sujeito a processo criminal, na forma da lei". (Regulamento do VII Recenseamento Geral do Brasil).

Aí está a primeira garantia. A lei, entretanto, mais do que pelo que dispõe, vale pela proibição dos que a põem em execução. E, até hoje, sobre censos realizados no Brasil, não houve uma só reclamação sem castigo no que respeita à quebra do sigilo da operação. Isto é a melhor demonstração de que sempre foi ele integralmente respeitado.

Ninguém poderá valer-se dos informes recolhidos pelo censo para fins estranhos à estatística. Os boletins têm sua consulta vedada a qualquer cidadão que não pertença ao Serviço. Assim é porque, não havendo sigilo perfeito, não poderá haver confiança da parte do informante. Sem esta poderá ele fugir à fidelidade nas informações. E sem informações fiéis o recenseamento nada representará de útil, porque dará uma idéia falsa da realidade nacional.

Os encarregados do Censo asseguram o sigilo da operação. Seja o povo fiel nas informações.

## 7. O QUE CABE AOS QUE PERGUNTAM

Os censos valem pela veracidade das respostas. Onde estas forem omissas ou falsas, aí não terá a operação censitária alcançado sua real finalidade, que é refletir numericamente a exata situação social e econômica do país. Assim é que, para plena liberdade do recenseado, as respostas são dadas em caráter confidencial, sendo mantido absoluto sigilo de todas as informações colhidas.

Ao direito que tem o informante de dizer a verdade sem que daí lhe possa advir qualquer prejuízo ou constrangimento, corresponde o dever do recenseador de ouvir a resposta do recenseado e registrá-la no boletim tal como lhe foi ela dada. O encarregado da coleta poderá orientar o informante, quando a pergunta, por acaso, não for bem apreendida. Mas, em hipótese alguma, poderá modificá-la. Sua função é a de perguntar, ouvir e escrever. Nessas condições o dever dos que respondem é correspondido pelo dever dos que perguntam. Estes representam a ligação entre o quesito e o informante.

O recenseador pergunta: — Sua religião? O informante responde: Católico romano. E o recenseador escreve: — Católico romano. São esses os três tempos vividos por um quesito

à hora da informação: o da sua reprodução oral pelo recenseador, o da resposta oral do informante e o da reprodução escrita dessa resposta pelo recenseador.

Porque assim é, podem todos exercer tranqüilamente o direito de resposta, dado que êle será respeitado, letra a letra, pelo agente incumbido de a transpor para o boletim quando for o caso.

A quem responde cabe também o direito de verificar se o recenseador escreveu o que lhe foi dito. Assim, fiscalizará o informante o trabalho do recenseador, podendo dêle exigir qualquer retificação, antes de apor sua assinatura no boletim. Diante das recomendações aos recenseadores, saberão êles ficar nos limites de sua tarefa: perguntar, ouvir e escrever. Na maior parte dos casos, nem mesmo o recenseador estará presente ao ato de preenchimento do boletim. Êste será entregue ao informante para que escreva as respostas, cabendo ao encarregado do Censo a tarefa de vir apanhá-lo em dia aprazado.

Se os informantes forem fiéis em suas respostas, o censo só poderá refletir, portanto, a realidade brasileira na soma exata das informações fornecidas. As respostas do informante ao saírem do lápis do recenseador não mudarão. E para que os recenseados confiem na operação, insistimos: o que cabe ao recenseador é perguntar, ouvir e escrever ou então coletar o boletim devidamente preenchido pelo informante.

### 8. O QUE CABE AOS QUE RESPONDEM

Nos recenseamentos há, como vimos, os que perguntam. E há, naturalmente, os que respondem. Dêstes é que depende sobretudo o êxito da operação, pois esta, para os resultados, se baseia nas respostas e não nas perguntas. Todos os habitantes do Brasil, dentro em breve, serão chamados a responder às perguntas do boletim do Censo Demográfico. E todos deverão dar respostas que expressem a verdade.

A hora do recenseamento sòmente a verdade deve ser dita. E tòda a verdade. Perguntado pela nacionalidade, quem fôr brasileiro nato dirá — brasileiro. Quem fôr estrangeiro declarará — estrangeirò. Nada justificará dizer um brasileiro nato que é estrangeiro ou declarar um estrangeiro que é brasileiro nato. Só servirá tal fato para falsear os resultados do censo. Todos têm, assim, um dever, diante das perguntas do recenseamento: o dever da fidelidade nas respostas. Ê preciso que seja dêsse modo, pois fundamentando-se

a operação censitária nas respostas dos informantes, se estas não forem a expressão da verdade, aquela só poderá apresentar resultados sem significação apreciável. E isto acarretará prejuízos a quantos venham a buscar nos dados do censo uma orientação para govêrno do país, direção de uma empresa, caminho de um negócio. Dando informações inverídicas ou inexatas ao recenseador ninguém tirará lucros de tal atitude, mas tão-somente perturbará o resultado de uma operação que está custando milhões de cruzeiros ao país.

Já vimos que o censo é realizado em caráter confidencial. Nada, portanto, poderá levar o informante a fugir à verdade em suas declarações. No Censo Agrícola, por exemplo, vão os lavradores ser interrogados sobre o valor das suas propriedades. Nada poderá levar um homem dos campos a subestimar o valor do seu imóvel pois que infundado lhe será o receio de que sua declaração possa servir para aumento de impostos. Sua informação servirá apenas para, somada às de todos os lavradores, ficar o Brasil conhecendo o que vale como país agrícola. Do que disser o agricultor ninguém ficará sabendo, pelo que nada poderá servir-lhe de justificativa ou desculpa se declarar uma inverdade.

Aos que respondem, portanto, diante de todos os quesitos, cabe este dever: inteira fidelidade nas respostas. Deixar de cumprir esse dever será contribuir, impatrioticamente para o fracasso da operação, contribuindo para o dispêndio de alta soma que, afinal de contas, representa dinheiro do povo. E a aplicação útil dos dinheiros públicos, em empreendimento que inúmeros benefícios trará à comunidade nacional, nós a teremos na realização do recenseamento, desde que cumpramos o nosso dever dando respostas verdadeiras aos quesitos do boletim que nos fôr apresentado. Três palavras resumem o que cabe aos que respondem: fidelidade nas informações.

## 9. CENSO — OBRA DE COOPERAÇÃO NACIONAL

O recenseamento é promovido pelo Govêrno porque a êle, por fôrça de lei, cabe tomar essa iniciativa, em benefício do país. Mas como, numa operação censitária, tudo depende do povo na fidelidade das informações, é preciso, para bom resultado do empreendimento, que todos os habitantes do país aliem sua boa vontade aos esforços dos encarregados do censo.

Sòmente essa unidade harmônica do povo poderá garantir o êxito da tarefa. Sem ela, os trabalhos serão perturbados e não se conseguirá o que se deseja.

O recenseamento tem de ser, assim, uma obra de cooperação nacional. Todos precisam estar unidos num só pensamento: ajudar a fazer o Censo. Todos. Governantes e governados, professôres e alunos, homens e mulheres, patrões e empregados, casados e solteiros, viúvos e desquitados, fiéis de todos os credos religiosos e simpatizantes de todos os partidos políticos. União perfeita, completa, absoluta. Sem essa união compreensiva de todos os habitantes do país, a operação difficilmente poderá ser levada a bom têrmo. O que se pede de cada um é bem pouco: fidelidade nas informações. O que se promete a todos é bem mais: uma enciclopédia numérica do país, na qual todos poderão encontrar dados que lhes facilitem o trabalho, permitindo-lhes a escolha de caminhos seguros para iniciativas ou empreendimentos em qualquer setor de atividade construtiva.

Somos, em estimativa, 66 milhões de pessoas espalhadas pelo território nacional. Há, é verdade, os que não compreendem o valor da operação. É necessário, por isso, que os homens de compreensão e de cultura orientem, patriôticamente, os que não alcançarem ainda as reais e elevadas finalidades do censo. Em 1950, éramos 9 187 374 homens e mulheres, de 18 a 39 anos de idade, sabendo ler e escrever. Admitamos que ainda hoje continuemos nesse número. Se cada homem ou mulher, apenas do referido grupo de idade, ensinar a 7 brasileiros iletrados o que é recenseamento, qual a sua utilidade verdadeira, teremos com larga margem, tôda a população do país — nela incluídas as crianças — devidamente esclarecida sôbre a próxima operação censitária.

Como se vê, está nas mãos do povo o destino do próximo Recenseamento. Se todos os brasileiros cooperarem para seu êxito — dando informações verdadeiras e os de cultura orientando os incultos — serão obtidos resultados que, em seu sentido exato, valerão por uma perfeita fotografia do Brasil. Ao Governô cabe promover o recenseamento, tomando providências para a coleta das informações e, posteriormente, seu exame, crítica e apuração. O que tinha de fazer até aqui, já o fêz. Ao povo caberá, em breve, fornecer aquelas informações. E é preciso que o faça, numa real compreensão de que o Censo não pode ser trabalho só de governos, mas obra de cooperação nacional.

## 10. CENSO — OPERAÇÃO DEMOCRÁTICA

A hora de uma eleição, para escolha de dirigentes do país, dos Estados e dos Municípios, é o povo chamado às urnas, para que se conheça a vontade da maioria. Chocam-se as opiniões e cruzam-se os argumentos na defesa de princípios e idéias que constituem os fundamentos dos diferentes partidos, pelo que ficam separados os homens segundo suas convicções ou simpatias. Para os pleitos eleitorais, que são a característica das democracias, por isso que representam direta consulta à opinião pública, existe, como determinam as leis, certa seleção no que respeita aos votantes. Assim, não votam os estrangeiros, não votam os menores, não votam as praças de pré. .

O Recenseamento é uma eleição singular. **TODOS** os habitantes do país são chamados a votar. **TODOS** têm o direito de intervir. Não existe restrição de espécie alguma. Nem de idade, nem de sexo, nem de côr, nem de nacionalidade, nem de estado civil, nem de profissão, nem de credo religioso, nem de grau de instrução. Nesse pleito não há urnas para receber as cédulas. São estas apanhadas a domicílio. Apesar de cada um colocar o nome nas cédulas, com indicações de idade, sexo, nacionalidade, estado civil, grau de instrução, o voto é secreto, porque ninguém poderá dizer o que leu e as informações fornecidas pelo cidadão de modo algum poderão servir a quem quer que seja.

Não existe, como se vê, empreendimento mais democrático do que o Censo. Nêle tem direito a voto tôda a população do país. Velhos e crianças, brasileiros e estrangeiros, letrados e iletrados. . . Mas, sendo um direito de todos, a êle deve corresponder, naturalmente, um dever a que ninguém pode fugir. É assim que, ao direito de intervir na operação com a parcela de sua informação, influindo no resultado geral, corresponde o dever da verdade nas respostas a todos os quesitos.

Dentro em breve, serão chamados de novo os habitantes do Brasil para uma eleição semelhante. Todos serão procurados pelos recenseadores. Residam nas grandes cidades ou nos vilarejos distantes. Todos serão perguntados e ouvidos, em obediência ao direito que a todos cabe. A soma das nossas declarações, mostrando nossa fôrça, nosso valor, nossa riqueza, nossa capacidade de trabalho e apontando também nossas necessidades e nossas falhas, será a expressão de nossa realidade social e econômica, através de uma operação verdadeiramente democrática.

# IV

O Fanatismo e  
a ignorância lutaram  
contra os Censos...



Ma das causas que mais influíram, dificultando a marcha dos trabalhos do Recenseamento Geral de 1940, em alguns lugares do Brasil, foi, sem dúvida alguma, o fanatismo religioso de uma parte considerável da população do interior.

O caboclo nordestino, a exemplo do matuto brasileiro é, em geral, supersticioso, crendo ainda em malefícios, bruxedos e feitiçarias, assim como também não põe em dúvida a existência de mulas-sem-cabeça, lobisomens e sacis-pererê.

Para os habitantes das cidades essas superstições chegam com sabor pitoresco e divertido, mas, para a gente rústica que habita os nossos longínquos sertões, elas constituem ainda verdadeiros pesadelos.

A cidade de JUAZEIRO, no Ceará, foi, e ainda é, uma fonte perene de credices e superstições dessa espécie a contagiar as populações de léguas e léguas ao seu redor.

Para que se compreenda o estado de espírito com que os sertanejos das localidades ermas receberam os inquéritos Censitários de 1940 e de 1950, há necessidade de encararmos êsses aspectos míticos que nêles tanto influíram.

COMECEMOS pelo relato do Delegado Censitário de São Pedro, no Estado do Ceará, o qual muito bem focalizou a origem de uma lenda, cujos efeitos muito contribuiram para um atraso na marcha prevista pelos delineadores do plano dos Censos de 1940:

“A figura lendária do PADRE CÍCERO, nume tutelar da massa fascinada e mística, mescla na alma popular os dogmas do catolicismo com as mais esdrúxulas e absurdas credices.

Símiles dos bíblicos israelitas, os romeiros, como são cognominados os fanáticos, adoravam, na serra do Hôrto, o BOI SANTO DE MEU PADIM e, mais tarde, no sítio do Caldeirão o CAVALO EM QUE MONTARA NOSSA SENHORA, doado pelo Padre Eterno ao beato José Lourenço...

A polícia avisadamente destruiu êsses ídolos que viviam sempre enfeitados com fitas coloridas e aviamentos de ouro.

Figura, entre as credices dessa estranha religião, a idéia corrente de que — SANTO NOVO — não faz milagre.

Ao ser inaugurada na cidade de Crato a majestosa Coluna da Hora, no cimo da qual foi plantada a bellissima estátua de CRISTO REI, correu célere pelos sertões afora, a versão de que um SANTO TÃO GRANDE (impressionaram as dimensões da escultura) não poderia ser senão o Deus do tão temido COMUNISMO...

Esse motivo, futilíssimo na aparência, pesou muito no levantamento censitário de alguns lugares do interior, causando infundados, mas veementes receios de alistamento e cobrança de impostos que fossem futuramente efetivados para aumentar as hostes e abarrotar os cofres imaginários da divindade impugnada.

Ao cidadão, soam irrisória e mesmo incompreensivelmente chocantes fatos como êsses que se desenrolam, naturalmente, no ambiente atrasado de algumas localidades perdidas no interior brasileiro.

A carência de escolas e de vias de comunicação, segregando as populações dêsses lugares, tornam-nas às vêzes estranhas e desambientadas perante a comunidade.

Alguém já disse, com muita propriedade, que o Recenseamento de 1940 veio redescobrir o Brasil. Os relatos de seus Agentes e de seus Delegados estão cheios dessa verdade. Acontece, porém, que nem sempre êsses relatos são agradáveis, que nem sempre são elogiosos, mas a sua divulgação é necessária porque, infelizmente êles são sempre verdadeiros. Nós os reproduzimos como quem apresenta feridas a serem cauterizadas.

DESAGRADA, por exemplo, a certos estudiosos de sociologia de gabinete, aceitar a asserção de que o Padre Cícero mesmo depois de morto, ainda impera nos sertões nordestinos e que as suas palavras e os seus ensinamentos ainda repercutem nêles, ditando leis.

Mas o Recenseamento de 1940, apesar de sua rigidez estatística, colheu disso provas cabais de cuja veracidade não há motivo algum para se duvidar. Mormente quando se sabe que apenas algumas palavras do sacerdote endeusado quase impediram o transcurso da grande contagem nacional em certos lugarejos mais atrasados e de difícil acesso.

Quase nas vascas da agonia, sentindo que as forças começavam a abandoná-lo, avisou o “PADROEIRO” aos fiéis que lhe rodeavam o leito de dor:

“— Vou morrer... dentro em pouco começarão a surgir os iludidores procurando arrastar minhas ovelhas para o caminho da perdição. Depois de minha morte surgirão os agentes da BÊSTA-FERA e do ANTICRISTO que, com lábias e enganos procurarão fazer meu povo mudar de crença...”.

Essas palavras vieram mesmo a calhar para prejudicar em muito o desenvolver da tarefa censitária.

O que o PADRE CÍCERO pretendeu dizer, dispensa comentários. Queria êle com essa advertência evitar que seus sectários se tornassem prêsa dos doutrinadores protestantes, espíritas ou de outra religião qualquer.

Os matutos, todavia, como sóe acontecer, tomaram ao pé da letra o seu aviso e quando os Recenseadores surgiram “tomando nomes” êles viram nos mesmos, por associação de idéias, os profetizados agentes da BESTA-FERA e do ANTI-CRISTO.

Um humilde carpinteiro alagoano, por exemplo, foi procurado durante cinco dias seguidos pelo Recenseador para que cumprisse sua obrigação dando os informes requisitados. Baldado trabalho. O homem amedrontado, mas persistente, continuava em sua negativa desconfiada. Esgotados todos os meios suasórios o Agente, em desespero de causa, apelou para o Delegado Censitário que resolveu ir, êle próprio, verificar o caso. Chegado que foi à casa do recalcitrante, viu logo que se tratava de um homem simples, lhano e bom, que o recebeu sem agressividade, bem pelo contrário, manifestando uma timidez além do normal. O matuto logo que soube quem tinha em casa, ofereceu uma cadeira para que o Delegado se sentasse sem fazer a mínima interpelação, cabisbaixo e trêmulo como se estivesse na presença do Diabo em pessoa. Ouviu as explicações que a autoridade lhe deu sôbre o Recenseamento, no mais absoluto silêncio, tentando evidentemente não prestar atenção às suas palavras, esperando, com êsse subterfúgio, escapar às lábias e às tentações do “iludidor”. Quando o delegado terminou a explanação, disse êle sereno e seguro como um mártir:

“— MÔÇO, É IMPOSSIVE, UMA COISA AQUI DENTRO (e apontava o coração) ME PEDE QUE EU NÃO BOTE MEU NOME NESSE NEGOÇO!”

O Delegado constrangido teve que insistir, ao que o sertanejo ainda retrucou:

“— NÃO POSSO, CUMPRA A SUA OBRIGAÇÃO. MANDE-ME PRENDER, MANDE-ME AÇOITAR, MANDE-ME LEVAR PARA AS EXTRANJA QUE EU PERDÓO, MAS, PELAS CINCO CHAGAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, NÃO BOTE MEU NOME NESSA LEI DE CRISTO REIS!”

E, nessa negativa, persistiu êle, não adiantando a intervenção do delegado de polícia nem mesmo a do próprio Prefeito local.

Dias depois, estava o delegado atarefado com outros casos, quando, com surprêsa, recebeu uma comunicação mandada pelo sertanejo desconfiado para que fosse efetuar o seu recenseamento. Um sectário respeitado do PADRE CÍCERO e um padre salesiano tinham-no convencido a tomar tal atitude. Só diante disso consentiu em ser recenseado. Mas sabem de que maneira? Colocou êle sôbre uma mesa, no centro da sala de jantar da casa, uma gravura do Coração de Jesus e, ajoelhando-se com tôda a família em volta, promoveu autêntica cena de macumba sob as vistas do delegado abismado.

Depois dêsse “exorcismo”, voltando-se para a autoridade êle lançou como que um desafio, os olhos brilhantes de triunfo antegosado:

“— MÔÇO, AGORA NÃO TENHO MAIS MÊDO, PODE “ENCOMENDAR” O SEU TRABAIO”

O DR. ALVIM PESSÔA, digno diretor da Divisão de Publicidade do S.N.R., foi outra testemunha de um fato que depõe favoravelmente, no que concerne à veracidade dêsses relatos.

Certo Agente do Nordeste, em trânsito pela Capital da República, teve oportunidade de mostrar a êsse alto funcionário uma tábua cuja história é bastante curiosa.

Necessitando o referido Agente de um apetrecho que lhe facilitasse a escrituração dos boletins, feita às vêzes em pé, na porta dos recenseados, mandou que determinado carpinteiro da localidade em que serviu, a confeccionasse.

Êsse, mais por mêdo do que por outra coisa acedeu ao seu pedido, demonstrando evidente constrangimento. Todavia, por desencargo de consciência, gravou no reverso da tábua um grande símbolo da cruz, numa tentativa ingênua de frustrar a “maléfica” escrituração do Anticristo.

Aliás, tão arraigada se tornou a crença de que o Recenseamento tinha finalidades outras que não as suas, que seria exaustiva a narração de todos os fatos e incidentes havidos, no início da tarefa ,em certas localidades do interior.

ATÉ mesmo o Recenseamento do Estado de Goiás foi afetado pelas superstições e lendas emanadas de Juazeiro, no Ceará.

Pasma o fato de que tão rápida corra a voz popular, mormente quando propala acontecimentos e assuntos místicos.

Na zona conhecida por Gerais, no Município de Natividade, logo que nela surgiu o agente recenseador, espalhou-se a notícia de que êle era um dos enviados do demônio para “tomar o nome” das pessoas e depois remetê-las para as “Profundezas”. A população em pêsso abandonou suas casas deixando o lugar deserto, obrigando o pobre recenseador a passar vários dias de fome e a perder um tempo para si tão precioso. Já desanimado de esperar, vendo que as famílias não retornavam, regressou êle para sua cidade onde esperou alguns dias. Depois, numa tentativa para conservar o emprêgo de que tanto necessitava, voltou novamente ao vilarejo, mas infelizmente a cena se repetiu. Tudo se passou como da outra vez. Tudo, não. Que os moradores, agora, estavam prevenidos, e a fachada de cada choupana ostentava um rústico cruceiro de madeira, a título de exorcismo contra o Anticristo...

AINDA em Goiás, no povoado de Missões, bem no interior do Brasil, caso idêntico sucedeu. O agente encarregado desta zona, quando nela chegou, encontrou tôda a aldeia deserta. Todos os seus habitantes se encontravam aglomerados na igreja da localidade, rezando longa ladainha a S. Labotão, padroeiro do lugar, para que os livrasse dos “malefícios” do Recenseamento.

EM Canhotinho, no Estado de Pernambuco, também desenrolou-se uma cena que poderia ter tido conseqüências desastrosas para um pobre agente dessa zona.

Uma matuta, estranhando a indumentária citadina do Recenseador, abandonou sua casa espalhando pelas redondezas que tinha sido procurada pela “Bêsta-Fera” anunciada pelo “PADIM CÍCERO”.

Coincidiu, para reforçar essa suposição, o fato de estar o referido agente calçado com “shooteiras”, objeto desconhecido

nessa localidade. Procurando sustentar sua absurda declaração a mulher, apontando para a estrada, exclamava:

“— OLHEM SÓ O RASTRO DE CAVALO DA BÊSTAFERA!...”

Amedrontado, o recenseador, que conhecia a índole dessa gente, voltou para sua casa onde mudou de sapatos sem, entretanto, conseguir desfazer a lenda que se espalhara pelo lugarejo. E, contou êle, dois meses depois de ter finalizado o serviço, ainda o rastro de suas “shooteiras” fazia o pesadelo de muito matuto supersticioso.

Em Santanópolis, no Estado do Ceará, também, um outro fanático sectário do Padre Cícero, pensando que o “Roçamento” (como êle chamava o Recenseamento) fôsse uma lista destinada a arrolar pessoas para a religião do “CRISTO REI” do Crato, promoveu terrível desordem em sua vila, ferindo em sua alucinação a várias pessoas. Prêso mais tarde em JUAZEIRO, onde se refugiara, gritava êle para as autoridades: “— MECÊS PODE ME MATÁ QUE EU NÃO DOU MEU NOME PARA A LISTA DO CRISTO REI”. Não adiantaram explicações, não houve nada que o convencesse das verdadeiras finalidades censitárias. Só depois de muita luta, constrangido, e como se estivesse cometendo um crime, foi que deu as informações necessárias ao preenchimento de seu questionário. Dias depois, conseguindo fugir da cadeia onde se encontrava detido, o pobre homem se internou pelo mato não mais se tendo notícias dêle.

O COMUNISMO é outro grande motivo de temor para os nordestinos que habitam as zonas rurais quando se processa a coleta censitária. Aquelas informações tão minuciosas de suas posses lançaram no cérebro do matuto uma semente fértil de desconfiança. Houve até um caso no município de Jardim, no Ceará, bastante comentado no censo de 1940.

Depois de uma luta insana para tirar aos pedaços as declarações de determinado cidadão, o agente meteu-se pela estrada afora procurando outra habitação para recensear. Já ia longe quando escutou atrás de si uma gritaria e um rumor de passos em desabalada carreira. Era o sertanejo que o chamava: “— MÔÇO... EI MÔÇO!... ESBARRE AÍ UM TIQUINHO!... e ofegante, ainda exausto pela correria: MÔÇO, QUANTO VANCÊ GANHA PRA FAZÊ ESSE TRABAINHO?”

Recebendo a informação de que o Recenseador ganhava 200 réis por pessoa recenseada arrematou êle: “MÔÇO, AN-

TÃO TOME LÁ 100\$000, É TUDO QUE NÓIS TEM MAS PULO AMOR DE DEUS, DEIXE DE FORA O MEU GAROTIM, e já com lágrimas nos olhos: — AO MENOS MEU FIIM, MÔÇO, AO MENOS ÊSTE TIRE DA LISTA DOS COMUNIS...”.

NEM mesmo o padre, figura extremamente respeitada nos sertões, escapou à desconfiança dos caboclos.

Em Altinho, no Estado de Pernambuco, poucos não foram os que comentaram a atuação do vigário local, homem esclarecido, o qual, por se ter colocado a serviço da propaganda censitária, teve que arrostar às mais das vêzes com a irreverência de seus próprios paroquianos.

Contou-nos o Delegado dêste Município que êle próprio ouviu da bôca de vários cidadãos, certa feita em que o vigário falava em pleno meio de feira, êsse comentário desairoso: “— VEJA VANCÊ, CUMPADI! ATÉ O SEU VIGARO TÁ CUM ÊLES! TÁ CUMPRADO TAMÉM!...”

Julgavam êles que os recenseadores fôssem os temidos sectários de uma “religião” chamada Comunismo, cujo Deus era o CRISTO REI DE CRATO, e que as anotações feitas serviriam mais tarde para que lhes tomassem suas terras e seus haveres. Foi uma verdadeira luta o trabalho realizado para demovê-los dessa crença absurda.

OS padres nos púlpitos tecem, ainda hoje, imagens de retórica que, infelizmente, os sertanejos ingênuos e rudes interpretam e assimilam ao pé da letra.

O COMUNISMO, por exemplo, é pintado ao caboclo como uma mescla de religião e de monstro com muitas pernas e muitos braços. Êsses tentáculos figurados com que os pregadores apresentam o comunismo tomam na imaginação simples e ingênua dos crentes mais rústicos uma configuração real e palpável.

Que essa tendência de deturpação dos conhecimentos gerais mais corriqueiros é séria, em certas localidades do interior, prova-nos ainda o relato do Delegado de Santanópolis.

Eis, na íntegra, o que êle ouviu da bôca de um velho habitante da Serra da Lagoa que dissertava, na mesa de jantar, para seus filhos e também para mostrar ao delegado que era pessoa viajada e de “largos” conhecimentos: — “MEUS FIO. EU TENHO 80 ANOS E NO TEMPO DE MÔÇO ANDEI MUI-

TO. FUI A PARAÍBA, ESTIVE EM PERNAMBUCO E CHEGUEI MERMU INTÉ PERTIM DO PIAUÍ. O QUE EU NÃO PUDE CHEGÁ A VÊ FOI A TAR DE OROPA. VEJAM BEM QUE, PARA LÁ CHEGAR, A GENTE SAINDO DAQUI BEM MOCIM LÁ SE ARriba DE CABEÇA BRANCA. LÁ NÃO TEM GENTE. MEUS FIO. LÁ TEM É O BICHO DE QUATRO PERNA E QUATRO BRAÇO QUE SE CHAMA COMUNISMO! E arrematando com um suspiro de pena: EU SÓ QUERIA CHEGAR PERTIM DÊLE P'RA LHE DESCARREGAR MINHA ESPINGARDA DE DOIS CANO NO BUCHO E ACABÁ DE UMA VEIS CUM ESSA GUERRA MISERAVE! . . .”

E seus filhos, o mais môço com 21 anos, escutavam atentos e sérios a explanação do velho, acompanhando-o nas mesmas idéias e nas mesmas tenções.

ISTO vem provar a verdade bem triste de que grande parte de nossos homens do interior vivem na mais completa ignorância do que seja o resto do mundo; e, observe-se, que os seus conhecimentos abrangem, em certas localidades, apenas os acontecimentos de seu rincão e quando muito dos rincões próximos com os quais mantém escasso contato.

É verdade dolorosa, essa que constatamos, de que, devido a êsse alheamento, a idéia de nacionalidade é às vêzes inexistente no espírito dessas populações colocadas à margem da comunidade brasileira.

Típico, é o caso daquele caboclo morador nas margens do rio Eiru, em João Pessoa, no Amazonas, o qual, vendo o recenseador colocar na linha destinada à nacionalidade a palavra — BRASILEIRO, arreliou-se todo reclamando: — “MÔÇO TIRE DAÍ ESSA MENTIRA! TIRE DAÍ QUE EU NUM SÓ BRASILEIRO, EU SÔ É EIRUANO! . . .”.

Foi uma luta vã a tentativa empreendida pelo Agente para explicar ao homem que o rio Eiru pertencia ao Brasil.

CONSEQUÊNCIA dessa ignorância, dessa falta de instrução e de conhecimentos, surge, imperando nessas localidades, o fantasma da superstição. Essa pobre gente ainda se tortura e aflige, em luta com avantesmas e papões que nas zonas civilizadas já servem de escárneo à gurizada.

Muitos são os fatores que contribuem, infelizmente, para que êsse estado de coisas perdure ainda. Avultam entre êles a carência de escolas, de estradas e de meios de transporte e comunicação.

Outro fator, que contribui também para o incremento desse espírito supersticioso, servindo de complemento à ignorância, é a raridade dos hospícios no interior. Essa lacuna obriga a que os alienados escorraçados das cidades se refugiem nos matos ou perambularem famintos pelas trilhas e caatingas desertas, como almas penadas. E, quando deparam com um viajante perdido ou se aproximam de um lugar habitado, provocam agitações e pânico, robustecendo assim a credence popular.

Não é de estranhar, por isso, que em muitos casos fôsem os recenseadores tomados por monstros e por “PAPA-FIGOS”.

Essa denominação de “PAPA-FIGOS” provém de uma corruptela da palavra PAPA-FÍGADOS, abreviada pelos sertanejos. A criação desse termo prende-se a uma lenda bem antiga espalhada pelo Nordeste inteiro. Pode-se mesmo dizer, que raro é o município dessa zona que não tenha o “seu mato” onde os antepassados colocaram imaginariamente um monstro devorador de fígados de crianças, com o intuito de amedrontá-las nas horas de traquinagens e travessuras. Mas tão antigo é o costume, que os filhos de antanho, pais e avós de hoje nascidos e criados nessa crença, sentem em si, também, arraigado o mesmo temor que procuram incutir em seus filhos e netos.

Nas localidades longínquas e de população esparsa, a chegada do Recenseador era um acontecimento que em geral despertava, ao primeiro contacto, celeumas e receios.

Nestes lugares ermos, onde a propaganda oficial, falada ou escrita não tem acesso, a tarefa dos agentes teve qualquer coisa de nobre e de abnegado.

Um recenseador dessas paragens situou bem a posição desses funcionários quando compôs êstes versos:

QUEM FÔR DE MAU CORAÇÃO  
NÃO META A RECENTEAR  
PORQUE LUTAR COM ESSE POVO  
ATÉ ELE CONFORMAR  
SE FÔR GENTE ABORRECIDA,  
SE SE ALTERAR — PERDE A VIDA —  
COM A IGNORÂNCIA QUE HÁ...

NO Município de Altinho, por exemplo, por uma infeliz coincidência, veio a se propalar, na época da campanha censitária de 40, a notícia de que havia pelas redondezas um “PAPA-FIGOS” que fugira da mata em que vivia.

Era, segundo afirmavam, um monstro de desfaçatez inconcebível, tomando as mais variadas formas para se apoderar das crianças de cujas entranhas (era voz corrente) fazia sua alimentação quotidiana.

Um dos recenseadores dessa zona estava fazendo o serviço na localidade denominada Batingal quando, ao se aproximar da primeira casa do lugarejo, foi acolhido com gritos de socorro acompanhados de ruidoso trancar de portas.

A casa, antes acolhedoramente aberta, foi fechada de forma brusca, enquanto no seu interior a cabocla esganiçava-se histêricamente a bradar por socorro, apelando para os vizinhos que a salvassem do “PAPA-FIGOS” tão temido.

Percebendo o caráter grave que êste fato poderia tomar, o pobre agente, que no caso era o “PAPA-FIGOS”, abalou em desatinada fuga salvaguardando assim sua pele em perigo. Quando os vizinhos da tresloucada mulher chegaram, armados de foices e cacêtes, e pouco dispostos a escutar explicações, felizmente o recenseador já se achava bem longe.

FATOS idênticos a êste surgem a cada passo nos relatos de vários delegados censitários do Nordeste.

Acreditamos no interêsse dêsses depoimentos pela demonstração de lacunas a serem preenchidas, erros a serem corrigidos e situações a serem evitados no futuro. Todavia é imprescindível que se acrescente que só os ingênuos ou as pessoas de má fé podem lançar qualquer espécie de culpa, nesse assunto, sôbre os ombros dos dignos dirigentes da propaganda censitária. Bem pelo contrário. Merecem êles os mais calorosos elogios por terem superado com inteligência e rapidez os percalços inesperados. As situações difíceis, mal se apresentavam, eram enfrentadas com galhardia e decisão.

Os sectários do Padre Cícero temiam o Recenseamento?

— Muito bem. Prove-se que o Padre Cícero protege os Censos, foi a ordem imediata.

Da noite para o dia surgiram circulares assinadas pelos maiores da seita do “Caldeirão”.

Fizeram-se às pressas cartazes, nos quais aparecia a figura esquelética e mirrada do padre Cícero, e cujos dizeres

concitavam os fiéis a se incluírem na grande contagem nacional.

Surgiram como de improviso, inúmeras trovas rústicas e singelas que falavam à alma mística dos romeiros fanáticos.

Uma das mais belas e oportunas chegou a nossas mãos, infelizmente, já rasgada. Em resumo imaginava seu autor, presumivelmente algum ignorado trovador sertanejo, um sonho que tivera com o Padre Cícero. Neste sonho, pedia-lhe o Padre de Juazeiro que auxiliasse a tarefa dos Recenseadores acrescentando que ela só poderia vir a beneficiar os seus fiéis. Todavia, para que se tenha uma idéia mais justa dessa composição transcrevemos os poucos versos que até nós chegaram sem mutilação.

### SONHO DE UM ROMEIRO

Agora neste momento  
Quem quizé minha benção.  
P'ra eu tê contentamento  
Não negue nada ao serviço  
De nosso Recenseamento.

Tudo, tudo se consegue  
Auxiliano o Brasil  
Vamos sabê "QUANTOS SOMOS"  
Debaixo do "CÉU DE ANIL"  
E o Governo vendo pôco  
Faz o muito e manda mil.

Por isso é que eu peço ao povo  
Não ter mêdo e ajudá  
Os trabaio dos Agente  
Que lhe vão recenseá.  
Escreva o nome cum gosto  
P'ra que eu possa lhe ajudá.

Diga o seu nome ao rapaz  
Que for aí cum os papé  
Diga o nome de seus fio  
Também da sua muié  
Fale das cabras das róça...  
Das abeia que faz mé...

Seguiu-se a essa propaganda oficializada, largamente difundida à expensas do Serviço de Recenseamento a propaganda feita nas igrejas.

O Clero, conclamado para resolver as questões religiosas criadas pela mentalidade mística e pela ignorância reinantes em certas localidades, deu mão forte aos responsáveis pelos trabalhos censitários.

O BISPO DE GARANHUNS, por exemplo, para quem se apelou, chegou a ordenar a seus vigários que promovessem séria campanha em prol do Recenseamento.

Foi daí que surgiram os padres do Nordeste nos púlpitos, doutrinando a massa arredia e desconfiada. O tema "CRISTO FOI RECENSEADO", oportunamente lançado por Benedito Silva, foi nessa época exploradíssimo com o intuito de cativar a boa vontade e a simpatia dos sertanejos para os trabalhos dos Censos.

Em Bom Conselho, Pernambuco, além de dissertar sobre o tema acima, o Padre Arthur Silvestre chegou a solicitar do Bispo citado permissão para realizar uma missa campal noturna, tal era a desconfiança reinante na localidade. Foi constrangido que o Bispo negou essa permissão, de vez que, para as missas noturnas, existem dias prefixados por ordem superior que nem êle mesmo poderia contrariar. Diante disso, o padre Silvestre resolveu o impasse promovendo uma imponente procissão no dia 31 de Agosto, véspera do Recenseamento, acabando por essa forma com as dúvidas sobre a origem diabólica do inquérito censitário.

Aliás, a explicação do aparecimento de todos êsses incidentes, se não fôsse de todos nós já largamente conhecida, teria sido encontrada em um papelucho apenso a um questionário que andou de mão em mão no Serviço de Recenseamento. Nêle o informante, nosso patricio, desabafou-se contando suas desditas particulares, seu labor intenso em busca do escasso pão de cada dia, terminando êsse lamento desgraçadamente tão brasileiro: "EU SÓ UM HOME DUENTE DO IMPALUDISMO. MINHA MULHÉ SOFRE DO CORAÇÃO E A FILHARADA SE ACABA DA MALEITA. NÃO TENHO NADA PRUQUÊ AS FURMIGA COME O POCO QUE AS VÊZES PRANTO. NÃO TEM ESCOLA PUR PERTO E SE TIVESSE AS CRIANÇAS ALÉM DE DUENTE NÃO TINHA RÔPA PRA IR. NÃO TEMO LUZ ELÉTRICA NEM DE QUE-ROSENE. A NOSSA LUZ É SOL E A LUA, ASSIM MERM QUANDO DEUS QUER...".

Praza a Deus que nos futuros Recenseamentos do Brasil não surja tanto material doloroso e amargo sôbre êsses assuntos tristes de fanatismo, superstição e ignorância de nossa pobre gente do interior.

Praza a Deus que os nossos dirigentes, alertados, consigam debelar êsses flagelos morais, que afligem tão grande número de patricios nossos, enchendo de tristeza e, porque não dizer, de vergonha, aos brasileiros sinceros que verdadeiramente amam o Brasil.

**V**

**E os violeiros  
do sertão  
cooperaram ...**



**Q**ESPÍRITO popular, de tão fértil imaginação poética, legou-nos uma bela coletânea de trovas e de cânticos, inspirados na tarefa censitária.

Aqui e ali, em plena caatinga nordestina, espoucaram os poemas ingênuos e simples, reflexos sinceros da bondade de alma do nosso homem dos sertões.

É de admirar como essa gente, rude e às vezes sem qualquer laivo de instrução, consegue versejar de forma tão saborosamente interessante e bela.

UM morador do Bairro de Educandos, em Manaus, entregou, depois de devidamente preenchido, o boletim censitário. O Agente que o recebeu, ao passar os olhos pelo mesmo, reparou que a profissão indicada pelo declarante como sendo a sua era — POETA

Percebendo a admiração do Recenseurador o sertanejo confirmou ferido nos seus brios:

“— SIM SIÓ! MINHA PROFISSÃO É SÊ PUÉTA! NÃO SEIO LÊ MAS MANDO ESCREVÊ AS PUESIA QUI EU FAÇO!”

E, vendo que a dúvida ainda pairava no olhar do Agente virou-se para um pequeno que estava ao seu lado e disse:

“— MEU FIO. VAI BUSCAR LÁ NA CANASTRA GRANDE O MEU FOIÊTO DE VERSOS P'RO MÔÇO VÊ”

Pouco depois, efetivamente, o garôto trazia uma brochura enorme, sebenta pelo manuseio, em cuja fachada se via o nome do vate sertanejo em letras garrafais...

Pena é que o Recenseurador não nos tivesse mandado uma amostra para que se pudesse avaliar seus méritos de cantor...

Esse descuido, todavia, não se deu com outros funcionários que procuraram salvaguardar do esquecimento um grande patrimônio documentário, o qual hoje nos serve para comprovar a asserção de que a necessidade dos levantamentos

censitários já está integrando a índole dócil e mansa da mentalidade popular.

A POESIA, como a música, têm o privilégio de tocar diretamente no fundo das almas mais rústicas e mais simples.

Foi pela compreensão dêste fato, que o Serviço de Recenseamento divulgou em tão larga escala uma série enorme de poesias e desafios de viola, entre os quais se destacou, pelo sucesso alcançado, o de Carmo Bernardes, trovador e violeiro goiano.

Eis a cópia dessa publicação:

“N’ua dessas noites frias de S. João me cunvidaro p’rum cateretê na casa de um véio amigo e alí si deu cum um violero bamba da zona e cum eu, um acontecido qui é dos mais importante sôbre desafios de viola.

Quando acabaro as reza e as devoção, nós ajuntemo o pessoá na roda de u’a mesa e manjemo os bolo e os doce todo.

A mesa tava u’a beleza, esparramada num barracão cuberto cum foias de coquero babaçu, pertim da cabana do véio Juão.

Logo que acabaro de mastigá o pessoá fêz roda nu redor d’um cabra que tinha aparecido temperano u’a viola e que, repinicando o tom de treis sustenido mandou as cumidas:

Eu vim até meio duente  
Pagodiá nesta função  
Trazenu minha vióla  
Pra incuntrá um sabichão  
Esparramadô de papé  
Moradô lá no Matão...

Eu tunei direitinho o pião nas unha praquê eu ajudava o senhor Geraldo Valle nas propaganda do grande Serviço Nacioná dos Recenseamento, distribuindo us boletim. Foi então que, arreliado, arresorvi imbruíá as frarda da camisa cum o dito violero num desafio.

Pedi u'a viola e arrespondi o seguinte:

Trate mais bem cumpanheiro  
Um homem de inducação  
Eu tômem sô batisado  
Mas num é pur sabichão  
Esparramadô de papé  
Moradô lá no Matão...

— Assegure o pinho c'ô este menino, Zé Batista! gritou lá de um lado u'a morena cor de lombo assado, dessas goiana romantica que estragam cum a vida dos violero sentimentar.

O Zé arrebateu logo e eu pisei nos calo dele pur aí a fora:

1 — Zé

Eu vô te contar meu nome  
P'ra nois podê cunversá  
Eu me chamo Zé Batista  
E nasci só pra cantá  
Nunca achei um violero  
Qui pudesse me empatá

2 — Carmo

Eu tambem te conto o nome  
Pra ocê ficá sabeno  
Me chamo Carmo Bernardes  
Sô criado no sereno  
Como e bebo da vióla  
Desde os tempos de pequeno

3 — Zé

Intão indireta o corpo  
P'ra mi dá ispricação  
Sei qui aqui num é iscola  
Mas eu quero u'a lição  
Sôbre o tar Recenseamento  
Qui ovi falá no Matão

4 — Carmo

Recenseamento meu caro  
Vô te dá inspricação  
É só para u bem do povo  
O gunverno tem razão  
Pois agora é qui o Brasil  
Cumeçou a ficar “bão”

5 — Zé

Num me consta esse “bão”  
Qui tu anda ahi falano  
Tenho sido tão dereito  
Pago imposto todo o ano  
E num vejo nem iscola  
P’rus fio qui estô ciano

6 — Carmo

Pense um pouco cumpanheiro  
Pra falá tanta irizía  
Tu pensa qui u mundo sabe  
Qui ocê tem tua famía,  
Ninguem póde adivinhá  
Os fio que vameê cria!

7 — Zé

Antão a gente percisa  
Declará nossas tristeza?  
Antão ha de ser pur isso  
Qui nós não temus riqueza ?  
QUI NU MEIO DA FARTURA  
NOIS VIVEMUS NA POBREZA ?

8 — Carmo

É isso, ninguem num sabe  
Dos nosso padecimento.  
Não percisa discussão  
Eu te esprico num momento  
Provanu o que já te disse  
Sobre o tar Recenseamento...

## 9 — Zé

Pois então Recenseamento  
 Vai mostrá necessidade  
 Será que ansim nosso povo  
 Vai tê mais felicidade,  
 Pois então vou ajudá  
 Si u que ocê fala é verdade

## 10 — Carmo

É um fato meu amigo  
 Pois inté religião  
 E as duença da famía  
 Inté a cor do cidadão  
 Tudo vai ser anotado  
 Si tem estradas ou não

## 11 — Zé

Si é como ocê isprica  
 Depois do Recenseamento  
 Si aumentar nosso imposto  
 E acabá os sofrimento  
 Nois podemo inté pagá  
 Cum todo o contentamento

## 12 — Carmo

Não pode ser para imposto  
 Essas tanta informação  
 Basta o nome da fazenda  
 E o nome do cidadão  
 Declarando sua cor  
 E sua religião.

## 13 — Zé

Pois eu fico inté alegre  
 Cum a lição que aprendí  
 Já sei que Recenseamento  
 É que vem nos acudí  
 Me dê logo uns boletim  
 Tamem vô distribuí

14 — Carmo

E o gunverno vai sabê  
Si os fio na escola estão  
E tamem si tem estrada  
Que sirva a população  
Pois esse Recenseamento  
Vai sê memo um trabaião...

15 — Zé

Pois intão meu cumpanheiro  
Pode chegá mais p'ra cá  
Que contigo eu concordei.  
E o som de nossas vióla  
Nós devemo entrelaçá  
E us Gunverno do país  
Unidos vamus sardá!

E anssim, acabou a festança cum vivas, abraços e meio copo de caninha da boa que eu engeitei pezaroso porque a tar morena cor de lombo assado estava me esperano...".

A Delegacia Censitária de Anápolis, em boa hora mandou imprimir também, por sua conta, centenas de prospectos reproduzindo êste desafio, tendo colhido os melhores frutos dessa iniciativa.

ALIAS, o Estado de Goiás foi fertilíssimo em trovas populares chelas de rústica beleza.

Nos "mutirões" de Goiandira fizeram sucesso, na época do Recenseamento, as trovas que abaixo transcrevemos e cuja autoria nos é desconhecida:

Cumpadi vamcê num sabi  
Das últimas nuvidade  
Qui truxero da cidadi  
Us fios do Chico Abbadi?

— Eu não, cumpadi, me diga  
Pruquê perciso sabê  
Num vá pur acauso sê  
Arguma guerra, uma briga...

— A nuvidade qui eu falo  
É nuvidade tremenda  
Vão sai pelas fazenda  
Uns cidadão a cavalo

Qui trazem nu pensamento  
Contá u povo nas róça  
Os carros us bois as carroça  
Fazeno u Recenseamento

E, não esconda seus bois  
Conte todas as galinha  
Si vamcê mentí, dispois  
Vem os FIO DA CANDINHA

Si u homem vorta otra veis  
Pru mode desconfiá  
Di novo tem que contá  
I fazê u qui si feis.

Vamcê vai pará nu POTE  
I em veis di tê as vantage,  
P'ra pagá a carcerage  
Tem que vendê seus garrote!

Enchero tudo de nome,  
Pintaro as ponte, as portera,  
Té párece brincadeira  
Os letrero desses home. . .

Qui num vai subí imposto  
Qui vai dá arado, enxada,  
Escola p'ra garotada  
Qui vamos tê mais conforto. . .

— Pois cumpadi, nois agora  
Cum u tar Recenseamento  
Vamos ter melhoramento?  
Intão veio em boa hora!

Pois inté já tou quereno  
Qui chegue o Recenseamento  
P'reu prantá meus mantimento  
Arando bem meus terreno

I sem subi os imposto  
Prantando cum prantadeira  
Carpindo cum carpideira  
Eta vida inté dá gosto! . . .

ESSAS composições tôdas, surgiram motivadas pelo desejo de cooperação em uma obra que, mesmo na sua ignorância, o matuto como que adivinhou necessária e nobre.

Muitos violeiros, sabedores das dificuldades padecidas pelos pobres agentes censitários, procuraram auxiliá-los espontaneamente, explicando às massas rudes por intermédio de suas trovas, o que era o Recenseamento, e como poderiam ajudá-los.

Eis a reprodução de um belo exemplo dessa cooperação voluntária:

#### QUANTOS SOMOS

— Vamcê é cabra inteligenti  
Pois fala tudo sabê,  
Diz ô certo quanta gente  
Qui o Brasi deve di tê

— É tão grande a minha terra  
Qui eu nem sei carculá  
P'ra sabê u qui ela incerra  
É perciso se contá

— E com'é qui vamcê fais  
Contá gente esparramada  
Não querdito qui é capais  
De saí conta acertada

— Todo o chefe de famía  
Toma nota du qui tem  
Duma veis e num só dia  
Qui assim num perde ninguem

— I quem num sabe escrevê  
E num sabe suletrá?  
Cumô pôde arrespondê  
P'ressas conta apresentá?

— Diz p'rarguem qui sabe lê  
I que more ahi pur perto  
P'ru seu povo ele inscrevê  
Que tudo sairá certô.

Essa catira foi muito cantada em 1940 e tinha a assinatura de Garibaldi.

OUTRA espontânea colaboração popular que também fêz muito sucesso nessa época foi a composição do afamado violero Bentinho Palmiro de Miranda.

Eis como esta moda de viola estava concebida:

#### O RECENSEAMENTO

Fazê o Recenseamento  
É devê do cidadão  
O gunverno qué sabê  
Quantos habitantes são  
E suas propriedade  
Certo e com exatidão.  
“País sem Recenseamento  
É carro sem direção”.

Apresentá bôa Estatística  
P'ro Brasil é uma grandeza  
O Brasil é um país rico  
Todos nós temu a certeza  
Mas não sabe o que possue  
Para dizê a franqueza;  
O censo é que vai mostrá  
A sua grande riqueza.

O Gunverno qué sabê  
Das nossa propriedade  
Explorar nossas riqueza  
É sua finalidade.  
É inimigo da patria  
Quem não contá a verdade

Além disso está sujeito  
A muitas penalidade.  
Quando o Recenseadô  
A sua casa chegá  
Com geito e satisfação  
Faça êle se sentá  
Respondendo prontamente  
Tudo o que êle perguntá  
Pois o Gunverno só quer.  
A pobreza minorá...

MAS nem sempre os rústicos trovadores focalizaram em seus versos as vantagens de um bom Recenseamento. Nem sempre estiveram êles pelos autos, quando chamados a responder ao longo, mas necessário interrogatório.

Os questionários complexos, cheios de minúcias imprescindíveis em obras dessa natureza, provocaram aqui e ali explosões poéticas de crítica, motivadas pela incompreensão dos sertanejos.

Reflexo disto, é a trova que nos chegou sem indicação do autor:

#### O RECENSEAMENTO EM STA. LUZIA

catira

Por um trovador da roça.

Nois tamu pur compreendê  
Essa lei que começô  
Nois tamu Recenseado  
Pelo "seu" Recenseadô.  
Já sairo os empregado  
Percorrendo os moradô  
Isto é ordem do Getulio  
Pois foi êle que mandô.

Os empregado saíro  
Correndo o Brasí entero  
Alistando o pessoá  
E as ave dos terrero  
Pregunta pelos seus carro  
Tambem pelos boi carrero  
Êle qué sabê de tudo  
Lá no Rio de Janero

Despachô os empregado  
P'ra dentro desses sertão  
Alistando o pessoá  
E tamem a criação.  
Preguntam pela porcada  
Tamem pela produção,  
Os produto do Brasi  
Traz tudo em recordação.

Eu conto pelas metade  
Que inté ja perdi a paz  
Que as pergunta não tem fim  
A gente não é capais,  
A gente tem que dá conta  
Do que ja passô p'ra trais  
Não podemus esperar  
Que a vida melhore mais.

Da era de 39  
A era que já passô  
Pede os frutos da lavoura  
Ferramentas que comprô  
Pregunta por frango e galos  
Quantas galinha chocô  
E tamem pelo dinheiro  
Que os camarada ganhô.

Eu acho que é bobage  
Uma era que se deu  
Preguntá pelas despeza  
Mantimento que colheu  
Quantos capados matô  
Quantas vacas que comeu,  
Na era de 39  
Quanta criação perdeu...

É PRECISO que se note, que esta coleção de trovas simples e ingênuas, longe está de representar a totalidade das composições elaboradas pelos violeiros sôbre o motivo censitário.

Muitas delas continuam desconhecidas, pois tiveram circulação efêmera nos lugares em que surgiram.

O que, todavia, não nos deixa sombra de dúvida é que elas indicam, como já afirmamos, o fato da integração da

necessidade dos inquéritos estatísticos na índole das populações mais humildes e incultas.

Sòmente nos graves períodos, nos quais a nossa História se abalou, foi que se verificaram exemplos tais de interesse e de cívica preocupação por parte dos violeiros sertanejos.

Alguém já achou sugestivo o fato de que tão elevado número de produções, espontâneamente populares, só o hajam merecido acontecimentos memoráveis para a nacionalidade, como sejam, a Declaração da Independência, a Guerra do Paraguai, a Campanha de Canudos e a Proclamação da República, para citarmos apenas alguns dos mais popularizados pelos vates do povo.

# VI

**Honremos  
a quem lutou  
pelos Censos...**



UDO o que se contar procurando ressaltar o mérito decorrente da maneira verdadeiramente desprezada e abnegada, com que os Agentes Recenseadores se portaram em face das cruzadas censitárias de 1940 e de 1950, tudo o que se contar, repetimos, ainda será bem pouco.

Sem qualquer espécie de garantia que lhes servisse de incentivo, palmilharam êles todo o extenso território brasileiro sondando o povo no afã de conhecer e divulgar a sua situação, as suas riquezas e as suas necessidades:

Mas êsse povo, tão disperso por território imenso e nunca tendo assistido a um inquérito minucioso e da envergadura do que foi realizado, tinha que reagir logicamente de maneira desigual e imprevista.

Se a grande maioria, quase que a totalidade dêle, notadamente a localizada nos centros civilizados, aceitou, assimilando rapidamente, a idéia das finalidades censitárias, o mesmo não sucedeu com os habitantes dos rincões perdidos, ermos e isolados da comunidade brasileira.

O INTERIOR do Nordeste Oriental, por exemplo, foi uma verdadeira arena, onde o Recenseamento e a incompreensão dos sertanejos terçaram armas. Já tivemos oportunidade de relatar o quanto o fanatismo, a ignorância e a superstição, de uma parte da população dessa zona, entravaram a marcha da campanha, exigindo dos agentes grande tato e um espírito de abnegação todo especial.

As dificuldades iniciais foram tantas e tão grandes em certos lugares, que obrigaram os delegados censitários ao lançamento de apelos patrióticos, com o intuito de conseguirem funcionários que com êles trabalhassem.

Eis como um desses delegados descreve a situação:

“Senti muito a falta de pessoas de conhecimento nas letras que quisessem prestar o dever para com a Pátria, pois nesse momento em que ela precisa da colaboração de seus

filhos só se oferecem os menos favorecidos que se sujeitam a sacrificar a saúde e a própria vida para assim levantarem o seu brilho.

Ninguém, favorecido pela sorte, ou portador de títulos, sujeita-se a sair de porta em porta mendigando informes, mesmo que êstes sejam, como são, da maior utilidade para o país”.

E foi essa plêiade de “menos favorecidos”, isto é, o povo no mais amplo sentido do termo, que se recenseou a si mesmo. Daí o êxito satisfatório do empreendimento. Evitando-se as interferências políticas, nas nomeações do funcionalismo censitário, conseguiu-se que o resultado fôsse tão compensador. Cada homem, sempre que possível, agiu no seu meio e no seu lugar.

A precariedade de transportes, a escassez de vias de comunicação, dificultando a penetração da propaganda censitária, foram também fatores dignos de nota entre os elementos adversos à campanha. Outro delegado escreveu:

“Tenho a registrar que o povo nordestino, em geral, receava ser o Recenseamento uma coleta de informes, destinada a favorecer o alistamento militar o aumento de impôsto, promover o comunismo pela desapropriação dos bens arrolados e capa verde(?); e que finalmente só se conseguiram as informações, no início, mediante ordem e pressão da autoridade municipal, tornando assim, realmente obrigatório, o preenchimento de cada questionário de per si.

A precariedade de meios de transporte e a forma esparsa por que se distribui a população, muito dificultaram a tarefa dos Recenseadores.

Grassou nessa zona, na época do Recenseamento, uma séria epidemia, a peste bubônica, sendo inúmeros os casos de óbitos registrados.

Mas, por felicidade, estava a nossa zona nessa época livre de bandidos, pois costuma muito ser visitada pelo famigerado Lampeão e seus comparsas”.

Eis outro depoimento, também de um delegado censitário:

“As dificuldades mais sérias deparadas pelo agente recenseador foram: Na zona rural chegava êle em casa de uma pessoa e depois de uma caminhada de 3 ou 4 léguas, lá chegando, comprovava a existência de pessoas residindo ali. No

entanto a casa estava fechada e não se encontrava nela viva alma. Apesar disso era preciso recensear aquela gente. Esperar que voltasse, seria arriscar-se a perder muito tempo precioso, pois era possível que estivessem em casa de parentes ou num cercado botado na chapada, distante às vezes de uma légua ou mais. Nesta incerteza era preferível seguir em busca de outra habitação dentro das caatingas semidesertas. Voltaria depois à casa fechada.

Outra coisa bem ruim era a falta de alimento para o Agente e para o seu cavalo quando o tinha. Acontecia às vezes durante 3 a quatro dias sucessivos ficar o recenseador sem refeições.

Ninguém perguntava ao pobre agente se precisava almoçar ou jantar. Ele também se acanhava de adiantar essa particularidade.

E assim, roendo um pedaço de queijo e de rapadura, amargurava êle, vários dias, nesses vastos terrenos quase sem habitações do sertão nordestino”.

FORAM essas dificuldades surgidas notadamente na parte norte e nordeste do Brasil, que puseram à prova o estoicismo dos recenseadores.

Foram elas que motivaram tantos arroubos de desprendimento, de coragem e de civismo.

Eis, por exemplo, uma fase do recenseamento de parte do território do Acre na qual aparecem, como protagonistas, dois sacerdotes que se ofereceram para recensear as regiões do Antimari, do Andirá e do Abunã.

A tarefa censitária, nessas zonas, teve qualquer coisa de épico, pois a rarefação demográfica e a natureza inóspita do terreno exigiram dêsses recenseadores um elevado espírito de sacrificio.

Padre José, um dos agentes, navegou com sua lancha, denominada “Carneiro Felipe”, por rios quase inacessíveis e selvagens, entrando mesmo por afluentes que jamais haviam sido navegados.

Teve êle que desobstruir vários cursos d’água, cheios de balseiros e atravessados por enormes cumarus e castanheiras, para levar avante o seu trabalho.

Enfrentou pelo caminho animais perigosos como a “pico-de-jaca”, uma das quais media 15 palmos e cujas prêsas ornaram a mesa do delegado censitário dessa zona.

Não menos arriscada foi a atuação de seu companheiro, Frei Pelegrino, que trabalhou no Abunã, uma das regiões mais palustres da Amazônia.

Ao varar em direção de Pôrto Velho, foi atacado por uma patrulha avançada de índios necrófagos que aí vivem, tendo escapado por um verdadeiro milagre.

Depois veio-se a saber que se tratava dos índios Pacoaras, os quais têm por hábito assassinar suas vítimas enterrando-as em igaçabas donde as retiram, após uns dias, a fim de se banquetear com seus cadáveres, entre dansas lúbricas e rituais trágicos.

Passemos a palavra ao próprio Padre José, transcrevendo uma parte de seu diário de viagem:

“Dia 28 — às 16,30 cheguei à palhoça de onde saíra às 5,30 da manhã. Onze horas de viagem para recensear duas barracas. A perna muito inflamada e febre de 39,8; roxo de frio e com insuportável dor de cabeça, pois, quando não estava dentro d’água, estava debaixo do aguaceiro da chuva torrencial e isso por todo o dia.

Dia 29 — Naufragou minha embarcação. Quase não reparei no fato. O Nestor (meu companheiro) gemeu a noite inteira de febre e frio. Levantei-me ainda escuro, com o corpo moído pela viagem. Banhei o rosto e ao descer ao rio, notei com espanto o “Carneiro” submerso até a tolda, somente com a pôpa de fora. Não parecia realidade. Cheguei mais perto na esperança de que a vista me enganasse...

O Rio Andirá vazou à noite 1,20 m e o remanso encostara o barco em terra. O que havia dentro estava boiando ou submerso, Lembrei-me, porém que no meio da bagagem havia meio quilo de linha americana, uns 60 m. Estendi-a na cêrca e, desdobrando os formulários encharcados, abri-os ao sol. Essa operação levou-me bem hora e meia. Estendi junto as nossas roupas que estavam também alagadas. As 2 horas da tarde dobrei os boletins arrumando-os num caixote velho. Alguns ficaram imprestáveis. Embarquei o restante da “macumbagem” (miudezas), acomodei o Nestor num estrado e às 3 horas comecei a baixada, rumo ao primeiro seringal, que deveria ter recenseado na subida. O rio tornou-se impraticável. Um pau enor-

me jazia atravessado de uma barranca a outra. Fui ao machado e em 25 minutos superei o obstáculo. Rio abaixo formou-se um temporal escurecendo antes das 5 da tarde. Fiquei preocupado. Iria dormir a bordo, sem jantar e molhado, com o companheiro a delirar de febre. As 5,30 escureceu completamente. Diminuí a velocidade do motor e guiando-me pelo barulho dos ramos nos balaústres, fui descendo. Caiu forte chuva com o vento. Foi necessário cobrir a bagagem e o Nestor com o encerado para que tudo não se alagasse novamente. O frio apareceu logo. Aos trancos e aos barrancos alcancei a cabana às 7 da noite. Fome e cansaço a valer! Desde manhã cedo molhado, sem comer e sem um gole ao menos de cachaça para beber. Beberia de bom grado... Seria um remédio excelente contra o mal-estar que me dominava. Subi o pôrto com dois sacos nas costas, o aparelho de carbureto aceso e um embrulho de roupas. A chuva estiou. O companheiro, ainda com muita febre, vinha atrás trazendo apenas uma rêde e alguma roupa num saco. Chegamos à barraca. Ela é pequena, a escada de 4 paus roliços está enlameada e escorregadia. Além de tudo não está pregada. Eu não sabia e ouvindo a chuva cair de novo e já nos alcançando pisei no primeiro degrau. A escada fugiu rapidamente, enganchei o pé no degrau e baqueei por terra de costa. A luz apagou-se, a escada forçou meu braço esquerdo no esteio da cabana e dei com o occipite numa pele de borracha que providencialmente ali se achava para ser embarcada no dia seguinte. Ainda tremo lembrando-me que se tivesse batido com a cabeça no esteio ou no pau da estrada, teria partido o crâneo. Os dois sacos rolaram na lama. Fiquei sem respirar vários segundos. O companheiro mesmo doente jogou sua carga no chão e ajudou-me. Fiquei sôbre a borracha alguns minutos e depois subi ao casebre cambaleando e ainda sem fala. Com 10 minutos de repouso pude controlar o meu "eu". As lágrimas estavam rolando involuntariamente. Sobreveio forte dor de cabeça. Achamos um pouco de café que tomamos sem açúcar e mitigada a sêde tentei

repousar. Fome a tôda a prova e nenhum recurso para satisfazer os justos anseios do estômago.

Mais um dia plenamente censitário...

Humanamente falando, infernal...

Dia 30 — Levantei-me às 7 horas da manhã, mais morto do que vivo. Arranjamos 3 canas que torcidas nas mãos deram meio litro de caldo com o qual adoçamos o café que sobrara da véspera. Estávamos com fome canina. O rio não dá peixe com as águas nessa altura. Peguei a espingarda e meti-me no mato com febre alta. Voltei daí a pouco. Não tinha fôrças para ir adiante. Matei um inambu que salvou a situação. Passar, o que estou passando de fome nessas paragens, não é certamente um predispositivo para a obesidade. Passar vinte e três dias com febre, nadando quotidianamente, levando chuva a todo o momento, passando fome e necessidades, sem recursos sanitários, também não é, de forma alguma um predispositivo à vida longa. Até hoje, já ingeri 75 atebriñas..."

Vemos assim, retratada nas palavras insuspeitas dêsse sacerdote, uma amostra do que foram as vicissitudes enfrentadas pelos heróicos recenseadores brasileiros nas regiões perdidas do Brasil.

EM Goiânia, no vale do Paranã, destacou-se entre todos êles, a figura heróica de um abnegado e humilde agente.

Região extremamente fértil, localizada no norte do Município de Formosa, o vale do Paranã tem a sua população quase que inteiramente composta de elementos de raça negra, os quais, já radicados, conseguem sobreviver ao impaludismo reinante.

Ninguém queria aceitar a incumbência de recensear tal lugar, o que obrigou o delegado desta zona a pedir um voluntário. Foi então que surgiu um homem do povo — ORCALINO MARIANO DE DEUS — que espontânea e patriôticamente se ofereceu para levar o Recenseamento ao vale do Paranã.

Recebendo os questionários, rumou êle para o seu destino acompanhado de seu filho, um rapaz de 17 anos, como auxiliar.

Chegados que foram, atacaram logo a empreitada, mas passadas poucas semanas a fatalidade os alcançou. Desacclimatado com o ambiente o rapaz, atacado pelo impaludismo,

foi definhando e sob o delírio da febre destruidora veio a falecer.

Mas nem essa tragédia pôde abater o ânimo de Orcalino, o heróico recenseador. Cheio de fibra, de coragem e de estoicismo, respondia êle para os que tentavam demovê-lo da empresa arriscada em que voluntariamente se metera:

“— NÃO PARO! EU E MEU FILHO ASSUMIMOS UM COMPROMISSO PARA COM NOSSA PÁTRIA. DEUS NÃO QUIS QUE ÊLE PROSEGUISSSE, MAS EU, EU SÓ PARAREI TAMBÉM SE ÊLE ASSIM O QUISER!...”.

E arrastando a sua inconsolável amargura êle recenseou todo o povo do Paranã até o fim.

FATO idêntico se deu no lugar denominado Gerais, de Correntina. Localidade insalubre, onde campeia o mais mortífero e traiçoeiro impaludismo, ao qual só as pessoas aclimatadas resistem, exigiu ela do Recenseamento o preço de mais uma vida.

Ali também ninguém queria trabalhar até que surgiu um voluntário. Chamava-se êle JOÃO SOARES PEREIRA. Depois de meses a fio de luta contra a hostilidade do meio, uma grande nova foi comunicada em regosijo ao país inteiro, já sabedor da dificuldade do empreendimento:

Os Gerais de Corretina com seus 9 900 km<sup>2</sup>, com a sua população e com seus haveres estavam recenseados integrando o ativo nacional!

Dias depois, sem tanto espalhafato, num canto perdido de um jornalzinho do interior, apareceu uma notícia: JOÃO SOARES PEREIRA, o valente recenseador, sucumbira vítima do pela maleita contraída no desempenho de sua tarefa magnífica...

Ainda agonizante, alguém lhe perguntou se tomara as atebrias que o delegado censitário lhe dera para seu uso ao que êle respondeu, talvez sem alcançar a beleza do gesto que praticara:

“— COMO EU PODIA TOMAR? TINHA TANTA GENTE COM FEBRE NOS CAMINHOS QUE EU NÃO TIVE CORAGEM DE BEBER OS REMÉDIOS. DEI TUDO P'ROS COITADOS...”.

E, sem uma queixa, abandonado e esquecido, o bravo agente ainda se sentiu bem feliz por morrer somente depois de ter saldado o compromisso que assumira para com a Pátria.

OUTRO belo gesto de desprendimento deu-se em Uberaba, a florescente cidade mineira.

Existem muitas cidades no interior do Brasil onde não há sequer pelas suas proximidades, estabelecimentos próprios para a reclusão e tratamento dos leprosos.

Essa lacuna obriga a formação espontânea de verdadeiros vilarejos onde se refugiam os infelizes portadores do mal de Hansen, escorraçados do convívio social.

É o que se nota, por exemplo, em Uberaba. O Recenseamento da zona dos morféticos dessa cidade, constituía verdadeiro impasse para o Recenseamento, quando se apresentou um cidadão que se comprometeu a levar avante a tarefa arriscada.

Chamava-se êle THEODOMIRO PAULO COIMBRA e, ao acabar o trabalho, não satisfeito ainda com a iniciativa corajosa e patriótica que tomara, dedicou tôda a remuneração que lhe era devida, para que servisse de lenitivo àqueles nossos infelizes concidadãos.

Gestos como êsses, firmam um belo exemplo e fixam o ambiente cheio de fervor e de honestidade do Recenseamento de 1940. E, é preciso que se creia, fatos idênticos aos que narremos agora, deram-se às centenas no Brasil inteiro. Se êles não nos chegaram todos, assim detalhados, é porque nem sempre, na agitação do momento, houve quem os anotasse com o carinho e com o interêsse que mereciam.

MUITOS outros fatos, apenas por não terem sido funestos, foram menosprezados ou permaneceram no esquecimento.

Foi o que se deu, por exemplo, com o incidente de que foi protagonista um recenseador do Território do Acre. EUCLIDES QUEIROZ FILHO, êsse é o seu nome, fazia o trabalho censitário na zona do rio Moa quando, numa correreira mais forte, foi vítima de um naufrágio.

As águas tumultuosas do rio enfurecido ameaçavam tragá-lo em seu ímpeto, mas o bravo funcionário, esquecendo-se de si próprio só visava o salvamento do material que lhe fôra confiado.

Testemunhas oculares depuseram, mais tarde, que quase o viram perecer na ânsia de salvar as preciosas informações já coletadas quando teria sido tão fácil abandoná-las. Êste gesto se torna tanto mais nobre quando se sabe que, de tudo o que era seu, seus pertences e seu dinheiro, não cogitou.

Perdeu-os satisfeito e sereno por ter cumprido o que a retidão de seu caráter lhe apontava como um dever.

UM outro episódio da campanha censitária de 1940, o qual também merece registro especial, foi o que se desenrolou em Pontalina, no Estado de Goiás.

Foi seu protagonista o DR. ALBERTO PONTES, advogado de nomeada nessa cidade. Sabedor das dificuldades deparadas pelo delegado censitário, que buscava em vão encontrar recenseadores que se embrenhassem pelo interior, êle próprio se ofereceu para desempenhar essa função.

Largando seus rendosos afazeres, meteu-se pelos sertões adentro, cumprindo a contento a árdua tarefa para a qual voluntariamente se oferecera. Quanto aos vencimentos advindos dêsse trabalho, êle os doou integralmente para que beneficiassem a caixa do grupo escolar da localidade.

E FOI assim, entre arroubos de verdadeiro heroísmo cívico, que se levou avante o maior inquérito estatístico realizado no Brasil.

Tanto no Norte como no Sul, no litoral como no interior, êsses gestos nobres de patriotismo se registraram e se reproduziram, glorificando e enaltecendo a tarefa dos Agentes Recenseadores do Brasil.

Ê digno de registro que, entre os 45 000 agentes utilizados em todo o país, apenas um fôsse punido por ter cometido uma infração grave. Apenas um, e assim mesmo a sua falta deve ser atribuída mais à ignorância do que à má fé. Desconhecendo a rigidez do compromisso que assumira, êsse pobre funcionário quebrou o inviolável sigilo de certa informação que lhe fôra prestada.

Pode-se mesmo dizer que foi uma exceção para confirmar a regra.

Passou-se o fato com um humilde recenseador do Estado do Pará, o qual deparando no exercício de seu trabalho com um caso de bigamia, revoltado, o denunciou às autoridades policiais.

Ê claro que a revelação indébita não prejudicou o bigamo porque a lei rezava claramente que "Tôda a informação prestada no boletim censitário não pode fazer prova contra o declarante".

O único punido foi o próprio agente, pois foi imediatamente suspenso de suas funções e entregue às autoridades que lavraram contra êle o competente processo criminal.

TRAZENDO a público êsses fatos, não temos outra idéia senão a de fazer voltar um instante a vista do leitor para essa plêiade de lutadores abnegados e honestos que foram os recenseadores. Tendo conseguido êsse objetivo, estaremos satisfeitos.

Êles, mais do que muitos politiqueiros que andam por aí bronzificados em muitas praças públicas, merecem que a Nação agradecida dê ao seu trabalho o valor e a importância que realmente tem.

Não seria demais que o país elevasse uma estátua modesta ao recenseador anônimo, ao recenseador desconhecido.

Foi êsse apêlo, que resumido surgiu naqueles versos:

Fazer levantamentos censitários,  
Afrontando fatôres os mais vários,  
Num país como o nosso, rude, extenso,  
Difícilimo à prática de um censo,

É obra colossal!

Enfrentar a descrença popular,  
Convencer, definir e explicar  
As vantagens que ao povo advirão,  
Quando levada a têrmo a operação,

Faz jus um pedestal!

Que a gente brasileira — agradecida,  
Há de um dia elevar — reconhecida,  
Aqueles que um Brasil mais verdadeiro  
Apresentaram — belo — ao mundo inteiro.

# VII

Poesias que  
o Censo motivou ...



UÁ o professor Giorgio Mortara, na sua belíssima conferência intitulada Poesia e Prosa do Recenseamento, por especial deferência do autor transcrita na 1.<sup>a</sup> edição dêste livro, como que profetizara o aproveitamento do motivo censitário na poesia nacional.

Aliás, como em tôdas as suas conclusões, esta teve também por base um raciocínio simples, seguro e lógico.

Fazer um inquérito censitário sério, num país tão extenso quão desprovido de recursos e de experiências estatísticas como é o nosso, tornava óbvia a necessidade d emprêgo de grande dose de fatores nobres que interferisse, tornando possível a tarefa ingente.

E os poetas, amantes do belo natural e das realizações grandiosas, não poderiam ficar inativos e insensíveis numa hora em que um povo inteiro se agitava na ânsia de desvendar-se a si mesmo.

Surgiu, no calor das campanhas censitárias, devido à beleza de suas finalidades, uma série enorme de poesias de tôdas as escolas e até sem escola alguma. Mas interessante é notar que estas últimas, por focalizarem melhor as dúvidas, as inquietações e os apelos de nossas populações mais humildes, ganham em interêsse o que possam perder pela falta de técnica de sua composição sob o ponto de vista literário.

Pedimos aos caçadores de métricas que não rebusquem em alguns dêsses arroubos que agora divulgamos, os lapsos naturais e compreensíveis em obras populares e espontâneas dêsse gênero. Se as transcrevemos honestamente reproduzidas, é porque somos dos que gostam de sentir o contacto sincero e muitas vêzes ingênuo das nossas massas rudes, isentas ainda dos sofismas e dos convencionalismos interesseiros que a civilização por suas normas de ética obriga.

VEJA por si mesmo o leitor, a realidade dessa afirmativa passando os olhos por êsse relatório em verso apresentado

pelo Recenseador Manoel Alves de Araújo, morador em Panelas no Estado de Pernambuco.

Foi a 4 de Setembro  
Que um setor me confiaro  
E me pus a trabaiá  
No Serviço Censitário  
Dentro da zona Rurá  
De todo o Censo em gerá  
Enchendo os questionaro

Eu sempre a todos dizem  
Vancês não tenha cuidado  
Que o tar Recenseamento  
Não trará mal resurtado  
O Presidente — é certeza  
Trabalha pela pobreza  
É governante aprovado.

Ao começar meu trabaio  
Com o povo de meu torrão  
O povo se arvorogô  
Numa grande exclamação  
Dizeno logo em desgôsto  
Vai se pagar tanto impôsto  
Oh! que ruim situação!

— Si vancês não fô contados  
Nossos Chefes cum certeza  
Não providencia a causa  
Para o bem dessa pobreza  
Com os trabaio dos Censo  
Se for assim cumo eu penso  
Virão em nossa defesa.

Logo me arrespondiam:  
— Quar de defesa quar nada  
Vancê já viu quem é rico  
Sentir pena da pobreza?  
Ou seja a pulso ou por gôsto  
A quem não pagar impôsto  
Levam até pratos da mesa.

Eu tive em casas tão pobre  
Que não tinha um só caixão  
Dizer que fiz mermo em pé  
O Censo, ou sentei no chão  
Sem tê nada pra escrevê  
Só ansim se pode vê  
A pobreza da Nação.

Terminei o meu setô  
Ouvindo o que abaixo encerra  
O povo todo dizem:  
— É alistamento pra guerra,  
Deus há de olhar para o mundo  
Há de acabá num segundo  
Cum a infeliz dessa terra.

Quem fôr de mau coração  
Não mêta a Recensear  
Pruquê lutá cum êsse povo  
Até êle cunformá  
Se fô gente aburrecida  
Se se alterar — perde a vida  
Cum a ignorância que há!

.....  
.....

Aos Chefes dessa Nação  
Mil desculpas eu lhes peço  
Da minha má narração  
Mas o que contei agora  
É um pingô dessa história  
De pobreza e de aflição

A Deus eu rogo tamém  
Referindo a exclamação  
Aos homens eu tamém rogo  
Que usem de boa ação  
Pra que êsse Recenseamento  
Só faça bem p'ra Nação.

Como bem se pode observar, são versos rústicos os dêsse agente, mas estão de tal maneira impregnados de realidade e de sentimento, que ofuscam o valor de muitas poesiazinhas melosas que surgem todos os dias em letra de fôrma.

No relatório vernejado dêsse recenseador, e pela sua palavra, falaram centenas de humildes caboclos que, êles mesmos, sentiram muitas vêzes os olhos arregalados de espanto ante tamanha ignorância e pobreza reinantes em determinados lugares do interior brasileiro.

UM dos mais originais métodos de propaganda, feita para debelar êsse estado de coisas que criava para o Censo um ambiente hostil, foi, sem dúvida alguma, a fórmula utilizada pelo senhor Joaquim Silveira, dinâmico e esforçado Delegado Municipal do Recenseamento em Bom Conselho.

Diante das dificuldades de tôda a espécie, com que deparou no início de sua missão, lançou êle êste lírico apêlo dirigido às mulheres do município sob sua jurisdição:

Mulher Bomconselhense — flôr e luz  
Pelos teus lábios de mulher formosa  
Deixa florir essa verdade a flux  
Que torna a vida uma manhã radiosa.  
Com teu fascínio, graça e encantamento  
Abre a corola de tua bôca e exorta  
Ao esposo, ao filho, ao irmão e a todos  
Que desfilarem pela tua porta  
Para que, sem receio e sem apodos  
Nos auxiliem no RECENSEAMENTO.  
Mulher Bomconselhense, o teu talento  
De Nordestina e Brasileira altiva  
Põe-no ao serviço do Recenseamento  
Para que a Pátria em ti maior reviva!  
Se os teus risos a todos embevecem  
Se a graça te conduz à excelsitude  
MANDA — que teus patrícios obedecem  
FALA — que êles te imitam na virtude!  
Com a pureza de tua nobre ação  
Em benefício do Recenseamento  
Não só provocarás deslumbramento  
Como terás da Pátria a gratidão.  
E eu, que recolho dos jardins as flôres,  
Tecer-te-ei com elas mil grinaldas  
E pompearás rainha — entre fulgores  
Coroadada de sóis e de esmeraldas!

Escusado é dizer que êste apêlo calou fundo nas almas femininas, tornando a tarefa censitária dessa zona muito mais amena.

Alguém já disse que, no Império, quem não fizesse versos, mesmo maus, estaria irremediavelmente desacreditado e fadido para as funções que exigissem traquejo social.

Como prova dessa observação, apontaram o exemplo do próprio Imperador Pedro II, o qual também se viu arrastado por essa contingência. Mas, acrescentamos, se êste espírito e esta modalidade de fazer pressupor cultura e superioridade intelectual quase se extinguiram nas grandes cidades, o mesmo não sucedeu no interior onde ainda se mantém a exigência dessa praxe.

Foi por isso que o Delegado de Bom Conselho, por exemplo, conseguiu mais efeito com o seu apêlo em versos do que com tôda a coleção de cartazes que recebera da Capital. Isto, fora o prestígio e as amizades que grangeou entre a população envaidecida pela atenção dispensada a si, na pessoa de seus elementos femininos.

DA Paraíba, também, chegou-nos copiosa documentação, da qual, para êsse nosso trabalho, destacamos êstes dois "Motes" glosados; o primeiro por Benirêves, e o segundo por Manoel do Ó, ambos residentes em Campina Grande.

I

Mote:

---

O Censo Nacioná  
Vai Cuntá para vamcê...

Glosa:

---

Esta obra colossá  
Que ora se realiza  
De seu arxilio percisa  
"O CENSO NACIONAL".  
Vamos tê prova reá  
De tudo vamos sabê  
Se vamcê num percebeu  
Qual é u nosso valô  
O seu Recenseadó  
"VAI CUNTÁ PARA VAMCÊ..."

Mote:

---

É de grande utilidade  
O Censo Nacioná...

II

Glosa:

---

Prestá cum dignidade  
Informes certos ao Censo  
De nosso Brasi imenso  
“É DE GRANDE UTILIDADE”  
Dos sertões a Capitá  
Junto ao Poder Federá  
Não minta, conte dereito  
Pra não saí cum defeito  
“O CENSO NACIONAL”.

É MOTIVO de satisfação orgulhosa, ver o amor pátrio que tôdas essas composições deixam emanar de si. Verdadeiras exaltações às riquezas e à pujança de nosso país são nelas decantadas com entusiasmo e interêsse. Em tôdas elas sente-se êsse belo e consolador índice de são e dedicado patriotismo.

Eis, como exemplo dessa simpática vibração cívica, mais duas poesias bastante divulgadas no período preliminar da campanha de propaganda do Recenseamento de 1940:

CENSO BRASILEIRO

J. Stefani

Brasil que nasceu em terras da Bahia,  
Brasil que se estendeu até as cochilhas do Sul  
Brasil descoberto pela inspiração de Deus!

Desde as primeiras preces erguidas em tuas praias,  
Brasil, teu povo se tornou cristão...

E vieram os bandeirantes avançando terra adentro,  
mudando cada dia um passo para a frente  
o marco que assinalava tuas divisas.  
E surgiram os Anhangueras e os Borba-Gato  
a semear cidades que frutificaram...

E os Anchietas surgiram, como sóis divinos  
lutando em prol da catequese brasileira!

E o Brasil cresceu, evoluiu, cristianizou-se.  
E, ao rebentar festiva e rutilante aurora  
com o advento nacional do Estado Novo,  
ficaste conhecido e respeitado, meu Brasil,  
além das fronteiras da América Latina!

Mas, Brasil, é teu filho quem pergunta:  
Qual o total de sêres que vivem no teu seio?  
Quantos filhos agasalhas?  
E tua seiva fecunda quantos filhos alimenta?

Brasil! . . . Bem sei que tu não podes responder . . .  
Só o Censo triunfador que se avizinha  
há de dizer por ti, Brasil grandioso,  
em cifras que dirão da pujança da Pátria!  
E tu, amada Terra, dilatada pelas botas de Anhan-  
[guerra  
e cristianizada pelas cruces de Anchieta,  
hás de saber ao certo  
a quantidade de sêres que mourejam em ti,  
sêres que lutam, sêres que batalham  
no afã sublime de exaltar-te a glória!

### PRÓ-CENSO

Firmino Filho — Altinho, Pernambuco

Por tôda parte êsse labor intenso  
Em prol da Pátria cada vez mais bela  
Dêste Brasil tão calmo e sem querela  
Dêste Brasil tão majestoso e imenso.

Agora mesmo, em luta pelo Censo,  
Numa tenaz campanha sem procela  
Vamos dizer quem mais estima e zela  
Êsse torrão a que feliz pertença!

Vai o Brasil dizer de seu passado  
Do seu presente sim, de seu futuro  
Ao mundo inteiro, a tôdas as Nações!

Que seja pois o Censo proclamado  
Por tôda a parte, qual penhor seguro  
De nossas vidas, glórias e brasões!

A EXEMPLO do que sucedeu com certos violeiros do sertão, alguns poetas, comovidos pelas desditas sofridas pelos pobres Agentes Recenseadores, procuraram por meio de seus versos amenizar-lhes o insano trabalho. Foi o que sucedeu com Adelino Maia, autor dêsse soneto que transcrevemos:

### CENSO

Não negueis, brasileiros, os informes  
Certos, precisos, pra fazer-se o Censo  
Só com êle veremos quão enormes  
São os valores do Brasil imenso.

Acolhei o Agente, que palmilha o extenso  
Lençol de asfalto ou pedras multiformes,  
Colhendo dados quer no mato denso  
Quer nos toscos casebres já disformes.

E ao prêto e ao branco, pobres, milionários,  
De mão em mão entrega os formulários  
Sem lhe escapar sequer um habitante.

E após o Censo, tudo concluído,  
Veremos que o "Gigante Adormecido"  
De 20 para cá mudou bastante!

OS recitativos destinados a esclarecer a mocidade escolar, formam uma verdadeira caudal, entre as poesias sôbre o tema censitário, que chegaram ao nosso conhecimento.

A gente humilde que não possui rádio e raramente lê jornais, tem uma fonte segura de informações nos seus filhos que, orientados pelo professorado, lhes transmitem os esclarecimentos e as novidades de interêsse coletivo.

Conhecedores dessa razão notória, não nos causou estranheza a fertilidade de recitativos compostos com o intuito de aproveitar êsse veículo certo, rápido e barato de propaganda entre as massas mais humildes.

A Prefeitura Municipal de Itaguaçu, no Espírito Santo, fêz, por exemplo, larga divulgação das quadras que agora apresentamos, demonstrando assim o elevado espírito de co-operação e discernimento de seu prefeito:

RECENSEAMENTO GERAL DE 1940

Waldir Menezes

I

Menino, preste atenção!  
Deve sentir-se feliz,  
Pois vou falar-lhe da Pátria,  
Do nosso amado país.

Dêste Brasil generoso  
Rico, bom, hospitaleiro,  
Da ventura que desfruta  
Todo o povo brasileiro.

Dêste Brasil grandioso  
Desta Pátria idolatrada,  
País de tanta riqueza,  
De riqueza inexplorada

Falarei do povo amigo  
Que vive aqui nesta terra.  
Falarei das gemas raras  
Que com fartura ela encerra.

Falarei dos campos ricos  
De pastagens verdejantes,  
De paisagens mui floridas  
Que extasiam os viajantes

Falarei das cachoeiras  
Que, nas quedas por abismos,  
Tem fôrça fenomenal  
Pra mover os maquinismos

Falarei das nossas fábricas  
E da indústria pastoril  
De tôdas estas riquezas  
De nosso amado Brasil.

O café, a cana, o gado,  
Abundantes cereais,  
Caças, aves, peixes, rios,  
Os espessos matagais.

Ouro, prata, ferro, cobre,  
Areias de ouro também,  
Carvão de pedra e petróleo,  
Ele isso tudo retém.

## II

O Brasil é rico e belo,  
Faz inveja ao estrangeiro  
Mas a riqueza maior  
É o povo brasileiro.

E sendo então êsse povo  
A nossa maior riqueza,  
É preciso que saibamos  
QUANTOS SOMOS com certeza.

Para que saibamos nós  
Quantos somos no Brasil  
Pra têmos a relação  
Das nossas riquezas mil.

## III

E pra que o Recenseamento  
Seja de fato a verdade  
O Govêrno quer de todos  
A maior sinceridade.

São de grande utilidade  
Tôdas as informações.  
Preste-as com sinceridade  
E terá compensações.

Diga-o a seu pai, menino  
Exercite seu talento.  
Pois todos devem saber  
O que é Recenseamento.

Explique a todos, fazendo  
Propaganda sem cessar.  
Diga ao irmão, ao amigo,  
Diga a todos no seu lar.

Na escola como na rua,  
De momento pra momento  
Faça ampla propaganda  
Do nosso Recenseamento.

O Serviço Nacional  
De nosso Censo em Geral  
Pede ao povo seu apoio,  
Apoio incondicional.

O doutor Getúlio Vargas  
Nosso amado Presidente  
Deposita confiança  
A mais ampla em sua gente.

Em certa vez êle disse  
Numa lição de civismo:  
“Ajudar o censo é ato  
Do mais são patriotismo”.

Eis a palavra de ordem:  
— Recenseamento Geral!  
Obra grande e eloqüente  
Do Governo Federal.

#### IV

E vós que sois homens feitos,  
Que tendes entendimento,  
Propagai a todo instante  
O nosso Recenseamento!

E vós outros, mais antigos,  
Que tivestes visto outrora  
Um outro Recenseamento  
Tornai a falar agora.

Nos ombros do brasileiro,  
Da cidade ou do recanto,  
Nascido aqui ou além  
Pesa o dever sacrossanto

De dar apoio completo  
A causa nacional,  
De gritar aos quatro ventos:  
Recenseamento Geral!

Dizei a todos os novos,  
— Chegai-vos a mim crianças:  
Sois a fé, sois o futuro,  
Do Brasil as esperanças.

O que fareis, ora eu fiz  
Há vinte anos, lembro bem.  
— Levar meu simples concurso  
A Pátria e a mais ninguém.

Mil novecentos e vinte  
Parece longe o passado.  
Não tenho fortuna é certo  
Mas tudo ao Brasil hei dado.

Colaborai, brasileiro  
Nascido aqui ou acolá!  
Pra sobermos se tivermos  
Progresso de lá pra cá.

V

Os censos são necessários  
Pois retratam as nações,  
Assegurando aos governos  
Acertadas decisões.

Aqui estão as perguntas  
Que vivemos a fazer:  
Progredimos? Regredimos?  
As respostas vamos ter.

Diga sempre meu menino:  
— “Quero ser recenseado.  
Quem fica fora é um zero,  
É fruto sêco, isolado”.

Quem não fôr recenseado  
Será coisa, não um ser,  
Nem terá a gratidão  
Da terra que viu nascer.

Será um fruto perdido  
Que na caudal forte cai,  
Ninguém saberá portanto  
Donde vem, pra onde vai.

Não tem destino, é sem rumo,  
Vil ave de arribação,  
Na família brasileira  
Não tem significação.

É como a pena caída  
De ave que faleceu,  
É sombra incerta, vagueia,  
É fôlha que feneceu.

E, para finalizar  
A modesta poesia  
Que recitei orgulhoso  
Com tôda a minha alegria,

Levanto um viva eloqüente  
Ao formoso céu de anil!  
Ao torrão hospitaleiro!  
Ao nosso amado Brasil!

UMA outra poesia, também, endereçada à alma vibrátil dos colegiais, foi a de autoria de Elderico Cardoso que obteve grande divulgação nas escolas, o que nos tentou a reproduzi-la.

## DIA DO CENSO

Recitativo para crianças.

É hoje dia do Censo  
Em todo o nosso Brasil  
É grande o prazer, imenso,  
No coração juvenil.

Gaúcho de vistas largas  
Chefiando esta Nação  
Vemos em Getúlio Vargas  
A maior dedicação.

Por êste Brasil Gigante,  
A crescer a todo o instante  
Depois da Revolução.

É o Censo uma vitória  
Um belo padrão de glória  
De nossa excelsa Nação!

Acreditamos que a transcrição dêses dois recitativos deixe entrever o que foi a repercussão cívica despertada nas escolas pela tarefa censitária de 1940. Pelo sucesso que essa modalidade de propaganda alcançou, aventuramo-nos a recomendá-la como boa, para ser usada nos vindouros censos. A Comissão Censitária Nacional, por intermédio de seu departamento de propaganda, criou no povo uma nova mentalidade favorável aos censos, cujos frutos serão colhidos até nas futuras campanhas estatísticas. Procurou ela criar, e o conseguiu, um verdadeiro ambiente de exaltação patriótica, cheia de civismo e de fé em tórno da grande contagem nacional.

É DIGNO de nota que, se surgiram algumas críticas motivadas pela extensão necessária dos questionários, até mesmo nelas vê-se refletida a confiança popular na tarefa. Eis uma dessas críticas versejadas, que o "Correio de Bonfim", órgão que se edita na Bahia, publicou, sob a assinatura de Gil Gaio:

#### 1.º DE SETEMBRO

Vamos saber, finalmente,  
QUANTOS SOMOS, tôda a gente  
Do Censo aguarda o final.  
Por tôda parte a ansiedade  
Em reconhecer a verdade  
É realmente geral.

Muitos milhões de fichários,  
Milhares de funcionários  
Se encontram, Brasil em fora,  
Na patriótica cruzada  
De somar a “macacada”  
No domicílio onde mora.

E eu penso, por um momento  
— E os que dormem no relento?  
— Qual o processo a adotar?  
Para os filhos da desgraça,  
Que dormem em qualquer praça  
Sem ter casa pra morar?

Não será perfeito o Censo  
A não ser, segundo eu penso,  
Que os Delegados reunidos  
Reservem uma porcentagem  
P’ros párias desconhecidos...

O poeta hoje já deve estar satisfeito, pois o assunto foi resolvido ainda de melhor forma do que a por êle sugerida. Haja vista aquela nota dada à imprensa pelo S.N.R. sobre um cidadão que declarou residir sob uma árvore e que nem por isso deixou de ser recenseado...

Terminando êsse capítulo poético, acreditamos ter, com a divulgação dessa ligeira coletânea, demonstrado não só o interesse despertado pelo Recenseamento, como a realização da profecia de Giorgio Mortara.

Quase todos êsses versos são de feitiço simples e alguma vez ingênuo, mas todos êles, também, refletem um interesse espontaneamente patriótico que seduz.

A certos mestres não é dado criticá-los com descaso pois o “slogan” censitário: “colabore primeiro, critique depois”, paira sobre muitos dêles como espantalho acusador. É isso porque não seria justo que quem ficou dormindo, indiferente, sobre seus lauréis literários, enquanto um povo inteiro se agitava, acordasse agora para atirar as pedrinhas de seus conhecimentos nas costas de quem outra coisa não almejou, senão a redenção dêsse mesmo povo, pelo estudo e divulgação de suas riquezas e de suas necessidades.

# VIII

**O Recenseamento  
na música popular...**



ERIA quase que impossível, não seria crível mesmo que, tendo o reflexo que tiveram os Recenseamentos passados, em tôdas as camadas sociais, não houvessem êles bulido com a alma irrequieta dos nossos compositores de música popular.

Um acontecimento brasileiro que não motiva um samba pelo menos, não é um acontecimento popular.

O nosso povo como que pede, como que exige dos compositores a tradução cantada e versejada de seus pensamentos e de suas preocupações.

Baseados nessa suposição, se não tivéssemos tantas provas, poderíamos afirmar que o Recenseamento é um acontecimento de extraordinária repercussão popular.

Nos sertões foi êle decantado pelos violeiros e, nas grandes cidades, pelos autores radiofônicos, dos quais transcreveremos algumas produções.

PARA iniciar vejamos como Assis Valente, o popular cantor e compositor, fixou, num samba muito divulgado, uma fase dos trabalhos censitários nos morros cariocas.

“Em 1940

Lá no morro começaram o Recenseamento

E o Agente Recenseador

Esmiuçou a minha vida que foi um horror

E quando viu a minha mão sem aliança

Encarou para a criança

Que no chão dormia

E perguntou se meu moreno era decente

Se era do batente

Ou era da folia . . .

I

Obediente eu sou a tudo que é de lei  
Fiquei logo sossegada e falei então:  
— O meu moreno é brasileiro  
É fuzileiro  
É quem sai com a bandeira do seu batalhão  
A nossa casa não tem nada de grandeza  
Mas vivemos na pobreza  
Sem dever tostão  
Tem pandeiro, tem cuica ,tamborim,  
Reco-reco, um cavaquinho e um violão.

II

Fiquei pensando e comecei a descrever  
Tudo, tudo de valor que o meu Brasil me deu  
Um céu azul, um Pão de Açúcar sem farelo  
O pano verde e amarelo  
Tudo isso é meu.  
Tem feriado que pra mim vale fortuna  
A retirada de Laguna  
Vale um cabedal  
Tem Pernambuco, tem S. Paulo e tem Bahia  
Um conjunto de harmonia que não tem rival”.

POR falarmos em morros cariocas como que nos vêm à mente a humildade e a pobreza de suas favelas. É justo que se abra aqui um parêntesis no qual se faça um elogio ao comportamento de seus habitantes para com os funcionários do Recenseamento. Mesmo porque ninguém melhor do que nós, o autor, pode vir de público agradecer e elogiar essa gente. Fomos encarregados de fazer o levantamento do mais mal afamado desses morros, o da Providência, mais conhecido por “Morro da Favela”, e nêle não encontramos sangue nem desordens, só o que vimos foi muita miséria.

Em um festejo ali promovido, visando homenagear o censo, na pessoa do autor, teve êle oportunidade de anotar a letra desse samba tirado de improviso por um de seus moradores:

“Nunca ninguém perguntô  
Cumô é que nós vivia  
Mas seu Getúlio chegô  
Nós agora tamo em dia.

Cunosco êle preocupô  
Até nos deu moradia  
Deixa falá quem falá  
Que a pobreza êle arxilia.

Sabeno disso é que eu vô  
Sem descanso de um momento  
Fazê tudo o que pudé  
Pelo tar Recenseamento”.

Reproduzimos essa letra, porque ela vem afirmar a simpatia com que é recebida a atuação dos governos quando se interessam pelas aflições dessa gente humilde, dando-lhes casas higiênicas em substituição de seus barracos imundos e inabitáveis. As favelas que surgem apenas nas crônicas policiais, sem que se lhes abram outras colunas, permanecerão sempre assim difamadas. Há muita gente que pensa serem elas habitadas sòmente por vagabundos, desempregados e desordeiros. Que isso é uma mentira criminosa veio-nos provar o Recenseamento de 1940. Moram, nos morros cariocas, muitas pessoas trabalhadoras e honestas cuja única culpa é não ganharem o suficiente para pagar o aluguel de uma casa fora dêsses morros. E é dessa gente que trabalha, que surgem os mais belos e mais sentidos motivos musicais, para alegria das pessoas que podem possuir rádio, e que os ouvem estilizados e muitas vezes deturpados.

O que era um lamento, transforma-se em um canto de orgia.

Foi das favelas que desceu esta queixa transformada pelo rádio em motivo dançante:

“Meu Deus do céu  
Que vida é essa...  
O destino me pregou mais uma peça...  
Trabalhei tanto, pra fazer meu barracão  
Veio a ventania e jogou tudo no chão...”

Felizmente, se as promessas forem cumpridas, é bem provável que dentro em breve o funcionário do censo que subir nossos morros para fazer o inquérito, não escute mais êsse gemido musicado que nós ouvimos:

“O chão é o descanso do pobre  
Quando chega do trabalho...”

JÁ que falamos em queixa, e fechando o nosso parêntesis sôbre as favelas cariocas, vamos reproduzir a letra de outra peça radiofônica na qual os seus autores, Marques Júnior e Jorge Faraj, externam suas dúvidas quanto à exatidão e à possibilidade de certeza de resultado, no fim dos trabalhos censitários:

### “QUANTOS SOMOS”

(marcha)

— Olhe, Maneco . . .

— O que é rapaz? . . .

— Quanto é que você calcula que somos nós na soma do Recenseamento?

— Homem, pra eu falar a verdade, é difícil saber ao certo, é difícil porque enquanto estivermos fazendo a conta está nascendo gente que não entra na soma. Bem, eu vou te explicar isso cantando, sabe? . . .

(estribilho)

Quantos somos  
Fiz a conta  
Fiz a conta no Brasil.  
Mas depois que fiz a conta  
Nasceram dez . . . nasceram cem . . .  
Nasceram mais de mil . . .

I

Um e um — são dois.  
Um e um — são mais talvez  
Agora somos dois  
Porém depois  
Eu e tu, eu e tu seremos três.

Nessa composição, como vemos, os autores mostraram ignorar que o Recenseamento procura, dentro da exatidão possível, computar um total de habitantes em dada hora de determinado dia. Sendo assim, os que nascerem depois serão acrescentados por cálculos estatísticos corrigidos decenalmente por meio de outros recenseamentos.

MAS não foram só os cantores radiofônicos de nomeada que se preocuparam com a tarefa censitária. Os compositores regionais, autores de peças divulgadas nos bailes, nos serões e nas festividades do interior, também cooperaram com suas produções procurando dar maior divulgação aos trabalhos do censo.

Em Riacho de Santana, na Bahia, corria pelas ruas da cidade, adaptada à música muito conhecida da marcha: “Passo de canguru”, esta letra de autoria de Sinésio Ribeiro Bastos:

(Estrilho)

Seu delegado  
Eu vim aqui recenseá-á-á-á  
Á-á-á a fazenda  
Na minha terra tem plantação de café-é-é-é  
E até casa de moenda...

I

Em 39  
Eu não tive plantação  
E a tal de minha roça  
Não deu lucro de tostão...  
Mas em 40  
Muita coisa me rendeu  
Teve arroz, fruta e feijão  
Que muito lucro me deu.

II

Eu tinha gado  
Criação de animal  
Só do lucro das galinhas  
Eu vivi na Capital  
Na minha casa  
Todo o mundo era grã-fino  
Pois até minha mulher  
“Não pegava mais menino”.

DE Quixeramobim no Estado do Ceará, recebemos também outra composição. A autoria da letra e da música dessa peça musical, pertence ao Tenente Luiz Marques então residente na cidade acima. Eis como estava ela concebida:

## MARCHA CENSITÁRIA

### I

Salve Recenseamento!  
Esta bendita cruzada!  
Ele traz o pensamento  
Desta Pátria abençoada.  
Preces a Deus nas alturas  
Para os Recenseadores  
Que nos trarão as venturas  
Dando ao Brasil seus valores

(Estribilho)

Grande povo brasileiro  
Para o Censo vamos trabalhar  
E um futuro alvissareiro  
Ele há de nos mostrar.

### II

O Censo é para o Brasil  
Qual um ceeste clarão  
Mostrando riquezas mil  
Desta tão jovem Nação.  
Os seus destinos agora  
Sob essa luz divinal  
Nos mostrarão nova aurora  
Bela, feliz, sem igual . . .

Foram produções do feitio dessas, que deram ao Serviço de Recenseamento no Brasil a feição de verdadeira cruzada, provocando em muitos de seus colaboradores, gestos de verdadeiro sacrificio e desinteressada abnegação.

Tendo à frente homens competentes e modestos, dignos e humanos como Teixeira de Freitas, Carneiro Felipe, Gior-

gio Mortara e muitos outros, os elementos são sentiram-se à vontade para desenvolver suas tarefas com honesta dignidade.

Reflexo disso são tôdas as poesias, tôdas as trovas e tudo o que se escreveu de belo e de patriótico sôbre as campanhas censitárias de 1940 e de 1950.

São homens assim que conseguem reunir ao seu redor verdadeiras elites de colaboradores, atraídas pelos exemplos sadios que êles deixam emanar de si.

Veja-se, por exemplo, o caso do funcionalismo da Comissão Censitária Nacional. Qual a Repartição Pública, sem querer desmerecer nenhuma, que a exemplo dela, recebendo um apêlo de seus chefes, compreenda-se bem, um apêlo na acepção do têrmo, oferece-se em pêso, disputando os piores lugares para trabalhar dias e dias gratuitamente para economizar os dinheiros públicos?

Pois a isso se prestou o funcionalismo censitário em variadas ocasiões. A Mobilização Econômica, por exemplo, precisava fazer o Racionamento urgente do açúcar na Capital da República, mas não tinha gente, e muito menos verbas para tanto. Por sugestão do Dr. Rafael Xavier, a quem tanto deve o país pelo tanto que fêz pelo recenseamento, conhecedor e incentivador do brio de todos os censitários, apelou o Coordenador para os funcionários do Recenseamento, e êsses acudiram em massa ao seu apêlo, passando noites em claro e perdendo até seus domingos, para enfrentar a tarefa com natural e simples espírito de patriotismo.

Quando os navios brasileiros foram torpemente afundados, viram-se, dentro do Serviço de Recenseamento, casos e mais casos de funcionários que abriram mão de seus honorários e de suas gratificações, com o intuito nobre de auxiliar o país na contingência dolorosa que atravessava.

Foi nessa época, justamente no dia da declaração de guerra, que surgiu no seio do funcionalismo do Recenseamento, aquêlo conhecido canto patriótico que tomou o nome de "A marcha dos Censitários", irradiada e difundida pelo Brasil inteiro, graças ao espírito brilhante e dinâmico de Renato Murce, cuja letra transcrevemos:

“MARCHA DOS CENSITARIOS”

de Jayme de Figueiredo  
e Nelson Nobre

Côro:

Brasil — Brasil  
Ouve o teu povo que jurou vingar  
Brasil — Brasil  
A nossa gente que morreu no mar  
Brasil — Brasil  
Teu pavilhão nós vamos desfraldar  
E à sombra dêle lutaremos todos  
Até o dia da Justiça chegar  
E à sombra dêle lutaremos todos  
Até o dia da Vitória brilhar!

I

E nosso povo que é franco e hospitaleiro  
Castigará com rigor a traição  
De todo aquêle que, falso brasileiro,  
Auxiliar o inimigo da Nação,  
Chegou a hora de todos definirmos  
A nossa crença — a nossa opinião. . .  
E nessa hora quem não fôr conosco,  
Não contaremos como nosso irmão!

E assim, com a transcrição da letra desta marcha, finalizamos êsse capítulo musical da propaganda censitária.

Belo capítulo, sem dúvida, porque traduz, e deixa irradiar de si, a afirmação de um sadio interêsse do povo e do funcionalismo brasileiro pelos destinos elevados e grandiosos da Estatística no Brasil.

# IX

Quarenta anedotas  
Censitárias...



**C**RANDE foi a quantidade de material de caráter humorístico que surgiu motivado pelos inquéritos censitários de 1940 e 1950. Cenas as mais absurdas se desenrolaram, com mais freqüência no interior, devido a algumas incompreensões em relação às finalidades de uma campanha dessa envergadura. Todos os casos que apresentamos agora são na maioria das vezes despersonificados apesar de autênticos, para que os seus protagonistas não sofram qualquer constrangimento. Em alguns casos mesmo, chegamos a silenciar o nome da localidade em que o fato se passou para evitar mais ainda essa individualização.

## I

### PROFISSÕES ORIGINAIS

As mais disparatadas e esquisitas respostas foram dadas não só no interior como nas grandes cidades do Brasil a certas perguntas do boletim censitário, forçando uma atenção bem grande por parte dos agentes e delegados do Recenseamento.

Francisco Granje, Delegado de Santarém, no Pará, relatou-nos três casos que corroboram essa afirmativa. Nesse município três pessoas, na linha do boletim destinada à especificação da profissão do informante, declararam que eram: **PAGÉS**.

Nos respectivos questionários fez o Delegado as devidas anotações, pois realmente êsses cidadãos exerciam o mister de curandeiros. Um dêles, apelidado **POJÓ**, vendia a bordo das embarcações em trânsito pelo pôrto, os seus maravilhosos preparados: cheiros, fôlhas, raízes e também o célebre “Ôlho de Bôto”. O bôto nesta zona tem carta de bicho encantado e o seu ôlho, “devidamente” preparado, segundo afirmam, tem a propriedade de facilitar aos homens a conquista de mulheres, ou vice-versa.

Em outro boletim deparou o Delegado com uma informante que declarava ser: CRIADORA DE GATINHOS.

Todavia o mais notável disparate foi o daquele cidadão que declarou pelo seu filho menor, de 4 meses, que a profissão do mesmo era MAMAR...

## II

### AMA DE LEITE DO ESPÔSO

Um caso bem curioso foi revelado com a aquiescência da informante, por um recenseador do Estado do Piauí.

Tratava-se de uma mulher que amamentara o próprio espôso!...

O caso é bem fácil de explicar. Corria o ano de 1835 e Teodora, assim se chama uma das personagens, devia andar aí pelos seus vinte e poucos anos quando teve o seu terceiro filho.

O regime da escravidão ainda era legal no país e os senhores dela, com o intuito de poupar uma outra escrava de sua propriedade que também tivera um filho, obrigaram Teodora a amamentá-lo. Enquanto isso a outra mãe podia retomar seus afazeres.

Os tempos se passaram, findou a escravidão, veio a República, e chegou o Recenseamento de 1940 que foi encontrar unidos pelos laços matrimoniais a velha Teodora e o seu antigo filho de criação. Hoje êsse casal tem dez filhos legítimos, dos quais o "caçula" contava, em 1940, a bela idade de 75 anos.

## III

### O CENSO ESCONJURADO

É bem conhecida a fé que os nossos roceiros têm no valor das ladainhas. Se faz muito sol, com elas se pede chuva, ou vice-versa. Se as plantações perigam, a ladainha é ainda um recurso. Apesar de muito difundido o emprêgo dêsse processo de atrair a boa vontade dos céus, cremos nós que o caso mais estranho de seu uso se deu no povoado de Missões, em Goiás.

Ao chegar a êsse povoado não encontrou o recenseador viva alma nas habitações. As ruas estavam desertas. O lugarejo parecia morto. O Agente já começava a sentir-se inquieto, quando na porta de uma casa deparou com um velho entrevado que o recebeu com os olhos esbugalhados de medo.

— AONDE TÁ O POVO DA TERRA, MEU PAI, perguntou êle.

E o velho, as mãos trêmulas, apontou para a igreja distante. O Agente para lá se dirigiu e, com assombro, encontrou tôda a população reunida em prece, rezando uma longa ladainha a S. Labotão, padroeiro do lugar, para que a livrasse dos “malefícios” do Recenseamento.

#### IV

#### GENTE ABELHUDA

O povo do interior é em geral desconfiado e pouco amigo de dar satisfações de sua vida aos conhecidos, quanto mais a estranhos. Por êsse motivo os recenseadores nem sempre foram bem recebidos por essa gente em geral hospitaleira.

Um recenseador de Afonso Pena, na Bahia, colhia as informações de uma velhinha sisuda e austera com cara de poucos amigos quando surgiu um incidente que prova essa afirmativa.

Antes de iniciar o serviço, o agente puxou conversa sôbre vários assuntos, procurando captar a confiança da velhinha, e, quando pensou estar em bom terreno, aventurou a primeira pergunta do questionário.

Foi um desastre. A velha se enfureceu e exprobou o agente:

— ÓIA MÔÇO. É BÃO PARÁ CUM ESSAS PERGUNTA. EU NÃO ME METO NA SUA VIDA E NEM NA DO GUNVERNO, MAS TAMÉM NÃO DEIXO NINGUÉM SE METÊ NA MINHA.

E finalizando a descompostura:

— É MIÓ PARÁ. QUE EU NÃO GOSTO NADA DE GENTE ABEIÚDA...

V

NÃO ESTÁ CERTO?

No Estado do Ceará deu-se um fato deveras curioso.

Um agente recenseador preenchia o boletim do Censo Demográfico para determinado cidadão quando, interrogado sobre a relação de família entre os moradores da casa e o proprietário, o mesmo declarou que possuía duas espôsas.

— Duas espôsas? interrogou espantado o agente, como pode ser isso?

— Uai môço! Pru que se admira? — Uma é do CIVI e a ôtra do RELIGIOSO...

VI

ORA, SEU AGENTE!...

Certo cidadão de Altinho — Pernambuco — recusava-se terminantemente a prestar as informações ao agente — ou porque êsse não lhe fôsse simpático ou por intransigência natural do matuto.

Convidado pelo Delegado Censitário a comparecer à Delegacia, nesta surgiu êle alguns dias depois, desconfiado e constrangido.

O Delegado, homem experimentado, começou a conversa perguntando pelos filhos, pela criação e pela lavoura do matuto até conseguir pô-lo à vontade.

Só depois de conquistada a sua confiança, foi que o Delegado entrou a sério na questão, começando a preencher o boletim censitário a que o caboclo não se esquivou.

Prestou tôdas as informações, quando teve, porém, de responder àquele quesito referente ao número de filhos vivos na data do recenseamento, êle se alvoroçou e teve essa observação irreverente:

— Foi aí, seu dotô, foi aí que eu “empombei” com “seu” agente. Êle queria que eu JUNTASSE NA MESMA LISTA OS FILHO LEGÁ COM OS ILEGA!

## VII

### CONFUSÃO PERIGOSA

Apesar das recomendações da Direção Central do Recenseamento, nem sempre foi possível conseguir agentes moradores nas localidades a serem recenseadas.

Como fôra previsto, sempre que um recenseador estranho ao meio surgia no interior, aconteciam casos e apareciam dificuldades.

Foi o que sucedeu em Brejo Santo, no Ceará, onde um agente, por desconhecer o sentido local de uma palavra entre nós corrente, provocou verdadeira celeuma nesta localidade.

Preenchia êle o boletim de uma môça e para êsse fim indagou se ela era casada ou solteira.

Para que! A môça botou a bôca no mundo e o pobre agente foi agredido por seus irmãos revoltados.

Sabem por quê? Porque neste lugar o têrmo “mulher solteira” é sinônimo de mulher... digamos, sem preconceitos...

## VIII

### ESTRATAGEMA FELIZ

Em Hamônia, Município de Santa Catarina, existe um pôsto indígena denominado “Duque de Caxias”, onde se encontram reunidos vários índios Botocudos que, na época do Censo de 40 eram controlados pelo senhor Eduardo Lima e Silva.

A tarefa de recenseá-los parecia impossível por serem os mesmos muito fugidios ainda. Todavia, a conselho de experimentado auxiliar do Pôsto, o Delegado Censitário solucionou o impasse anunciando uma farta distribuição de carne de boi no dia 1.º de setembro. Convém observar que êsses índios raramente têm oportunidade de saborear êsse alimento o qual apreciam sobremodo.

Devido a êsse estratagema no dia do Censo desenrolou-se nesta localidade uma verdadeira festividade selvagem, exótica e extraprograma, pois, para maior regosijo dos indígenas, foi-lhes permitido abater, êles próprios, os bois, utilizando seus arcos e suas fléxas.

Entusiasmados, no meio da maior algazarra e contentamento, os índios aclamavam o PAI-MBANG (como é chamado

o Presidente), e depois do repasto então, depois de satisfeitos no seu apetite, deixaram-se dõcilmente incluir na grande contagem nacional. . .

## IX

### BRANCA OU PRETA

Um dos fatos que mais amiúde surgiram provocando incidentes às vêzes bem desagradáveis foi a falsa concepção de cõr e de raça de nossa gente.

O fato abaixo, relatado pelo senhor Alfredo dos Santos, Delegado Censitário em Pernambuco, é prova evidente dessa nossa observação.

O caso passou-se com um agente recenseador seu subordinado. Ao preencher o boletim de determinada família, na parte referente à cõr, colocou no lugar devido, contrariando a declaração da informante, uma pretinha de seus 18 anos, a palavra “Preta”.

A môça que se tinha, errõneamente, declarado “Morena”, ficou furiosa ao perceber a mudança justa que o recenseador fizera e passou-lhe uma série de descomposturas.

— PRÊTO É VOCÊ, gritava ela. TRATE DE TIRAR ISSO DAÍ AGORA MESMO, SEU MENTIROSO. VOCÊ PENSA QUE EU VOU DEIXAR MEU NOME NA LISTA DO GOVÊRNO COMO SENDO PRETA?

O agente envergonhado pelo seu descuido, pois contrariamente às instruções deixara a informante perceber a mudança que operara, retirou-se constrangido.

E o desespêro da môça não parou aí.

Acreditem que ela se abalou de sua terra e foi, fazendo uma penosa viagem, até Recife, onde tentou junto ao Delegado Regional “consertar o boletim” e fazer castigar o pobre agente que lhe impusera tão grave “afronta”.

## X

### O CENSO DE NASSAU

Os pesquisadores de alfarrábios, animados pela vibração da propaganda censitária de 1940, chegaram a uma descoberta bem interessante:

Qual o autor do primeiro trabalho censitário, sério, em nosso país.

Concluíram êles que essa primazia coube a Maurício de Nassau, o qual ordenou êsse levantamento aí por volta de 1639 nas comarcas sob sua jurisdição.

Tratava-se de um recenseamento feito com caráter militar e cujos resultados foram devidamente publicados.

Entre as suas instruções havia um tópico interessante que dispunha:

“Em cada Comarca dever-se-á arrolar a extensão de terra que cada um possui, a fim de se fixar para o proprietário a obrigação de plantar mandioca proporcionalmente a cada extensão”.

Essas instruções terminavam com a seguinte determinação:

“Ninguém estará isento desta obrigação”.

Vemos assim que Recenseamento e economia dirigida já são assuntos bem velhos no Brasil.

## XI

### É BARATO OU NÃO É

Despertou notável curiosidade a divulgação feita, na época do Recenseamento de 1940, dos detalhes sôbre uma esquecida operação censitária levada a efeito na Província da Paraíba em 1863.

Cheia de aspectos interessantes essa coletânea de documentos então revolvida, proporcionou aos estudiosos da Estatística vasto manancial de conhecimentos importantes.

Mas, para os leigos do assunto, a parte que mais interesse despertou, foi a revelação de que êste Censo foi debitado ao Governo, na hoje ridícula quantia de 700 cruzeiros. . .

## XII

### QUE SUSTO!

Os delegados censitários consignaram os mais variados riscos por que passaram os Agentes Recenseadores no desempenho de suas obrigações. Foram as febres, a ignorância, o

fanatismo e a natureza dos terrenos os grandes obstáculos encontrados.

Como se não bastasse isso, vários recenseadores foram muitas vezes atacados por feras e fustigados pela inclemência do tempo.

Em Morada Nova, Estado do Ceará, dois agentes passaram um mau quarto de hora que felizmente não teve outra consequência senão um grande susto. Voltavam eles de uma longa caminhada quando depararam com uma “aguada” tentadora, onde resolveram “esfriar o corpo”.

Quando já se achavam em trajés paradisíacos, gozando a frescura da corrente, bem embaixo de uma oiticica das grandes, viram surgir na orla do bosque próximo uma onça pintada, autêntica “comedeira de gente”.

Um dos agentes, sertanejo experimentado, “marinhou” pela oiticica acima ajudando na ascensão ao seu apavorado companheiro.

A “bicha” cheirou a roupa dos rapazes e satisfeita, antegozando a saborosa prêsa, abanou a cauda em regosijo, passando a língua pelos beiços.

Refeitos do susto, os agentes começaram a gritar, embora sem esperanças, pois a casa mais próxima, sabiam eles, distava umas duas léguas do local em que se achavam.

Mas, por uma coincidência do destino, o latir de uma matilha de cães de caça respondeu ao apêlo angustiado dos pobres recenseadores.

A onça contrafeita e amedrontada com essa interrupção, suspendeu o bote, mesmo no momento, como acontece nessas fitas em série de mocinhos, e fugiu pelo mato adentro.

Se não fôsse aquêlo caçador solitário e imprevisto, a história do Recenseamento nesta zona não teria sido escrita só com suor. Algumas de suas linhas teriam a tonalidade vermelha de sangue...

### XIII

#### CASOU-SE EM PROL DO CENSO

No Estado do Piauí, os alunos da Faculdade de Direito de Teresina, organizaram espontaneamente duas caravanas, uma denominada “Professor Carneiro Felipe” e outra “Embaixador Macedo Soares” para que levassem às populações do interior a sua palavra de fé no Recenseamento.

Um dos acadêmicos, môço entusiasta, desejoso de prestar sua colaboração, solicitou para tal fim uma licença na Reparação em que trabalhava.

Esta lhe foi negada e por isso consultou êle ao diretor:

— E, se eu casar, terei os 7 dias regulamentares das bodas?

O Diretor sem outra alternativa teve que dizer que sim.

Diante desta resposta, o estudante não hesitou. Casou-se imediatamente e incorporou-se à caravana “Carneiro Felipe” que no dia seguinte embrenhou pelos solarentos sertões piauienses...

#### XIV

#### EXCEDEU O BARBA-AZUL

Motivou irônicos comentários o caso daquele ex-escravo que aos 109 anos de idade contraiu segundas núpcias. Não desmerecendo o interêsse e a curiosidade dêsse fato, acreditamos todavia, que êle empalidece diante do caso revelado por ocasião do Recenseamento, em Juazeiro, no Estado do Ceará.

Divulgou-se então a história de um macróbio de 108 anos que, além de ter-se batido na Guerra do Paraguai e de ter feito a campanha de Canudos, ainda contava em seu cartel mais êste feito, talvez o maior de todos: — Casara-se legalmente nove vêzes!

Matando ou não as suas mulheres, o que não resta dúvida alguma é que êste cidadão superou o recorde do falado Barba-Azul. E tão boa é a sua disposição que, matutando sôbre a possibilidade de enviubar pela nona vez, disse êle ao recenseador:

“ — ABÃO, SE ISSO SE DÉ E DEUS ME AJUDÁ EU SÓ OBRIGADO A ARREDONDÁ A CONTA CUMPLETANDO AS DEZ...”

#### XV

#### PUXA!

Êsse fato, passado em Itaberaí, no Estado de Goiás, foi bastante comentado quer pela imprensa dêsse Estado como pelos jornais da Capital. Foi seu protagonista um nonagenário que, interrogado sôbre o número de filhos que tivera, ne-

cessitou recorrer a um expediente curioso para que se lembrasse de todos.

Tomando de uma grande espiga de milho retirava da mesma um grão correspondente a cada filho de que se ia lembrando.

João, tirava um caroço. Maria, outro caroço e foi por aí afora numa citação contínua e demorada de nomes, deixando a espiga quase completamente debulhada, pois necessitara, no fim da contagem, de 71 de seus grãos, tantos eram os seus filhos!

## XVI

### ATÉ SEU VIGÁRIO?

Para que se avalie a luta inicial da campanha censitária de 40, em certos lugarejos perdidos do interior brasileiro, êsse fato consignado por um delegado censitário do Nordeste Oriental é bem sugestivo.

“Bem se sabe quão cercada de prestígio e de respeito é a figura do padre entre a gente inculta do interior. Pois, apesar dêsse prestígio e dêsse respeito, a incompreensão das finalidades censitárias era tamanha quando a tarefa se iniciou, que muitas foram as pessoas que, ouvindo o vigário falar nos comícios em pleno meio da feira, diziam para o companheiro:

— VEJA VANCÊ CUMPADE! ATÉ O SEU VIGARO TÁ CUM ÊLES! e arrematavam — TÁ CUMPRADO TAMÉM!”

Êsses incidentes surgiram, motivados pelos boatos que no início da campanha se espalharam pelos sertões. Os Recenseadores eram tomados como agentes dos comunistas e as informações que coletavam, segundo se propalara, serviriam para que mais tarde êles se apropriassem das terras e dos haveres dos informantes.

## XVII

### REMÉDIO CENSITÁRIO

A propaganda censitária desenvolvida no Triângulo Mineiro foi das mais intensas registradas no país.

Nunca se tinha visto ali tanta conferência, tanto “meeting” e tantos cartazes. Tudo servia de pretexto para in-

crementar a campanha, principalmente os cartazes coloridos que cobriam todos os muros da localidade.

Devido a essa febre de propaganda, alguém, não tendo mais muros para os colocar, pregou um dêles bem na parede de determinada farmácia. Tratava-se de um exemplar daqueles que tinham por “slogan” a frase “O RECENSEAMENTO FAZ BEM A TODOS E NÃO PREJUDICA A NINGUÉM”.

Certo matuto do lugar, vindo fazer compras na cidade e passando pela farmácia, teve sua atenção prêsa pelos dizeres afixados na parede. Leu atentamente o cartaz, coçou a barbicha rala e depois de alguma hesitação penetrou na botica onde interpelou o farmacêutico:

— SIÔ JUCA. É MUITO CARO UM VIDRO DÊSSE TAR RECENSEAMENTO?

## XVIII

### QUE NOMES!

Tem a sua razão de ser, a legislação que faculta, aos ser-ventuários do Registro Civil, recusar o assentamento de nomes próprios extravagantes.

Principalmente no interior, nota-se mais freqüentemente essa incidência, na qual a fantasia aliada à ignorância se completam com o ridículo. Senão vejamos esta lista de nomes esdrúxulos que surgiram, por exemplo, nos boletins de Minas Gerais:

Bala — Bonança — Bolmar — Erizitelan — Estrogliá — Eldorando — Eclâmpsia — Florico — Frevorosa — Fordelícia — Filosofina — Libertina — Mulino — Obstinada — Pulícia — Urano — Melancio — Merenterio — ABC — Aderites — Motim — Aplonista — Ateneu — Alretina — Arnelhudo — Deprozarino — Dibro — Dermiciada — Leopardo — Nafetali-  
lina — Nacionézia — Tailoricéu — Rodo — Rolemã — Sensato — Sugará — Selvática — Eimio — Sahara — Tôka — Telmi-  
noval — Verbo e Labrânio.

Nomes como êstes, e mais estapafúrdios ainda, surgem a todo o momento, como interminável lista, no cadastro censi-tário.

Muitas vêzes a coincidência aliada à extravagância nos lega casos como o daquele casal baiano.

Ele chamava-se GERMINO e ela MARIA e por espírito de novidade uniram os finais de seus nomes, colocando em sua filha o “belo” nome batismal de MINORIA! . . .

## XIX

### SIM, SENHORA!

Foram muitos os casos de longevidade que os Recenseadores encontraram no decorrer da grande campanha censitária de 1940.

Há, todavia, necessidade de certa reserva na aceitação das declarações feitas neste sentido, pois a sua comprovação oficial dificilmente pode ser efetuada.

Isso porque, até bem pouco tempo, o serviço de Registro Civil muito deixava a desejar em nosso país.

Um desses casos, aliás bem curioso dado o excelente estado de memória da informante, passou-se na Bahia.

Declarou uma informante que, segundo contava sua progenitora, quando D. João VI chegou ao Brasil fugindo ao exército de Napoleão, tinha completado seus 7 anos de existência. Narrou ainda, com perfeita clareza, fatos que se desenrolaram na época da Independência declarando lembrar-se perfeitamente que completara 21 anos naquela data.

Rememorou episódios do governo de Pedro II, principalmente o 13 de Maio que já a encontrou encanecida. Como vemos, essa brasileira viu expirar o século que começara quase com ela e continuou viva e forte pelo século XX no qual a registrou o V Recenseamento Geral, corpo curvado e os olhos mortos pela passagem do tempo, com a idade de 139 anos.

Parece-nos, assim, que o recorde feminino de longevidade no Brasil pertence a esta anciã, mesmo que ela tenha, por uma faceirice bem feminina, procurado diminuir um pouquinho no cálculo de sua idade...

## XX

### SAIA DESTA, SEU AGENTE

No município de Rio Branco na Bahia, um recenseador, para preencher o questionário do Censo Agrícola, perguntou à proprietária de um sítiozinho o número de galinhas que possuía.

A mulher, já enfastiada com tanta pergunta para ela sem utilidade, vingou-se de maneira original.

Começou a jogar milho no terreiro fazendo: — Prriu... Prriu... Prriu...

Aparecia galinha de todos os lados. O agente encabulado observava aquela cena quando a mulher com os olhos fuzilando o fulminou:

— PRONTO MÔÇO. PODE COMEÇÁ A CONTÁ. FICANDO AQUI UNS DOIS DIAS, HOJE VEM UMA, AMANHÃ VEM OUTRA QUE NÃO VEIO HOJE PRU ESTÁ LONGE E PODE VAMCÊ IR MEXERICAR PARA O GOVÉRNO AS GALINHAS QUE EU TENHO. E num último desabafo: PODE CONTÁ A VONTADE MÔÇO, PODE CONTÁ QUE EU VOU TRABAIAN-DO POIS TENHO MAIS O QUE FAZÊ...

## XXI

### QUE IMORALIDADE!

Não é demais repetir que o cidadão do interior gosta muito pouco que se "*intrometam*" em sua vida. Custou a eles muito "*vexame*" o ter que se "*confessar*" aos "*abelhudos*" agentes censitários.

Uma velha, moradora em Djalma Dutra na Bahia, por exemplo, "*escandalizou-se*" tôda quando um jovem agente lhe perguntou — quantos anos tinha quando lhe nascera o 1.º filho, retrucando ofendida:

— UAI CHENTES! QUE DIABO DE GOVERNO "IMORÁ" É ESSE QUE MANDA UM "MENINO" COMO VAMCÊ FAZÊ DESSAS PREGUNTA "CABELUDA" A UMA VÉIA COMO EU?

## XXII

### UM LAR COMO HÁ MUITOS

Quem conhece o interior do Brasil, sabe muito bem a impossibilidade de se difundir e explicar rapidamente finalidades tão complexas como sejam as de um recenseamento, sem deixar margens de dúvidas em quem quer que seja.

Por isso é que muito matuto ingênuo julgava que as informações censitárias serviriam para que mais tarde o governo de posse delas, requisitasse os seus haveres.

O caso daqueles dois recenseadores de Encruzilhada, na Bahia, é típico.

Estavam eles recenseando uma família a qual prestava com facilidade tôdas as indicações a respeito do boletim de-

mográfico. Chegada que foi a hora de se cogitar do censo agrícola a história mudou.

Interrogado sôbre os animais que possuía, o matuto relutantemente incluiu uma velha vaca pertencente a sua mulher. Esta deu logo mostra de não ter gostado da “indiscrição”.

Como a noite já fôsse bem adiantada, os recenseadores pediram pousada ao informante que muito satisfeito acedeu.

No dia seguinte, a manhã ainda não surgira, o matuto, pé ante pé, estremunhado e insone, acordou os agentes pedindo-lhes numa súplica:

— MOÇOS, TIRA A VACA DE MINHA MUIÉ DO PAPÉ. O QUE É MEU U GOVERNO PODE LEVÁ TUDO, MAS SE LEVÁ O QUI É DELA, EU AINDA APANHO PRU CIMA...

### XXIII

#### DÚVIDA CRUEL

Êste fato, que se deu na época da campanha censitária em Corumbá, no Estado de Goiás, foi-nos relatado pelo delegado municipal dêste lugar.

Os matutos, atraídos pela propaganda, afluíam à Delegacia para escutar as explicações que eram dadas sôbre o levantamento censitário que estava fazendo tanto furor quanto a guerra européia.

Na venda do cabo “Reimundo” não se falava em outra coisa.

Era guerra pra qui, Recenseamento pra ali e disto não se saía.

Havia então um caboclo que se entusiasmava com êsses assuntos.

No seu espírito, ardia um ódio terrível pelos alemães.

Eram uns malvados, uns animais, matando gente à toa. Não restava dúvida alguma no cérebro rude do roceiro. Eram dois monstros soltos no mundo, o Recenseamento e a guerra, um a querer comer o outro. Foi por isso que, chegada a sua vez de prestar as declarações, êle se esquivou com veemência.

Todavia, depois de muito “aperreado” pelo delegado, que ignorava a sua dúvida interior, êle explodiu:

— ESTÁ BEM SEU DOTÔ. EU TÔ DE ACÓRDO MAS  
PREMERO QUERO QUE O SINHÔ ME ESPRIQUE UMA  
CÔSA...

— ???

— EU SÓ DÔ AS INFORMAÇÃO DISPOIS DE SABÊ SE  
O TAR “RECENSEAMENTO” É CONTRA OU A FAVÔ DAS  
ALEMANHA!

## XXIV

### HONESTIDADE SERTANEJA

O nosso caboclo do interior é honesto por índole. Só a  
desconfiança aliada ao mêdo podem fazê-lo derivar.

Êste episódio, relatado pelo delegado de Planaltina, em  
Goiás, é bem um exemplo dessa afirmação.

Certo recenseador, tendo preenchido o questionário de  
uma família residente no lugar denominado Mozondó, conti-  
nuou o seu trabalho e sua viagem para diante. Já no outro  
dia, estava êle a umas 5 léguas de distância da tal casa,  
quando percebeu vir ao seu encalço, correndo pela estrada, o  
vulto do caboclo que recenseara na véspera.

Julgando tratar-se de algum esquecimento, o agente es-  
poreou o cavalo e marchou ao encontro do matuto. Quando  
se defrontou com êste teve a explicação do motivo pelo qual  
o caboclo se atirara a tão penosa e cansativa viagem.

Cansado, insone, os olhos vermelhos e rasos de água êle  
explicou:

— ÓIA MÔÇO. EU VIM AQUI PRA LHE AVISA QUE O  
SINHÔ PODE ARRETIRÁ O NOME DE MINHA MUIÉ DA  
LISTA PRUQUÊ ELA MORREU A NOITE PASSADA...

## XXV

### AO PÉ DA LETRA

Nem sempre os incidentes surgidos no desenrolar do Re-  
censeamento foram provocados pelos informantes.

Aqui e ali, algum agente não identificado com a missão,  
ou exausto pelo cansaço, deu margem a que êles surgissem.

Foi, por exemplo, o que se passou com um recenseador  
no interior de Goiás segundo nos relatou o delegado de Co-  
rumbá.

O caso desenrolou-se, tendo por cenário um ranchinho humilde e miserável como soem ser os ranchos de nossa pobre gente do interior.

O Agente, esfalfado pela caminhada, não pôde encontrar ali um caneco de água limpa e muito menos uma xícara de café com que mitigasse pelo menos a sede que o devorava. Assim, mal humorado, nervoso mesmo, começou êle o trabalho.

A família era composta de seis pessoas, mãe e filhos. Crianças pançudas, amarelas e sujinhas.

Registradas as informações da mulher, passou o agente a se preocupar com a criança, doido para continuar a viagem ainda com o dia que já declinava.

— Que idade tem o mais velho? perguntou êle.

— Êles são tudo de uma idade só, respondeu a mulher, não compreendendo a pergunta.

O agente, apesar de ver o disparate da resposta quis zombar:

— Então vieram todos de uma vez?

Ao que a mãe, rápida, retrucou ofendida:

— NÃO SINHÔ. ÊLES NÃO SÃO SEU IRMÃO, POIS QUEM TEM FIO ASSIM É CACHORRO...

## XXVI

### RECENSEAMENTO DIFÍCIL

O delegado de Pombal, na Bahia, contou-nos um fato que bem atesta a malícia ingênua de nossos roceiros.

Determinado cidadão possuía duas casas próximas do limite do município. Uma delas ficava dentro dêste e a outra ficava dentro do município vizinho.

Quando chegavam os recenseadores de Pombal, o caboclo se “mudava” para a casa do outro lado e vice-versa, num verdadeiro jôgo de cabra cega. Foi necessário que os delegados censitários armassem uma verdadeira tocaia, para conseguir recensear o cidadão esquivo. Combinaram os responsáveis pelos trabalhos nos dois municípios, fazer um “ataque” simultâneo, cabendo ao delegado de Pombal encontrar o matuto dormindo desprevenido no terreiro de sua casa.

Desprevenido, é a maneira de dizer, porque êle, quando foi surpreendido, tinha ao seu lado, devidamente preparada,

uma boa “cuspideira de fogo” e em cima de um cêsto, bem à mão, uma valente “pernambucana” desembainhada.

Aproveitando-se do seu sono, o delegado que se fizera acompanhar de um “praça” desarmou-o antes de o acordar.

Mesmo assim, foi preciso muito trabalho e muita luta para recensear o escorregadio e desconfiado caboclo.

## XXVII

### HORROR A GUERRA

Não há quem mais abomine a guerra, quem mais lhe tenha pavor do que a “caboclada” pacata do interior.

A conflagração européia foi confusa e terrificamente imaginada e compreendida pelo cérebro rude de nosso matuto.

Certo recenseador de Afonso Pena achava-se preenchendo, a rôgo, o boletim de determinada mulher, a qual, apesar de tôdas as suas explicações, respondia apavorada e com voz lamurienta.

A família compunha-se da informante e de seu filhinho. O preenchimento da parte relativa e ela nenhum incidente provocou tendo sido até, relativamente, fácil. Quando, porém, o agente começou a se informar sôbre o seu filho é que a coisa tomou outro aspecto. Foi um trabalhão. Mas, vencidos todos os obstáculos, quando finalmente deu o agente o serviço por terminado e preparava-se para retirar-se, a mulher, não mais se contendo, prorrompeu em pranto convulsivo, exclamando arrependida de ter dado os informes:

“— MEU DEUS, PRUQUÉ EU DEI US NOMES?!... ANTE EU VISSÉ MEU FIO MURDIDO PUR UM CACHORRO DANADO DO QUE TÊ DADO O NOME DÊLE P’RA TAR DE GUERRA MISERAVE!

E, soluçando, apertava de encontro ao peito o seu filhinho de apenas 2 anos de idade o qual, assustado, chorava também...

## XXVIII

### PROTEÇÃO CLAMOROSA

Um agente do recenseamento em Minas Gerais, que cumpriu a sua missão de colhêr informes no interior dêste Estado, contou que, em determinada casa encontrou uma criança com o extravagante nome de ABC.

— Mas ABC, minha senhora? Perguntou êle à mãe do pequeno. Isso não é nome! Convém que a senhora o mude enquanto é tempo pois do contrário seu filho arrastará pela vida uma onda de ironia atrás de si.

— ESCUTE AQUI MÔÇO, respondeu a mulher. NÊSSES NEGOÇO DE GUNVÉRNO EU SEI QUE NÃO PÓDE HAVÊ PROTEÇÃO, O SINHÔ NÃO PÓDE FAZÊ ISSO...

— ???

— O SINHÔ RECLAMA O NOME DE MEU FIO E NÃO DISSE NADA NUM CAUSO IGUARZINHO AO DÊLE...

— Isso não é verdade minha senhora...

— UAI! ANTÃO VANCÊ DISSE ARGUMA RECLAMAÇÃO P'RA AQUELA MOÇA BONITA CHAMADA AID (Haidée) QUI MÓRA AÍ DU LADO!?...

## XXIX

### PARECE MENTIRA!

Êsses dois fatos que se passaram no Estado do Pará e que nos foram contados por um de seus delegados, corroboram a nossa anterior asserção de que não só a gente rústica e inculta do interior criou embaraços à tarefa do Recenseamento.

Nestes casos, por exemplo, surgem como protagonistas dois cidadãos formados, um em Direito e outro em Engenharia. Este último, profissional de nomeada, diretor de importante repartição do Estado, só declarou o valor de suas propriedades, no boletim do Censo Agrícola, depois de obter consentimento para declarar no mesmo, a título de ressalva, que não as venderia ao govérno ou a quem quer que fôsse pelo valor que declarara...

Quanto ao primeiro, bacharel em Direito e funcionário público, fez questão de ponderar ao delegado que assinava o mesmo questionário agrícola sob protesto, porque, segundo pensava êle, o mesmo era ineficiente e omisso. Faltava, segundo êle dizia, ao lado das colunas destinadas às anotações sôbre as espécies suínas e bovinas, do quesito intitulado "pecuária", uma coluna própria onde collocasse o seu gado VAQUINO...

XXX

E ENTÃO?!

O delegado de Muritiba, na Bahia, queixava-se de que, apesar de tôdas as sinceras e claras explicações dadas aos habitantes da zona rural, muitos dêles persistiam na crença de que o recenseamento tinha finalidades fiscais.

Foi assim que, em uma de suas viagens de inspeção pelo interior, deparou com um matuto esperto e argumentador com quem travou êsse diálogo:

— Bom dia “seu” Pedro. Estêve em sua casa um môço tomando o nome das pessoas de lá?

— ESTÊVE SIM, SEU DOTÔ. FOI O “SEU” SIMÃO LÁ DE S. JOSÉ. E FALÁ NISSO SEO DOTÔ, O GUNVÊRNO TÁ PAGANO A ÊSSE MÔÇO P’RA SABÊ DAS COISAS QUE NOIS TEM, NUM ESTÁ?

— Lógico “seu” Pedro. Então o senhor acha que alguém faria um trabalhão dêsses sem ganhar nada? Mas por que o senhor pergunta?

— PRU NADA DOTÔ. SÓ QUERIA TIRÁ UMA DÚVIDA. Ê P’RA VÊ QUE É VERDADE O QUE NOIS TAVA PENSANDO. ISSO VAI ACABÁ EM IMPOSTO. E arrematando a argumentação: O DOTÔ NUM VÊ LOGO QUE O GUVÊRNO NUM PREGA PREGO SEM ESTOPA? ANTÃO U DOTÔ ACHA QUE ÊLE VAI GASTÁ UM DINHEIRÃO DÊSSE P’RA DEPOIS NUM TIRÁ NADA DA GENTE?

XXXI

APELIDO CARIOCA

Certo recenseador de Pernambuco, que apesar de semi-analfabeto exercia as funções de agrimensor em determinada localidade, ficou seriamente “embatucado” com o significado da palavra “veículo” que surge várias vêzes na caderneta de recenseamento. Êle mesmo contou que perguntou a todos os seus conhecidos qual a significação dêste têrmo mas que sua pesquisa foi em vão. As pessoas a quem interrogou ainda eram mais cegas do que êle.

Resolvido a não iniciar o trabalho sem ter sanado esta dúvida, abalou-se para uma povoação próxima onde o escrivão lhe explicou “direitinho” o sentido da palavra misteriosa.

Quando êle narrou ao delegado censitário o trabalho que tivera com essa pesquisa filológica arrematou com o seguinte desabafo:

HOME, EM PARTE EU TINHA RAZÃO. QUANDO QUE EU PODIA ADVINHA QUE NO RIO SE APELIDA CARRO DE BOI DE “VEÍCO”?

### XXXII

#### VANTAGEM CENSITÁRIA

Em determinado lugarejo do interior de Pernambuco deu-se um fato bem original e interessante.

Original no Brasil pois é êle uma repetição de outro que se passou nos Estados Unidos chegando a ser até glosado por um poeta brasileiro:

“Tão bom é o Recenseamento  
Que nos Estados Unidos  
Entre os fatos discutidos  
Se encontra um grande portento  
Referente ao casamento  
Lindas e ricas mocinhas  
Passando ao “rol” de “titias”  
Com a vinda do Censo — em dias  
Se encontram casadinhas. . .”

Mas, contemos o caso de Pernambuco. Estava o agente executando sua tarefa, quando chegou a uma casa solitária, habitada apenas por 3 irmãs velhucas e solteironas.

Foi uma verdadeira luta a tentativa feita para recenseá-las normalmente. O recenseador já havia baldado todos os esforços sem que tivesse conseguido as informações que desejava, quando, quase esgotada a sua paciência resolveu êle apelar para um subterfúgio.

Junto com as explicações reais das finalidades censitárias misturou outras finalidades que muito certamente não entraram nas cogitações da Direção Central do Censo. Inventou que o Governo, achando que o Brasil era um lugar muito des-

povoado, resolvera saber o número de pessoas existentes, divididas por sexo e por idade, a fim de que não ficasse ninguém sem se casar.

Escusado é dizer, que esta “vantagem” fêz as três matutas romperem o silêncio que vinham mantendo, para responder acertadamente a quase tôdas as perguntas.

A quase tôdas porque, chegada a hora de revelarem as suas idades, não houve meio de convencer às irredutíveis “titias” que, se não eram gêmeas e se tinham o mesmo pai e a mesma mãe, não podiam contar, na época do Censo, tôdas as três, a mesma idade de 27 anos conforme declaravam...

### XXXIII

#### POBRES GALINHAS!

As galinhas são as vítimas mais freqüentes da incompreensão de nossos sertanejos que habitam os interiores longínquos, quando das campanhas censitárias.

Era suficiente que o agente perguntasse aos matutos se tinham criação, para que logo despertasse nêles, na sua mentalidade desconfiada, o sentimento suspeito da preocupação.

Inúmeros foram os casos anotados pelos delegados censitários, em seus relatórios, sôbre a verdadeira matança dessas aves no desenrolar da coleta censitária.

O boletim agrícola, então, foi um verdadeiro espantinho para certos moradores incultos do interior.

Não foram poucos os casos de tentativas de mistificações usadas contra os agentes que terminaram com um epílogo humorístico.

Um agente de Bom Conselho, por exemplo, contou ao seu delegado um dêstes casos típicos do susto que o Recenseamento, logo no início, levantou entre os rudes sertanejos.

Certa manhã, contou êle, em que recenseava certa localidade, encontrou nela um sítio pertencente a uma pobre mulher da lavoura, no qual constatou a existência de um bem lotado galinheiro. Foi com espanto, que à tarde, voltando do serviço que continuara pelas redondezas, recebeu êle a “denúncia” de que a lavradora matara tôdas as suas galinhas antes que os “comunistas” voltassem para buscá-las...

XXXIV

O CENSO CASAMENTEIRO

Citamos atraz uma passagem dos Censos americanos, passagem essa que redundou no casamento da informante. Pois bem, em determinado Município do Estado do Pará idêntico caso aconteceu.

Um recenseador dêsse município desempenhava sua missão na estrada que liga Curaçá ao Castanhal quando encontrou uma casa habitada por um casal que há longo tempo vivia maritalmente. Enquanto recenseou o homem as coisas correram mais ou menos, mas chegada a vez da mulher, as dificuldades surgiram. Por exemplo, perguntando a idade da mesma obteve essa resposta:

— A minha mãe dizia que quando eu nasci, a minha tia Clotilde estava grávida da Filomena.

— E que idade tem a Filomena? indaga o agente.

— Diz que tem a idade daquele touro que a minha tia comprou, no tempo do primeiro roçado de mata que ela teve lá no Mocajuba...

E foi uma dificuldade para que o agente pudesse avaliar honestamente a idade da mulher. Mas, resolvido êsse ponto passou o recenseador a escrever os dados sôbre o filho que ela tivera com o marido que morrera. Na linha destinada à relação com o chefe da casa escreveu êle: Agregado. Foi o diabo! A sertaneja pulou!

— O senhor escreveu — agregado? Agregado é uma ova! Meu filho nunca foi agregado, e voltando-se para o companheiro ameaçou:

— Se “seu” Florentino botar êsse nome no papel eu não sei o que faço. Você me paga! E chorando: — Eu sempre desconfiei que você estava me enganando!

E a cena provocada pelo incidente tomaria feição mais grave, se o caboclo num arranco desesperado para findá-la, não tivesse feito essa promessa solene:

— Pois bem, vamos acabar com êsse “causo”. Vai botar mandioca na água que amanhã mesmo eu vou procurar o escrivão para resolver logo essa história e fazer o casamento...

XXXV

AINDA AS GALINHAS

Já nos referimos cansativamente ao receio infundado que alguns sertanejos alimentavam, no início, com relação às finalidades dos censos.

Em determinado lugar de Pernambuco os seus habitantes, tomados de surpresa, receberam apavorados os recenseadores e foi uma verdadeira luta a tarefa empreendida para quebrar êsse constrangimento.

Corria nessa localidade, entre outros, o boato de que os “comunistas” estavam fazendo um grande arrolamento para que com êle pudessem mais facilmente requisitar ou se aposar dos bens da população.

Foi devido a êste boato que, quando um recenseador dessa zona perguntou, para as devidas anotações, se determinado caboclo possuía galinhas, perus ou patos, o matuto explodiu:

— SERÁ?! PUIS VANCÊ NUM VAI ME DEIXA NEM AS GALINHA?

Foi a custo que o agente pôde continuar o trabalho, convencendo-o de que ninguém queria as suas galinhas.

Com muita relutância, depois de muita explicação, êle declarou possuir apenas duas. Bem não tinha acabado de falar, surgiu da cozinha de onde escutara tudo, a sua mulher, que o interpelou num ímpeto de raiva e medo:

— HOME, ACABA CUM ISSO. DIZ LOGO QUE A GENTE TEM TAMBÉM UM GALO.

DÁ TUDO P'R'ÊLES! . . .

Diante dessa interrupção o matuto retrucou irado:

— VAI P'RA DENTRO MUIÉ! NÃO TE METE EM NEGOÇO DE HOME, O “SEU” AGENTE SÓ PERGUNTÔ SE NÓIS TINHA GALINHA, PATO, OU PIRU, NEM FALÔ EM GALO. . . E, arrematando o assunto, num jeito de desculpa por ter sido apanhado em flagrante, consultou com falso ar de ingenuidade:

— NUM FOI MERMO, “SEU” AGENTE?

XXXVI

MÁ COMPANHIA

Nos arredores de um arraial de Minas Gerais, cujo nome ocultamos por se tratar de compreensível sigilo censitário, desenrolou-se uma cena quase dramática mas de epílogo humorístico.

Campeava nessa localidade um salteador cruel denominado Domiciano, cuja figura lendária trazia em pânico as redondezas.

Certo dia o agente incumbido de recensear tal zona, caminhava poeirento e cansado por uma estrada deserta, quando se encontrou cara a cara com o facínora tão temido.

Interrogado sobre o motivo de sua presença naquele local êrmo, o recenseador em desespero, fez para o bandoleiro uma verdadeira apologia das vantagens censitárias e da necessidade e do interesse de sua missão.

Entusiasmado com tais palavras, o criminoso “intimou-o” a que colocasse também o seu nome na grande contagem nacional, o que o funcionário fez com desabafo e prazer.

Satisfeito na sua “exigência” o salteador deixou que o recenseador prosseguisse, sem mais atropelos, a sua viagem e o seu trabalho.

Infelizmente a sua desdita não parou aí. Chegado ao arraial, o agente ainda nervoso contou a várias pessoas o incidente ocorrido na estrada. Dentro em pouco estava o vilarejo em polvorosa.

Os pais de família da localidade organizaram-se em comissão e, dirigindo-se ao delegado censitário, exigiram a inutilização do boletim pertencente ao bandido, pois, alegavam eles, não seria justo que tal facínora aparecesse no “Retrato da Pátria” ao lado das donzelas suas filhas...

XXXVII

UM BÍGAMO LEGALIZADO

Aquêle recenseador do Estado do Pará, que, quebrando o inviolável sigilo do censo, denunciou um caso de bigamia, criou com êste seu gesto uma situação de direito bem original.

O delegado de polícia, apesar da denúncia recebida nada pôde fazer contra o réu, tendo sido até, pelo contrário, obrigado a punir o denunciante.

Tôda a cidade, inclusive o juiz e o promotor, tiveram ciência dessa anormalidade mas ficaram obrigados a fingir desconhecê-la, mesmo quando o cidadão, já agora sem medo, passava pelas suas casas e mesmo pela delegacia, acompanhado de suas duas espôsas.

Ao que parece, êsse pobre infeliz, por causa da indiscreção do agente, está condenado a arrostar durante tôda a sua vida, sem ao menos o consôlo de umas tréguas na cadeia, duas sogras em vez de uma...

### XXXVIII

#### POLEMICA ACIRRADA

Quem foi o autor do 1.º Censo efetuado em terras do Brasil?

Êste tema, na aparência tão desinteressante para os leigos, provocou uma polêmica muito séria em determinado Instituto Arqueológico.

Quem teria sido o precursor? O holandês Mauricio de Nassau ou o português Duarte Coelho?

Duarte Coelho foi, todos o sabem, o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco. Segundo descobriram os doutos pesquisadores organizara êle, apenas, uma espécie de livro de tombo no qual registrava as terras à proporção que iam sendo doadas. Além dêsse, foi encontrado um outro livro no qual fazia êle como que uma espécie de matrícula das pessoas interessadas em gozar foros em sua Capitania.

Apuraram os estudiosos, por outro lado, que Mauricio de Nassau realmente fôra o precursor das tarefas censitárias no Brasil, pois promovera em seus domínios verdadeiros levantamentos demográficos e agrícolas.

Ao leigo soam ridículas, pesquisas interessantes como esta, mas o certo é que, todos os dias são criadas instituições idênticas a êsse Instituto, que outra preocupação não têm senão a de revolver as brumas do passado.

É com verdadeiro afinco o que os seus estudiosos agremiados se atiraram a essas descobertas indiferentes à crítica e à ironia das massas. Porfiam e com que calor, para desvendar as formas dos braços da Vênus de Milo, a idade de

Leônidas na batalha das Termópilas, o esqueleto do pássaro que forneceu as asas a Ícaro e muitas outras velharias de transcendental importância.

Pelo menos é justo que se observe que a pesquisa que motivou essa acirrada polêmica, foi bem louvável.

Será bem interessante que saibamos um dia, com exatidão, a quem cabe a glória de ser chamado no Brasil de “o primeiro homem de Senso”...

### XXXIX

#### UM CARPINTEIRO PRECAVIDO

A crença de que os recenseadores eram agentes diabólicos do Deus do Comunismo, foi também propagada em certos lugarejos perdidos do Nordeste Oriental, causando inúmeros dissabores e contratemplos aos pobres funcionários do censo.

Este caso que nos foi relatado pelo Dr. Alvim Pessoa, deixa muito bem entrever até que ponto certas populações rústicas se mostraram prevenidas contra êle.

Um recenseador, em viagem pela Capital, teve oportunidade de mostrar a este alto funcionário do Serviço de Recenseamento, uma tábua cuja história é bastante curiosa.

Necessitando o referido agente de um apetrecho que lhe facilitasse a escrituração dos boletins, feita às vészes em pé, nas portas dos recenseados suspeitosos, mandou que um carpinteiro da localidade em que servia, o fabricasse.

Esse, mais por medo do que por outra coisa, acedeu ao pedido, mas sabem como?

Gravando nas costas da tábua encomendada o símbolo da cruz, numa tentativa ingênua de evitar a “maléfica” escrituração do Recenseador...

### XL

#### RETRATISTAS DO GOVÊRNO

O Recenseamento do morro da Favela, no Rio de Janeiro, foi pródigo em cenas de aspecto humorístico.

Aqui eram moradores que, confundindo a missão dos Recenseadores com a função policial, apresentavam àqueles funcionários as mais variadas queixas e reclamações. Ali, eram

verdadeiras comissões que surgiam procurando o “agente do govêrno” para agradecer algum ato dêste, ou para pleitear qualquer melhoria para o morro.

Antes, muito antes do dia 1.º de setembro, já a Favela tôda tinha sido tomada de assalto pela propaganda censitária, a qual se traduzia nos cartazes colocados dentro e fora dos barracos, numa bela ostentação de côres e de motivos.

Essas alegorias multicores, pela beleza de suas composições, despertavam nos moradores do morro, o desejo de possuí-las para com elas forrarem, enfeitando, as parêdes de seus casebres humildes.

Foi devido a um dêesses cartazes, aquêle que tem por “slogan” O CENSO É UM RETRATO DA PÁTRIA; VOCÊ FICARÁ DESLIGADO DO BRASIL SE NÃO APARECER NESSE RETRATO, que o autor teve oportunidade de registrar êsse humorístico incidente.

Chegado que foi ao morro, no dia do censo, para iniciar o trabalho de coleta, encontrou, aglomerada na porta da delegacia censitária, uma verdadeira multidão. Enquanto êle ia se aproximando, cheio de caixas e de embrulhos de material, notou que todos se arrumavam; que as môças retocavam a pintura e se penteavam e sentiu que qualquer coisa de anormal se passava.

Ao penetrar na delegacia, passando pelas alas abertas pelo povo do morro, teve o autor a explicação do fato.

Pelos murmúrios que ouviu, depreendeu que tôda aquela gente esperava a hora de ser “fotografada” e que cada um procurava sair o melhor possível no “RETRATO DA PÁTRIA”.

Foi uma verdadeira decepção para essa gente, quando tivemos que explicar que o Recenseamento só “fotografava” de forma simbólica.

Mesmo depois dessa explicação, a garotada do morro, quando avistava um recenseador que se aproximava de sua casa para fazer o serviço, gritava logo para dentro:

— MAMÃE, ESTÁ AÍ O “RETRATISTA” DO GOVÊRNO...

## XLI

### DÚVIDAS

Foi o delegado regional da Bahia, o nosso muito digno e esforçado amigo Dr. Arthur Ferreira, quem nos contou a história daquele baiano de 400 anos, “ligeiramente moreníssimo”. que irrompeu solene pela Delegacia Censitária, altas horas

da noite, porque uma dúvida o angustiava no que concernia à resposta exata a ser dada ao quesito do boletim do censo, justamente aquêle que inquire sôbre a língua falada habitualmente no lar.

É que, dizia êle, eu, em casa com minha patroa e com freqüência, utilizo o francês. . .

Foi difficilimo ao delegado se descartar do pedante e verboso recenseado. Só apelando insistentemente para o seu espirito de “baianosidade” e brasilidade, conseguiu que o informante consentisse em registrar a declaração de que, na verdade a língua falada em seu lar era o português.

Fruto porém do espirito de troça, foi a resposta daquele outro recenseado que, respondendo ao mesmo quesito, por seu filho de dois meses, disse que, comumente, a língua usada pelo mesmo, no lar era a “choradeira”.

## XLII

### O DESCONFIADO

É bem conhecida aquela anedota daquele português que não queria dizer as horas a um rapaz estranho porque depois êle se apresentaria, depois iria a sua casa, depois gostava de sua filha, depois a pedia em casamento e êle, êle nunca daria sua filha em casamento a um “pronto” que não tinha nem dinheiro para a compra de um relógio.

Êmulo digno dêsse lusitano de anedota deve ser, sem dúvida alguma, aquêle recenseado da Bahia que, comentando com o recenseador a razão porque sua filha de 20 anos era analfabeta declarou:

— “Môço aqui em casa só homem vai para escola. Mulher não. Não vê que a gente manda a môça para a escola, ela aprende a escrever, escreve pros namorados e cadê o meu descanso? Não môço, môça escolada só serve pruma coisa, pra dar dor de cabeça nos pais”.

## XLIII

### UM PROFESSOR ANALFABETO

A exemplo do sucedido no Recenseamento de 1940, em que as mais disparatadas respostas foram dadas aos quesitos que investigam a profissão dos informantes, e quando mesmo

um cidadão chegou a responder que a profissão de seu filho de 4 meses era “mamar”, também em 1950 tal ocorrência se reproduziu.

Por outro lado certo Agente de Santa Catarina estranhando que num dos boletins aparecesse registrado o nome de um indivíduo que se dizia “professor” e que, entretanto, na linha destinada à instrução se declarava “analfabeto”, resolveu esclarecer a coisa.

Chegado que foi a casa do recenseado, uma surpresa o aguardava. A resposta estava certa. O homem era mesmo “professor” mas o que êle esquecera de acrescentar é que era “professor de cavalos”, título dado em certas zonas do Estado aos “amansadores” de eqüinos de sela e tração.

#### XLIV

#### DESABAFOS

Uma das atividades mais ingratas que existe em nosso país é, sem dúvida alguma, a de Agente Recenseador. Profissão incerta por temporária, exige de quem a exerce ânimo forte e alto espírito de abnegação.

Entretanto nem todos os recenseadores souberam ou puderam manter a linha de conduta e de serenidade exigidas.

Assim foi que, num boletim chegado ao S.N.R. para apuração, boletim sujo e todo rasurado encontrou-se o desabafo de um desses modestos trabalhadores.

Cansado de riscar e rabiscar o questionário, o que demonstra a luta travada com o informante, o agente, na linha destinada à ocupação do mesmo, extravasou seu aborrecimento escrevendo com letras de talhe raivoso:

— “Êsse cara é doido!”

Outro recenseador exausto, talvez com as tergiversações de outro informante desconfiado e matreiro, rabiscou na margem do questionário do Censo Agrícola aquela quadrinha popular:

“Quem nasceu pra ser dez réis  
Nunca chega a ser vintém  
Quem nasceu pra ser velhaco  
Nunca dá homem de bem!”

XLV

A TRADUÇÃO

Se esta ocorrência não é verdadeira está bem sacada e consta de um dos relatórios censitários.

Certo delegado de Recenseamento, criticando os boletins que lhes haviam sido trazidos pelo agente recenseador, deparou com um questionário horrivelmente preenchido no que tange à ortografia e à caligrafia. Tratava-se do boletim de um cidadão de origem lusitana. Apesar dos pesares era quase que totalmente compreensível e aproveitável. Entretanto, um dos quesitos, justamente aquêle que indaga sôbre o *estado civil do informante*, levantou celeuma na repartição. Isso porque, na linha própria, tinha o declarante escrito duas letras apenas: *Ç.M.*

Quebraram a cabeça os críticos e revisores e nada. Ninguém atinava com a resposta para o problema.

Atrapalhado o delegado, em última instância, mandou novo agente à casa do recenseado e tudo se esclareceu (?)...

Interrogado, o lusitano respondeu:

— “Ora meu senhor. Eu encabulei de dizer às claras a minha situação. Por isso só botei as iniciais. *Ç.M.* — quer dizer *“çuparado da mulher”*”.

XLVI

ANEDOTA

As ordens eram claras. Apurar logo o número de habitantes de cada município pelas próprias cadernetas censitárias, e telegrafar urgentemente o resultado para a Capital.

O Agente Municipal, consciencioso, se muniu logo dos dados do Censo de 1940, referentes aos distritos, para confrontar com os que os agentes recenseadores lhes enviavam para 1950. A coisa estava tôda correndo bem até a chegada da informação de um dos distritos: 265 habitantes. Era muita coincidência. Era mesmo impossível. O Agente Municipal confrontando os dados de 1940 viu lá os mesmos 265 habitantes. Devia ter havido algum engano de interpretação. O seu subordinado na certa lhe mandara o resultado do Censo passado. Telegrafou a êle. Veio a confirmação do resultado.

Preocupado o agente pega o trem e ruma para o distrito. Lá chegando não precisou nem conversar com o recenseador. Comentando o fato com o agente da estação ferroviária este retrucou:

— “É isso mesmo seu agente, o recenseador deve estar certo”.

— “Mas aqui nesses dez anos não morreu ninguém?”

— “Não senhor”...

— “E não nasceu também ninguém?”

— “Ah isso nasceu”...

— “E então?”

Pigarreando encabulado, o chefe da estação esclareceu:  
— “É que aqui sempre que nasce uma criança foge um rapaz”...

## XLVII

### TRISTEZA

Os boletins censitários, se não fôsse o extremo sigilo que os resguardam, atestariam com veemência a situação de decadência moral encontrada em numerosos lares visitados. Não foram poucos os domicílios em que a par da espôsa legítima o recenseador encontrou convivendo sob o mesmo teto outras espécies de consortes...

Em uma povoação de Minas Gerais na ausência da espôsa verdadeira um agente encontrou uma informante que vivia como “agregada” do casal.

Interrogada sobre se era casada ou solteira a pobre môça obrigada a confessar seu “sagrêdo” desabafou:

— Eu nunca me casei sêo môço. Infelizmente dei um mal passo e o senhor sabe como é êsse mundo... Só peço pelo amor de Deus que não escreva nesse papel que eu sou “rapariga” por causa de meu filho. Se não, quando êle crescer, vai se aborrecer de mim. E já em pranto arrematou: Tenha dô sêo môço, se quiser pode botar aí que eu sou ‘solteira usada’...

## XLVIII

### O ADVINHO

Um dos quesitos do boletim censitário que mais trabalho deu aos recenseadores foi, sem dúvida alguma, o referente a idade dos informantes.

Isso porque, falho como ainda é o nosso serviço de Registro Civil, enseja pelas suas deficiências, o surgimento de enorme cabedal de disparates nas respostas a serem dadas ao quesito.

Um declarante informou ter nascido na sexta-feira maior, outro no mês da jabuticaba, ainda outro, quando o Floriano Peixoto deixou o govêrno, mais outro, quando Frei Davi chegou na vila. E assim por diante.

Isso para não falarmos das mulheres, que, quer seja nas cidades, nos subúrbios ou nas roças, são sempre as mesmas no desejo de encolher ou esconder a idade...

Em Santa Catarina, por exemplo, o Recenseador esbarrou com uma velhota renitente. Para ela tudo estava certo no questionário menos a pergunta sôbre a idade.

— “Mas que govêrno *xerêta*, resmungou ela, eu estou com 65 anos e nunca ninguém me obrigou a dizer minha idade. Nunca dei minha idade a ninguém e não vou dar agora”...

Até hoje a “vovòzinha” não sabe como o recenseador “descobriu” e quem lhe contou que ela tinha 65 anos...

## XLIX

### O CALENDÁRIO

Como já frisamos, e é do conhecimento geral, o nosso Registro Civil é ainda deficientíssimo. Nas épocas de Recenseamento, entretanto, é que tal deficiência mais se faz notar. Gente dos sertões, que nunca precisou de “papéis”, de repente se vê na necessidade de prestar informações sôbre certos assuntos até então não cogitados de sua vida pessoal.

Martírio dos agentes, repetimos, foram as respostas dadas ao quesito referente a idade constituindo algumas delas verdadeiros quebra-cabeças. Eis alguns exemplos:

“Ele nasceu no ano do escuro (eclipse)”

“Eu nasci no tempo do rabicho de corda. (?) (RN)”.

“Nasci quando chegou aqui aquelas galinhas do pescôço pelado”.

“Ele nasceu naquele tempo daquela gripe matadeira”...

E assim por diante. Foi por isso que aquêle recenseador cauteloso de Pernambuco sondou primeiro os “maiorais” do

lugarejo que ia recensear e preparou o seguinte calendário para uso próprio:

Mês de Santana .....	Julho
Mês de Festa .....	dezembro
Ano da revolta .....	1926
Ano das enchentes .....	1875
Ano do carôço (bubônica) .	1925
Ano da mandioca fôfa ....	1898

E o curioso, mas útil calendário, se estendia por páginas e páginas...

## L

### QUE ESTADO

Nem sempre foi possível aos delegados censitários encontrar recenseadores à altura da tarefa. Isso motivou, em alguns setores, o aparecimento de erros quase sempre e felizmente passíveis de correções a par de umas poucas “gaffes” irremediáveis.

Houve um recenseador de Minas Gerais que, não sabemos porque cargas d’água, foi convencido por um informante baiano, que êle informante não era brasileiro nato e sim naturalizado.

Dai em diante, todo o baiano que o recenseador encontrava, punha no boletim: “brasileiro naturalizado”...

Ainda em Minas Gerais houve uma informante idosa, que se scandalizou tôda quando o recenseador perguntou o Estado em que ela nascera, retrucando:

— “Uai chentes! Então “vancê” num sabe que gente só nasce em “estado de nu?”

## LI

### CÔRES TROCADAS

Quem disser que não há nenhum preconceito de côr no Brasil e que os negros não se sentem constrangidos em face da pigmentação de sua pele é porque nunca estêve na pele de um prêto ou de um recenseador...

Se estivesse na pele dêles acabaria como o espanhol da anedota, declarando convencido: Eu não digo que exista preconceito total, mas que existe algum? — Existe. . .

De Santa Catarina chegou-nos o relato de um grave incidente surgido pelo fato do agente ter registrado a designação “preta” em resposta ao quesito referente a côr de uma informante bem caracterizada nesse tipo racial.

Arreliada ela queria, e por tôda a fôrça, que o agente substituísse o têrmo por “morena escura”.

Caso inverso sucedeu com outro recenseado o qual, como tudo indica, não estava muito satisfeito com as prendas físicas de sua consorte que, muda, assistia do quintal o interrogatório.

Perguntado pela côr dela que era “branca”, amorenada pelo sol dos campos, o chefe da casa respondeu áspero:

— “Bota, preta!”

— “Mas preta, retrucou o agente, eu acho que sua consorte não tem nada de preta”.

— “Ora môço não perde tempo, bota preta mesmo. Isso tem jeito de gente branca? Ainda por cima capenga e vesga... Até parece que o senhor está mangando de mim. O senhor acha que ‘isso’ que está aí é lá “consorte?!”. . .

## LII

### PIOR A EMENDA

O Agente de Estatística estava preocupadíssimo com o baixo nível cultural dos recenseadores que conseguira recrutar.

E não era para menos. A três por dois os boletins censitários consignavam entre outros senões a corruptela de nomes próprios apresentando relacionados inúmeros “Jucas”, “Quincas”, “Zucas” etc.

Estava o referido Agente examinando questionários de um dos seus subordinados quando deparou com um prenome “CIRÇO”. Virando-se para outro recenseador que por acaso se achava a seu lado, explodiu, exemplificando com a ocorrência as dificuldades com que lutava:

— “Veja só. Êsse seu colega descobriu um “CIRÇO” por aqui. Um “CIRÇO”! Veja só o que me faltava!”. . .

— “É isso mesmo seu Agente, retrucou o “colega”, êsse cara é mesmo burro e preguiçoso”. E triunfante: — “Eu mesmo que não sou daqui, se sair pela cidade encontro pelo menos uma meia dúzia de “CIRÇOS”!”... .

### LIII

#### NOMES “IMPRÓPRIOS”

Apesar da legislação que rege a matéria, mòrmente no interior do País, persistem os responsáveis pela denominação das crianças a designá-las com nomes extravagantes e absurdos.

Relacionamos abaixo uma série de nomes “próprios” colhida a esmo nos boletins Censitário de 1950:

Androsolino, Espertina, Sincério, Sonêgo, Azenate, Agatêo, Biata, Galdioso, Corizanda, Maravalho, Duduto, Dovirgia, Germaceira, Genialdo, Xandu, Merizoldo, Quinquino, Vufilda, Bandergesio, Vivarde, Timusa, Porcidio, Santo Antônio, Hino Brasileiro, Perfume, Bradamento, Conversandes, Oceano, Otimmo, Escapulário, Tercolina, Abdenêzio, Abismael, Aldileza, Cirler, Edenos, Gertulino, Imbecuruba, Iscaria, Jubilino, Lier, Lundra, Mabet, Metodo, Nassanta, Nato, Nativo, Ozonia, Noete, Ortelina, Osunita, Obidiel, etc. . .

Como se isso não bastasse, um recenseador de Santa Catarina avisou, num boletim, que o próximo recenseamento deverá encontrar mais dois brasileiros nascidos após o Censo realizado e batizados com os nomes de Ponto e Vírgula. . .

### LIV

#### SEXOS TROCADOS

Dois episódios idênticos em suas origens foram registrados por agentes de Ceará e de Minas Gerais, o que confirma o fato bem real de que as populações sertanejas, afastadas dos centros de cultura, temem o sorteio militar. Ao falarem em “Recenseamento” os agentes despertam nos moradores dêsses lugarejos, como que uma lembrança e um mêdo do temido “recrutamento”.

Assim é que, no Ceará, uma chefe de família declarou o nome de seus filhos todos no feminino: João passou a ser

Joana, José a Josefa, Sebastião a Sebastiana e assim por diante.

Descoberta a tempo a fraude, o recenseador pediu, delicadamente, explicações a recenseada que se escusou:

— “É porque assim o govêrno não chama êles para a guerra”...

Em Minas Gerais um cidadão foi mais longe. Registrou, em cartório, o filho com o nome de “Antônia” e ante a estranheza do agente ponderou: O Senhor pode achar esquisito, mas é que eu sou um homem prevenido. Quando meu filho crescer o govêrno nem sabe que êle é homem para mandar pra guerra porque, “legalmente”, “êle é mulher”.

## LV

### QUANTOS NESTE CASO?

Em Nova Trento, Santa Catarina, o agente de estatística, no intuito de treinar os recenseadores resolveu promover um recenseamento simulado para aquilatar também o grau de aproveitamento de seus subordinados. Escolhido um lavrador para prestar os informes, êsse, meio desconfiado, perguntou:

— “Môços, isso não é a valer, não é? Isso não vai para o govêrno, vai?”

— “Não meu amigo, frisou o Agente, isso, êsses boletins, serão entregues ao senhor que pode até rasgá-los se quiser”.

Descançado, o lavrador deu todos os dados solicitados.

Chegado o dia do Recenseamento, o lavrador foi novamente interrogado, sendo avisado de que desta vez, era pra valer, devendo tôdas as respostas serem dadas com tôda a veracidade.

Acabado o lançamento veio o cafêzinho e o recenseador, por curiosidade, pediu para confrontar o novo boletim com o preenchido anteriormente.

Surprêsa! A produção tinha diminuído e as despesas aumentado!

Ante a surprêsa do recenseador o lavrador com um sorriso matreiro esclareceu:

— É isso mesmo seu môço. Aquêle primeiro boletim era só pra nós, não era pra valer. Nesse novo, que é pra valer, não vê que eu vou dizer que tive lucro! Eu sei lá pra que o govêrno quer tanta informação do que eu tenho?”

LVI

FOTOGRAFIAS

Já no Censo de 1940, aquêlê cartaz ‘O Censo é o retrato da Pátria’ fêz com que vários recenseadores fôssem tomados por fotógrafos. Os efeitos da propaganda, oriundos dêsse cartaz, parece que se estenderam até o Censo de 1950, pois, em alguns lugares, o fato se repetiu.

Em Pouso Alegre, Minas Gerais, chegando o recenseador à casa de uma informante, apresentou como credencial sua carteira com retrato.

A dona da casa mirou, revirou curiosa o documento e, pesarosa, desabafou:

— “É môço. O retrato sai muito bem tirado. Pena é nós não ter dinheiro pra gastá com êsses luxo” . . .

Já no Maranhão foram confeccionados volantes sob o título “Retrato de corpo inteiro do Brasil” cujo final estava assim redigido: “Depende, portanto, do informante a fidelidade do retrato de corpo inteiro que o IBGE vai tirar de todo o Brasil em 1950”. Não sabemos de onde partiu a deturpação. O fato é que, poucos dias depois de ter sido divulgado o folheto em tela, começaram a chover na delegacia censitária retratos de todos os tamanhos. De velhos, môços e crianças de ambos os sexos. Desnecessário será dizer que quase todos os retratos recebidos eram de “corpo inteiro”.

LVII

POLÍTICA

Um dos fatôres negativos, no que tange à época em que se realizou o Censo de 1950, foi a coincidência do Recenseamento com a campanha eleitoral para escolha do Presidente da República.

Acreditamos que os vários incidentes desagradáveis, de côr política, ocorridos, se verificaram, exclusivamente, por êsse motivo.

Num vilarejo do Ceará, por exemplo, um cidadão se obstinou em negar os informes enquanto não tivesse certeza se a “alistagem censitária” era a favor dos ‘honoristas’ (seguir-

dores de um coronel Honório, habitante local) ou dos “brigadeiristas”.

Já em Congonhas, Minas Gerais, outro cidadão agiu de modo pouco diverso. Deu com prazer tôdas as informações, serviu o clássico cafèzinho, bateu um bom papo mas... na hora de assinar... não assinou!

Negou-se e negou-se firmemente. Por mais que o agente insistisse, explicando as finalidades do Censo o homem se esquivava:

— “Não é possível môço! Aqui em casa ninguém assina papel nenhum. O Capitão Zeca, deu ordem a nós todos pra não assinar nada que nós somos eleitores dêle...”

Ainda em Minas, na localidade de Laranjal, outro recenseador deparou com um informante aparentemente mudo. Não respondia, de forma alguma, a nenhuma pergunta. Instado enèrgicamente pelo recenseador a prestar as informações o homenzinho se abriu de uma vez:

— “Deixa de besteira homem! Vancê está perdendo seu tempo. Nós aqui só vota é com o partido do doutor Pedrinho”!...

## LVIII

### PRÓS E CONTRAS

Em São Paulo de Olivença, Amazonas, o recenseador encontrou sérias dificuldades para recensear alguns silvícolas semicivilizados. Um dêles, mais falante, chegou mesmo a se irritar:

— “Vai embora daqui! Porque o govêrno não manda roupa, terçado e machado para nós fazermos roça? Só quer saber de homem? Nós não somos filhos do govêrno! Não temos de dar nossos nomes nem pra êles nem pra ninguém!”

O impasse estava criado quando alguém teve a idéia salvadora de apelar para um nome mágico na Região:

— “É pena que vocês não queiram ser contados... O General Rondon vai ficar muito triste com isso”...

Foi o suficiente. A tribo tôda se deixou recensear sem mais dificuldades.

Enquanto o “govêrno” estava assim “desmoralizado” no Amazonas, em Minas Gerais um caboclo ao ser recenseado,

virando-se para um amigo que, curioso, acompanhava a marcha do interrogatório, comentou orgulhoso:

— “Tá vendo cumpadre, o doutô Getúlio é bão mesmo! Ainda não entrô para o govêrno e já está fazendo o recenseamento pra sabê o que que nós precisa!”

## LIX

### TEMOR RELIGIOSO

A verdade é que, se o clero católico romano, por qualquer razão, não o quisesse, nem à viva fôrça se faria um recenseamento no Brasil.

A par do mêdo aos impostos, ao recrutamento militar, e às cabalas políticas, o nosso homem do interior, de um modo geral, acrescenta como empecilho aos censos suas crendices religiosas.

Em Santa Rita, Minas Gerais, só depois de “provar” que o recenseamento visava mostrar quantos “católicos” havia na terra e no Brasil foi possível completar a tarefa.

Em outra localidade dêsse mesmo Estado o recenseador foi recebido com lôas, “benzimentos” e preces, porque julgavam-no o temido “Anticristo”.

Ainda em Minas uma informante só permitiu a entrada do agente em sua casa, depois de se assegurar que “o môço era aquêle a quem o padre se referia favorável na missa de domingo”. E externou logo de saída, uma idéia de sua “impressão” sôbre as finalidades do censo:

— “O senhor pode entrar. E conte sempre com nós para acabar com os protestantes”...

Em Cruzeiro, São Paulo, uma recenseadora passou também por maus pedaços. Agressiva, a informante se negava a dar “informações para o Govêrno”. — “Não dou conta de minha vida para ninguém”, gritava ela.

Sabem como foi resolvido o caso? Em última instância o chefe da recenseadora, o Agente Municipal, com autorização do vigário local, se apresentou a recalcitrante como ajudante de sacristão e, só assim, essa cidadã e sua família foram incluídas no retrato censitário dessa bela Pátria.

LX

A “DOUTORA”

De José Ayres de Souza Filho, ibgeano da velha guarda, ouvimos esta para concluir:

Rômulo Coelho, também do período da fundação do Instituto, percorria a zona rural da Capital da República realizando o recenseamento agrícola em 1940, quando, a partir de determinada localidade, os terrenos todos, segundo os declarantes eram de propriedade de uma tal doutora. Por mais que interrogasse os recenseados de nenhum deles conseguiu obter o nome da doutora dona de tanta terra. Intrigado procurou a secção competente da Prefeitura e nesta teve uma surpresa. As terras não eram de nenhuma doutora. Constituían, elas de longa data, patrimônio público, reservado à serventia da *adutora* local.

**X**

**Legendas de  
propaganda . . .**

**Ilustrações  
de  
Marcus Vinicius**

## **É DE AMPLO CONHECIMENTO PÚBLICO QUE O RECENSEAMENTO TEM POR FINALIDADE PROPORCIONAR:**

### **EM PARTICULAR:**

1. Informações seguras acêrca da realidade nacional, orientando, assim, a Administração Pública.
2. Sugestões às entidades competentes para o estabelecimento de providências imprescindíveis e benéficas à coletividade.
3. Indicações da existência de males para aplicação da terapêutica necessária.

### **EM GERAL:**

1. Meios precisos ao comércio e à indústria para o desenvolvimento de seus negócios.
2. Elementos firmes em tôrno das virtualidades e possibilidades de uma região geográfica.
3. Números fiéis a respeito de qualquer fenômeno demográfico, ou social, ou econômico, ou cultural, ou administrativo.

### **EM NOSSA PÁTRIA O RECENSEAMENTO JAMAIS CONTRIBUIU:**

1. Para a criação ou elevação de impostos.
2. Para a revelação de dados individuais, duma empresa comercial ou industrial, ou entidade religiosa, ou cultural, ou social.
3. Para o conhecimento público de situações ilegais, desde que essas não afetem a segurança ou a estrutura da Nação.

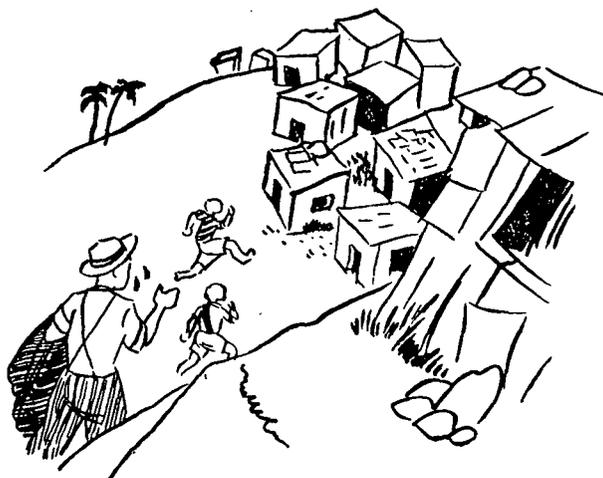


ENTRETANTO, apesar da clareza das finalidades censitárias, vejamos o que aconteceu durante a execução de um Recenseamento:

## RETRATISTAS DO GOVERNO...



QUÊLE cartaz de propaganda do Recenseamento de 1940 que dizia: “O Censo é o retrato da Pátria” fêz “sucesso” no morro da Favela, Distrito Federal. Invariavelmente o Recenseador era recebido à porta das casas pela gurizada em alvoroço:



— MAMÃE! MAMÃE! ESTÁ AÍ O “RETRATISTA” DO GOVERNO...

*O Recenseamento se assemelha mais a uma radiografia do que a uma fotografia, porque, além de fotografar as ocorrências, revela ainda, tal como o Raio X, realidades ocultas aos simples exames superficiais.*

## MÁ COMPANHIA...

**N**UM arraial perdido no interior de Minas Gerais, um perigoso facínora, que atendia pelo nome de Domiciano encontrando um Agente Recenseador, numa estrada deserta “obrigou” a êsse que o incluísse no “Retrato da Pátria”. Sabedores do ocorrido, os chefes de família das redondezas, revoltados, compareceram em grupo na delegacia censitária, onde exigiram:



- O DOMICIANO TEM QUE SAÍ DESSE NEGOÇO, “SEU” DELEGADO!
- ?!!!
- VANCÊ NÃO VÊ LOGO QUE AS DONZELA NOSSA FIA NÃO PODE APARECÊ NO TAR “RETRATO DA PÁTRIA” JUNTO COM ÊSSE CABRA DESABUSADO?!

*Para o bom êxito de um Recenseamento ninguém pode ser desprezado. Êle interroga o Presidente da República e seu contínuo, o prêto e o branco, o brasileiro e o estrangeiro, o rico e o pobre, o marechal e o soldado, o patrão e o empregado, o Juiz e o presidiário.*

## REMÉDIO CENSITÁRIO



ERTO cartaz de propaganda censitária afixado na parede de uma farmácia do Triângulo Mineiro provocou confusões.



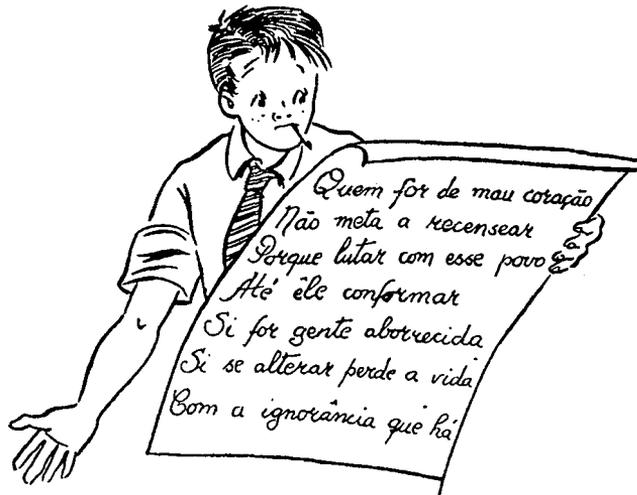
— SIÔ JUCA, É MUITO CARO UM VIDRO DESSE TAR RECENSEAMENTO?!!!

*O Recenseamento em si não é um remédio. Ele aponta somente as partes do organismo nacional que estão sãs e as que necessitam de medicamento.*

## DESABAFO VERSEJADO



UM Agente Recenseador de Panelas, Pernambuco, diante das incompreensões e das dificuldades que encontrou no desempenho de sua missão, desabafou em relatório versejado, dirigido aos seus superiores:



O Recenseamento faz bem a todos, não prejudicando ninguém. Dificultar a nobre missão do Recenseador é reflexo de pura ignorância ou então de falta de espírito de brasilidade.

## ATÉ O “SEU” VIGÁRIO ?

**E**M Altinho, Pernambuco, alguns cidadãos, vendo o vigário local promover manifestações favoráveis ao Recenseamento, que êles julgavam ser “obra daninha comentavam surpresos:

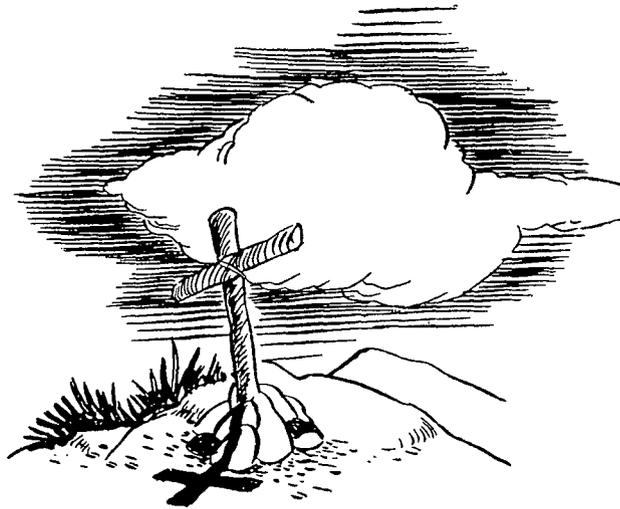


— VEJA VANSMICÊ, CUMPADI! ATÉ O SEU VIGARIO TÁ CUM “ÊLES”. TÁ CUMPRADO TAMÊM!

*O Clero esclarecido sempre auxiliou o Recenseamento. Rezam as crônicas que o próprio Jesus Cristo, voluntariamente, várias vêzes se apresentou, para ser recenseado, às autoridades da terra em que viveu.*

## ESPÍRITO DE BRASILIDADE

**E**m Goiânia, Goiás, o Recenseador Orcalino Mariano de Deus, que se ofereceu, como voluntário, para recensear o vale do rio Paranã, onde campeava motífero impaludismo, perdeu, no decorrer do trabalho, seu filho único, que o auxiliava, vitimado pelas febres. Aos que tentaram dissuadi-lo de prosseguir a tarefa, em face dos perigos a que se expunha, êle respondeu:



— NÃO PARO! EU E MEU FILHO ASSUMIMOS UM COMPROMISSO PARA COM A NOSSA PÁTRIA! DEUS NÃO QUIS QUE ÊLE PROSEGUISSE, MAS EU, EU SÓ PARAREI TAMBÉM SE ÊLE ASSIM O QUISER!...

*Em alguns lugares do interior do Brasil, a tarefa censitária exige, ainda, dos recenseadores elevado espírito público e vigoroso senso de patriotismo.*

## POBRES BICHOS!...



Em Bom Conselho, Pernambuco, o Agente, depois de preencher o boletim agrícola de um informante, seguiu seu caminho. Passava, à noite, de volta, pela estrada quando recebeu uma denúncia:



— MOÇO, O PESSOÁ DAQUELE RANCHO QUE VOSMICÉ FOI DIMINHÁ ESTRAGARO SEU BULETIM. ÊLES MATARO TODOS OS BICHO PRU MÓDE O GUNVERNO NÃO VI TOMÁ DÉLES...

*Vários Recenseamentos Gerais foram realizados no Brasil. Até hoje nunca se soube de um só caso em que o Govêrno ou quem quer que seja tivesse "tomado" qualquer coisa que alguém declarasse possuir, num boletim censitário.*

## PROFISSÃO ORIGINAL



M Santarém, Pará, na linha do questionário destinada a especificar a profissão do informante, entre outros disparates alguém deu a seguinte resposta:



— A PROFISSÃO DE MEU FILHINHO É MAMAR...

*Responder, de 10 em 10 anos, ao boletim do Recenseamento não chega a ser um sacrifício...*

*Quanto mais corretas, sérias e leais sejam as respostas, tanto melhores e mais amplos serão os estudos que elas ensejarão em benefício da coletividade.*

## GENTE ABELHUDA



UANDO um dos Agentes que recensearam o Município de Afonso Pena, na Bahia, começou a interrogar uma preta velha para preencher o seu boletim censitário ela explodiu, revoltada:



— ÓIA, SEU MOÇO: É BÃO PARÁ CUM ESSAS PREGUNTA. EU NÃO ME METO NA SUA VIDA NEM NA DO GÜVERNO. PUR ISSO ME DEIXE EM PAZ. É BOM PARÁ, MOÇO, QUE EU NÃO GOSTO NADA DE GENTE ABEIUDA.

*O Recenseador não é abelhudo. As informações que êle solicita, além de constituírem segrêdo de honra garantido pelas leis, são posteriormente codificadas e, depois, transformadas em números, o que impede, para sempre se possa identificar a pessoa que as prestou.*

## O CENSO EXCONJURADO...

**N**UM arraial de Alagoas, um informante de condição humilde, temendo que o Recenseamento fôsse uma coleta de nomes para uma organização diabólica de ateus só forneceu as informações depois de mandar benzer a sala em que ia prestar as declarações. Quando o Agente chegou, êle o afrontou, impávido:



— MOÇO! AGORA NÃO TENHO MAIS MEDO. PODE “ENCOMENDAR” O SEU “TRABAIO”.

*O Recenseamento não tem caráter político ou religioso. Sua política se resume em fixar e descrever a realidade nacional. Sua religião é bem servir ao Brasil e aos seus habitantes, independentemente dos credos políticos ou religiosos que êstes professem.*

## O JUSTO PELO PECADOR?...

**U**m Recenseador do Estado do Pará, encontrando um informante casado duas vezes, comentou o caso, chegando o mesmo, por isso, aos ouvidos das autoridades policiais. Nada aconteceu ao bígamo amparado pela lei do segredo censitário. O Agente, sim, é quem foi prêso e processado:



— UEH! EU É QUE FICO NA CADEIA?!!!

*Leis severas estabelecem e garantem o segredo rigoroso em que devem ser mantidas as informações prestadas ao Agente Recenseador. No Brasil nunca se verificou um só caso em que qualquer informação correta tenha sido divulgada ou utilizada em prejuízo de quem a prestou.*

## HORROR À GUERRA

**H**M Afonso Pena, Bahia, um Recenseador teve imenso trabalho para colhêr, de uma senhora, as informações sôbre seu filho de 2 anos. Concluíra sua tarefa quando, para surprêsa sua, a pobre mãe explodiu em pranto:



— MEU DEUS!... PRUQUE EU DEI US NOME? ANTES EU VISSE MEU FIO MURDIDO PUR UM CACHORRO DANADO DO QUE TÊ DADO O NOME DELE PRA TAR DE GUERRA MISERAVE!...

*“Recenseamento” não é “Recrutamento”. As Fôrças Armadas têm seus fichários próprios e nunca recorrem às informações censitárias para efeito de “Alistamento Militar” ou “Convocação”.*

## E ENTÃO?



DELEGADO Censitário de Muritiba, Bahia, foi abordado por um informante que lhe perguntou se um Recenseamento custava muito caro ao govêrno. Sabedor da quantia que, mais ou menos, é dispendida numa operação dessa natureza, êle respondeu:



- HOME, EU BEM TINHA REIZÃO! ISSO ANTÃO VAI MESMO É ACABÁ EM IMPOSTO!
- ?!!!
- O DOTÔ NÃO VÊ LOGO QUE O GUNVERNO NÃO PREGA PREGO SEM ESTOPA? ANTÃO O DOTÔ NÃO ACHA QUE ÊLE VAI GASTÁ ÊSSE DINHEIRÃO TODO P'RA DEPOIS NÃO TIRÁ NADA DA GENTE?

*É idéia falsa a de que o Recenseamento se destina a elevação de impostos. Vários Recenseamentos Gerais foram até hoje realizados no Brasil e nenhum dêles contribuiu para essa finalidade.*



## TROVAS CENSITÁRIAS

(adaptação)

CARMO BERNARDES  
Violeiro Goiano



PESSOÁ tinha acabado a mastigação e estava se espaiando no terrero. Derrepente a musga ficô quieta. Eu nem sei cumo a coisa começô. Só vi o pessoá fazendo róda no redor de um cabra que tinha aparecido temperano u'a viola e que repinicando o tom em treis sustenido mandô as cumida:

Eu vim até meo doente  
Pagodiá nesta função  
Trazenu minha viola

Pra encontrá um sabichão  
Esparramadô de papé  
Moradô lá no Matão.

Eu peguei o pião nas unha. O cabra bolia comigo porque eu ajudava o Recenseamento distribuindo os boletins censitário. Arreliado arresorvi imbruiá as frarda da camisa cum o tar violeiro.

Trate mais bem cumpanheiro  
Um home de inducação  
Qui eu tamém só batizado

Mas num é pur sabichão  
Esparramadô de papé  
Moradô lá no Matão...

O Zé arrebateu e eu pisei nus calo dele pur ahi a fora:

1 — Zé

Eu vô te contar meu nome  
P'ra nois podê cunversá  
Eu me chamo Zé Batista  
E nasci só p'ra cantá  
Nunca achei um violeiro  
Qui pudesse me empatá

2 — Carmo

Eu também te conto o nome  
P'ra ocê ficá sabeno  
Me chamo Carmo Bernardes  
Sô criado no sereno  
Como e bebo da vióla  
Desde os tempos de pequeno

3 — Zé

Intão indireita o corpo  
P'ra mi dá ispricação  
Sel qui aqui num é iscola  
Mas eu quero u'a lição  
Sobre o tar Recenseamento  
Qui ouvi falá no Matão

4 — Carmo

Recenseamento meu caro  
Vô te dá ispricação  
É só para u bem do povo  
O gunverno tem razão  
Pois agora é qui o Brasil  
Cumeçou a ficar "bão"

5 — Zé

Num me consta esse "bão"  
Qui tu anda ahi falano  
Tenho sido tão direito  
Pago imposto todo o ano  
E num vejo nem iscola  
P'rus fio qui estô crialo

6 — Carmo

Pense um pouco cumpa-  
nheiro  
P'ra falá tanta irizia  
Tu pensa qui u mundu sabe  
Qui ocê tem tua famia?  
Ninguem póde adivinhá  
Os fio qui vamcê cria!

7 — Zé

Antão a gente percisa  
Declará nossa tristeza?  
Antão há de ser pur isso  
Qui nós não temus riqueza?  
Qui nu meo da fartura  
Nós vivemus na pobreza?

8 — Carmo

É isso ninguem num sabe  
As nossa necessidade  
Nós percisamu dizê  
P'ra gosá felicidade  
Todos devem ajudá  
A esclarecê a verdade!

9 — Zé

Pois eu fico inté alegre  
Cum a lição que aprendi  
Já sel que Recenseamento  
É que vem nos acudi  
Me dê logo uns boletim  
Tamém vô distribuí

10 — Carmo

E o gunverno vai sabê  
Si os fio na escola estão  
E também si tem estrada  
Que sirva a população  
Pois esse Recenseamento  
Vai sê memo um trabalhão...

11 — Zé

Pois intão meu cumpanheiro  
Póde chegá mais p'ra cá  
Que contigo eu cuncordei.  
E o som de nossas víola  
Nós devemo entrelaçá  
E us Gunverno do' país  
Unidos vamos sardá!

E ansim, acabou a festança cum vivas, abraços e meio copo de caninha da bôa que eu engeitei pesaroso porque u'a morena cô de lombo assado estava me esperano...

COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DO SERVIÇO  
GRÁFICO DO I.B.G.E., EM  
LUCAS, D.F., BRASIL